

LEGADO ROUBADO

Os Gregos não foram os autores da
Filosofia Grega, mas o povo da África do Norte
comumente chamados Egípcios, foram.

Por George G. M. James

...

LEGADO ROUBADO

Filosofia Grega é Roubada
Filosofia Egípcia

por
George G. M. James

...

...

Primeiramente Publicado

por George G. M. James 1954

...

...

George G. M. James

...

Biografia

Dr. George G. M. James e o legado roubado do povo Africano

“O termo filosofia Grega, para começar, é um equívoco, pois não há tal filosofia em existência.”

Dr. George Granville Monah James nasceu em Georgetown, Guiana, América do Sul. Ele foi filho do reverendo Linch B. e Margaret E. James. George G. M. James alcançou os graus de Bacharel em Artes, Bacharel em Teologia e Mestrado em Artes pela Universidade de Durham na Inglaterra e foi um candidato lá para o grau de Doutor em Letras. Ele conduziu pesquisas na Universidade de Londres e fez trabalho de pós-graduação na Universidade de Columbia onde leu para seu Ph.D. Dr. James alcançou um certificado de ensino no Estado de Nova York para ensinar matemática, latim e grego. James mais tarde serviu como professor de Lógica e grego na faculdade Livingston, em Salisbury, Carolina do Norte por dois anos, e, eventualmente, lecionou na Universidade de Arkansas, Pine Bluff.

Dr. James foi o autor do amplamente divulgado Legado Roubado: Os Gregos Não Foram Os Autores da Filosofia Grega, Mas as Pessoas do Norte de África, Comumente Chamados de Egípcios – um texto polêmico originalmente publicado em 1954 e reeditado várias vezes desde então. Professor William Leo Hansberry revisou o Legado Roubado no Jornal de Educação Negro [Journal of Negro Education] em 1955, e notou que:

“Em Legado Roubado, um autor com uma paixão pela justiça e a verdade defende uma tese surpreendente com a qual a maioria dos leitores do pequeno volume – Helenófilos – em particular -, irá, sem dúvida, discordar totalmente. Nesta obra, Professor James se atreve a lutar e Trabalha para provar, entre outras coisas, que “os Gregos não foram os autores da filosofia Grega”, que a “então-chamada filosofia Grega” foi baseada a princípio sobre idéias e conceitos que foram emprestados sem reconhecimento – de fato “roubados” – dos antigos Egípcios por alguns Gregos rebeldes e desonestos.

Legado Roubado foi escrito durante a permanência do Dr. James na Universidade de Arkansas em Pine Bluff. Até hoje, não há, nem mesmo uma cópia do livro na biblioteca da Universidade. Não há nenhuma estátua ou busto do Dr. James no campus. Não há nenhuma placa do Dr. James decorando as paredes do campus. Não há, nem mesmo um certificado que note a existência do Dr. James ou mesmo que ele viveu. Isto em uma Faculdade historicamente Preta!

A trágica morte do Dr. James, sob circunstâncias misteriosas, supostamente, veio logo após a publicação do Legado Roubado. Até a data, nenhuma biografia significativa de James foi apresentada.

...

george G. M. James photo 2

...

...

Legado Roubado: Filosofia Grega é

Filosofia Egípcia Roubada

George G. M. James, Ph.D.

Universidade de Arkansas, Pine Bluff

...

Muito tem sido escrito sobre o roubo e plágio Gregos dos conceitos do Vale do Nilo, os quais têm sido referidos como “legado roubado”.

Este termo foi popularizado pelo recente George Granville Monah James, em seu livro intitulado Stolen Legacy [Legado Roubado].

O Professor James foi um homem culto e possuía graus e certificados de ensino em teologia, matemática, Grego, Latim, lógica, filosofia e ciências sociais. Stolen Legacy [Legado Roubado] foi escrito em um momento crítico na história Americana e foi publicado em 1954, o mesmo ano da decisão do Supremo Tribunal de Justiça sobre ‘Brown vs Board of Education’ [“Brown vs Conselho de Educação”].

James era um professor na Arkansas A. & M e na Universidade de Arkansas em Pine Bluff em 1954.

Ele morreu sob circunstâncias misteriosas logo após a publicação de Stolen Legacy [Legado Roubado].

O Dr. James foi um estudioso brilhante, cujo pensamento transcendeu as fronteiras do pensamento acadêmico tradicional. Ele re-examinou seus pontos de vista sobre história Africana e civilização Grega depois de ler os escritos de C. H. Vail, Swinburne Clymer, E. A. Wallis Budge, Godfrey Higgins e outros. De acordo com um ex-colega, o notável historiador Dr. Yosef Ben-Jochannan, estes e outros historiadores tiveram um profundo impacto sobre James.

Este trabalho foi publicado originalmente em Nova York pela Biblioteca Filosófica [Philosophical Library] em 1954.

O autor também escreveu os seguintes panfletos:

1. Health Week in New Castle [Semana da Saúde em New Castle];

Intermarriage [Casamento Misto] (publicado em Londres, Inglaterra);

Black People Under Germany [O Povo Preto sob a Alemanha] (publicado em Nova York);

The Need of a New Education for the Subject Peoples of the World [A Necessidade de uma Nova Educação para os Povos Sujeitos do Mundo (publicado em Arkansas, EUA);

The Probable Causes of Religious Apathy in Our Institutions of Higher Learning and the Proposal of a New Naturalism [As Prováveis Causas de Apatia Religiosa em Nossas Instituições de Ensino Superior e a Proposta de um Novo Naturalismo (publicado em Arkansas, E.U.A.).

E em segundo lugar, ele também é o autor dos seguintes artigos, intitulados:

The Church and the New Mentality [A Igreja e a Nova Mentalidade];

The Religion is an Inductive and Progressive Science [A Religião é uma Ciência Indutiva e Progressiva];

The Anti-Classical Wave [A Onda Anti-Clássica];

The First Step In Negro Reconstruction [O Primeiro Passo Na Reconstrução Negra];

Know Thyself [Conhece a Ti Mesmo] (uma série de 12 artigos publicados no New York Age e no Zion Quarterly);

The Influence of Mathematics Upon the Mentality and Character of Students

[A Influência da Matemática sobre a Mentalidade e Caráter dos Estudantes]

(publicado no Georgia Herald).

...

...

Legado Roubado – George G. M. James

Pg. 9 – 13

Conteúdo do Livro e Introdução

...

...

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

(a) Características da Filosofia Grega;

(b) Os objetivos do Livro

PARTE I

CAPÍTULO I

FILOSOFIA GREGA É FILOSOFIA EGÍPCIO ROUBADA

1. Os ensinamentos dos Mistérios Egípcios alcançaram outras terras séculos antes de alcançar Atenas;
2. A autoria das doutrinas individuais é extremamente duvidosa;
3. A cronologia dos Filósofos Gregos é mera especulação;
4. A compilação da história da Filosofia Grega foi o plano de Aristóteles executado por sua escola.

CAPÍTULO II

A CHAMADA-FILOSOFIA GREGA ERA ESTRANHA PARA OS GREGOS E SUA CONDIÇÃO DE VIDA

O período da Filosofia Grega (640-322 a.C.) foi um período de guerras internas e externas e era inadequado para a produção de filósofos.

CAPÍTULO III

FILOSOFIA GREGA FOI FRUTO DO SISTEMA DE MISTÉRIO EGÍPCIO

1. A teoria Egípcia de salvação tornou-se o objetivo da Filosofia Grega;

2. Circunstâncias da identidade entre os sistemas Egípcio e Grego são mostrados;

3. A abolição da Filosofia Grega com os Mistérios Egípcios os identifica;

4. Como o Continente Africano deu sua cultura para o mundo ocidental.

CAPÍTULO IV

OS EGÍPCIOS EDUCARAM OS GREGOS

1. Os efeitos da Conquista persa;

2. Os efeitos da conquista do Egito por Alexandre, o Grande;

3. Os egípcios foram os primeiros a civilizar os Gregos;

4. Alexandre visita o Oráculo de Amon no oásis de Siwah.

CAPÍTULO V

OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS E OS ENSINAMENTOS QUE LHE SÃO ATRIBUÍDOS

1. Os anteriores filósofos Jônicos e suas doutrinas;

2. Pitágoras e suas doutrinas;

3. Os filósofos Eleáticos e suas doutrinas.

4. Os posteriores filósofos Jônicos e suas doutrinas;

5. Resumo das conclusões sobre os filósofos Pré-Socráticos e a história das quatro qualidades e quatro elementos.

(a) As doutrinas dos primeiros Jônicos, os Eleáticos e os posteriores filósofos Jônicos e Pitágoras são rastreados para a sua origem Egípcia;

(b) A doutrina das Quatro Qualidades e Quatro Elementos é rastreada para sua origem Egípcia;

(c) O Plágio demonstrou ser uma prática comum entre os filósofos Gregos que tomaram emprestado de um e outro, mas principalmente de Pitágoras que obtivera suas idéias dos Egípcios;

(d) A doutrina do Átomo [Atom] por Demócrito é rastreada para sua origem Egípcia, assim como o seu grande número de livros. Ele ensinou nada novo.

CAPÍTULO VI

OS FILÓSOFOS ATENIENSES

1. SOCRATES

1. Sua Vida:

(a) Data e local de nascimento;

(b) Sua situação econômica e personalidade;

- (c) O seu julgamento e morte;
- (d) A tentativa de Críton para contrabandear-lo para fora da prisão;
- (e) Fédon descreve a cena final antes de sua morte.

2. Doutrinas: As doutrinas sobre

- (a) O Nous;
- (b) O Sumo Bem;
- (c) Os opostos e harmonia;
- (d) A imortalidade da alma e
- (e) O Auto-conhecimento.

Resumo das conclusões: (a) As doutrinas de Sócrates são rastreadas para a sua origem Egípcia, como ele ensinou nada novo;

(b) A importância da conversa de despedida de Sócrates com seus alunos e amigos é estabelecida.

PLATÃO

- (I) Sua infância;
- (II) Suas viagens e academia;
- (III) Seus escritos em disputa;

(IV) Suas doutrinas.

1. A teoria das idéias e sua aplicação aos fenômenos naturais, incluindo

(a) o real e o irreal;

(b) o Nous e

(c) criação.

2. As doutrinas éticas relacionadas à

(a) o bem maior;

(b) definição de virtude e;

(c) as virtudes cardeais.

3. A doutrina do Estado Ideal cujos atributos são comparados com os atributos da alma e da justiça.

(V) Resumo das conclusões:

(a) As doutrinas de Platão são rastreados para a sua origem Egípcia, como ele ensinou nada novo;

(b) Magia é mostrada como sendo a chave para a interpretação da religião e da filosofia antiga;

(c) A autoria dos seus livros é contestada por estudiosos modernos, e os historiadores antigos negam sua autoria da República e Timeu;

(d) A alegoria de o cocheiro e cavalos alados é atribuída a sua origem egípcia.

3. ARISTÓTELES

(I)

(a) Sua infância e formação;

(b) Sua própria lista de livros;

(c) lista de livros por outros;

(II) As doutrinas

(III) Resumo das conclusões.

A – As doutrinas são rastreadas para a sua origem Egípcia, como ele ensinou nada novo;

B – (1) A biblioteca de Alexandria foi a verdadeira fonte do grande número de livros de Aristóteles; – (2) A falta de uniformidade entre a lista de livros aponta para a autoria duvidosa;

C – As discrepâncias e dúvidas nesta vida.

CAPÍTULO VII

O CURRÍCULO DO SISTEMA DE MISTÉRIO EGÍPCIO

1. A educação dos Sacerdotes Egípcios, segundo as suas ordens;

A formação dos Sacerdotes Egípcios em:

(a) As Sete Artes Liberais;

(b) Sistemas secretos de línguas e simbolismo matemático;

(c) Magia.

3. Uma comparação do currículo do Sistema de Mistério Egípcio com a lista de livros supostamente elaborada pelo próprio Aristóteles.

CAPÍTULO VIII

A TEOLOGIA MENFITA É A BASE DE TODAS AS DOCTRINAS IMPORTANTES DA FILOSOFIA GREGA

(a) A história, descrição e texto completo da Teologia Menfita são dados e o assunto é dividido em três partes;

(b) O texto da primeira parte é seguido pela filosofia que a primeira parte ensina;

(c) O texto da segunda parte é seguido pela filosofia que a segunda parte ensina;

(d) O texto da terceira parte é seguido pela filosofia que a terceira parte ensina.

2. A Teologia de Menfita é mostrada como sendo a fonte do conhecimento científico moderno;

(a) A identidade da criação da Enéada com a Hipótese Nebular e;

(b) A identidade do Deus Sol Atom com o átomo da ciência.

3. A Teologia Menfita abre grandes possibilidades para a investigação científica moderna:

(a) O conceito Grego do átomo é mostrado como sendo errôneo;

(b) Com a nova interpretação do átomo a Teologia Menfita oferece um vasto campo de segredos científicos ainda a ser descobertos.

PARTE II

CAPÍTULO IX

REFORMA SOCIAL ATRAVÉS DA NOVA FILOSOFIA DE REDENÇÃO AFRICANA

REFORMA SOCIAL¹. O conhecimento de que o Continente Africano deu à civilização as Artes e Ciências, Religião e Filosofia está destinado a produzir uma mudança na mentalidade de ambos Brancos e Pretos.² Há três pessoas no drama da Filosofia Grega:

(a) Alexandre, o Grande;

(b) A Escola de Aristóteles e;

(c) O Antigo Governo Romano, que são responsáveis por uma falsa tradição sobre a África e sobre a situação social dos seus povos;

(3) Ambas as pessoas brancas e Pretas são vítimas comuns de uma falsa tradição sobre a África e este fato faz de ambas as raças parceiros na solução do problema da reforma racial.

(4) Os métodos sugeridos para reforma racial:

(a) Reeducação de ambos os grupos por ampla divulgação mundial da contribuição de África para a civilização;

(b) O abandono da falsa adoração do intelecto Grego;

(c) Atenção especial deve ser dada à re-educação de missionários e uma constante exigência feita por uma mudança na política missionária.

2. A NOVA FILOSOFIA DE REDENÇÃO AFRICANA

1. Uma declaração e explicação da nova filosofia de Redenção Africana são feitas;

2. As pessoas negras devem cultivar métodos de contra-ação contra:

(a) A falsa adoração do intelecto Grego;

(b) A literatura e exibição missionárias e;

(c) deve exigir uma mudança na política missionária.

Apêndice

Notas

Índice

...

...

INTRODUÇÃO

CARACTERÍSTICAS DA FILOSOFIA GREGA

O termo filosofia Grega, para começar, é um equívoco, pois não há tal filosofia em existência. Os antigos Egípcios desenvolveram um sistema religioso muito complexo, chamado os Mistérios, que também foi o primeiro sistema de salvação.

Como tal, ele considera o corpo humano como uma prisão da alma, que poderia ser libertada de seus impedimentos corporais, através das disciplinas das Artes e Ciências, e avançar a partir do nível de um mortal para aquele de um Deus. Esta era a noção de sumo bem [Summum Bonnum] ou bem maior, por qual todos os homens devem aspirar, e também se tornou a base de todos os conceitos éticos. O Sistema de Mistério Egípcio era também uma Ordem Secreta, e a adesão era adquirida por iniciação e uma promessa de sigilo. O ensino era graduado e entregue por via oral para o Neófito; e nestas circunstâncias de sigilo, os egípcios desenvolveram sistemas secretos de escrever e ensinar, e proibiram seus Iniciados de escrever o que tinham aprendido.

Depois de quase cinco mil anos de proibição contra os Gregos, eles foram autorizados a entrar no Egito com o propósito de sua educação. Em primeiro lugar, através da invasão persa e em segundo lugar, através da invasão de Alexandre, o Grande. A partir do sexto século a.C., portanto, com a morte de Aristóteles (322 a.C.) os gregos fizeram o melhor de sua chance de aprender tudo o que podiam sobre cultura Egípcia; a maioria dos alunos recebeu instruções diretamente de Sacerdotes Egípcios, mas após a invasão por Alexandre o Grande, os templos e bibliotecas Reais foram saqueados e pilhados, e a escola de Aristóteles converteu a biblioteca de Alexandria em um centro de pesquisa. Não é de admirar, então, que a produção do número inusitadamente elevado de livros atribuídos a Aristóteles tenha provado uma impossibilidade física, para qualquer único homem dentro de um tempo de vida.

A história da vida de Aristóteles tem feito a ele muito mais mal do que bem, uma vez que evita cuidadosamente qualquer declaração sobre a sua visita ao Egito, quer por sua própria conta ou em companhia de Alexandre o Grande, quando ele invadiu o Egito. Este silêncio da história lança, de uma vez, dúvidas sobre a vida e as realizações de Aristóteles. Ele, é dito ter passado 20 anos sob a tutela de Platão, que é considerado como um Filósofo, no entanto, ele graduou-se como o maior dos Cientistas da Antiguidade. Duas perguntas podem ser feitas (a) Como Platão poderia ensinar Aristóteles o que ele próprio não sabia?

(b) Por que Aristóteles passaria 20 anos com um professor de quem ele não poderia aprender nada? Este pedaço de história parece incrível. Mais uma vez, a fim de evitar suspeitas sobre o extraordinário número de livros atribuído a Aristóteles, a história nos diz que Alexandre o Grande, deu-lhe uma grande soma de dinheiro para conseguir os livros. Aqui, novamente, a história parece incrível, e três declarações devem ser feitas aqui.

(a) A fim de comprar livros sobre ciência, eles têm de ter estado em circulação, de modo a permitir a Aristóteles obtê-los.

(b) Se os livros estavam em circulação antes de Aristóteles comprá-los, e como ele não é suposto ter visitado o Egito de todo, então, os livros em questão devem ter sido circulados entre os filósofos Gregos.

(c) Se circularam entre os filósofos Gregos, então podemos esperar que o assunto de tais livros tenha sido conhecido antes da época de Aristóteles, e, conseqüentemente, ele não poderia ser creditado nem com a sua produção, nem com a introdução de novas idéias de ciência.

Outro ponto de interesse considerável para ser contabilizado foi a atitude do governo Ateniense para esta então-chamada Filosofia Grega, a qual era considerada de origem estrangeira e tratada em conformidade. Apenas um breve estudo da história é necessário para mostrar que os filósofos Gregos eram cidadãos indesejáveis, que durante todo o período de suas investigações foram vítimas de perseguição implacável, nas mãos do governo Ateniense. Anaxágoras foi preso e exilado; Sócrates foi executado; Platão foi vendido como escravo e Aristóteles foi indiciado e exilado; enquanto o mais antigo de todos, Pitágoras, foi expulso de Crotona na Itália. Podemos nós imaginar os Gregos fazendo uma tal sobre volta, como clamando os próprios ensinamentos que tinham no início perseguido e abertamente rejeitado? Certamente, eles sabiam que estavam usurpando o que nunca tinham produzido, e à medida que entramos passo a passo em nosso estudo, o mais nós vamos descobrir evidências que nos levam à conclusão de que os filósofos Gregos não foram os autores da filosofia Grega, mas os Sacerdotes e Hierofantes Egípcios.

Aristóteles morreu em 322 a.C. não muitos anos depois de ter sido auxiliado por Alexandre o Grande para obter a maior quantidade de livros científicos das Bibliotecas e Templos Reais do Egito.

Apesar, porém, de tão grande tesouro intelectual, a morte de Aristóteles marcou a morte da filosofia entre os Gregos, que não parecem possuir a habilidade natural para o avanço dessas ciências.

Conseqüentemente a história nos informa que os Gregos foram obrigados a fazer um estudo de Ética, que eles também tomaram emprestado do Egípcio “Summum Bonum” ou Maior Bem.

Os dois outros Filósofos Atenienses devem ser mencionados aqui, quero dizer, Sócrates e Platão; que também se tornaram famosos na história como filósofos e grandes pensadores. Todo menino de escola [school boy] acredita que, quando ele ouve ou lê a prescrição “conhece a ti mesmo”, ele está ouvindo ou lendo palavras que foram proferidas por Sócrates. Mas a verdade é que os templos Egípcios carregavam inscrições na parte externa dirigidas aos neófitos e entre elas estava a prescrição “conhece a ti mesmo” [“Know Thyself”]. Sócrates copiou estas palavras dos templos egípcios, e não foi o autor. Todos os templos de mistérios, dentro e fora do Egito carregavam tais inscrições, assim como os boletins semanais de nossas Igrejas modernas.

Da mesma forma, todo menino de escola [school boy] acredita que quando ele ouve ou lê os nomes das quatro virtudes cardeais, ele está ouvindo ou lendo nomes de virtudes determinadas por Platão. Nada tem sido mais enganoso, pois o Sistema de Mistério Egípcio continha dez virtudes, e a partir desta fonte Platão copiou o que tem sido chamado de quatro virtudes cardeais, justiça, sabedoria, temperança e coragem. Na verdade, é surpreendente como, durante séculos, os Gregos tem sido elogiados pelo mundo ocidental por realizações intelectuais que pertencem, sem dúvida, aos Egípcios ou os povos da África do Norte.

Outra característica notável da filosofia Grega é o fato de que a maioria dos filósofos Gregos usaram os ensinamentos de Pitágoras como seu modelo; e, conseqüentemente, eles não introduziram nenhuma novidade no campo da filosofia.

Incluídas no sistema Pitagórico encontramos as doutrinas de (a) Opostos (b) Harmonia (c) Fogo (d) Mente, uma vez que ela é composta de átomos de fogo, (e) Imortalidade, expressa como transmigração das almas, (f) O Summum Bonum ou o propósito da filosofia. E estas, claro, são refletidas nos sistemas de Heráclito, Parmênides, Demócrito, Sócrates, Platão e Aristóteles.

A próxima coisa que é peculiar sobre a filosofia Grega é a sua utilização na literatura. O Sistema de Mistério Egípcio era a primeira Ordem Secreta da História e a publicação de seus ensinamentos era estritamente proibida. Isto explica por que Iniciados como Sócrates não se

comprometeram com escrever sua filosofia, e porque os babilônios e os caldeus que estavam intimamente associados a eles também se abstinham de publicar esses ensinamentos.

Nós podemos ao mesmo tempo ver como era fácil para uma nação ambiciosa e até mesmo invejosa reivindicar um corpo de conhecimento não escrito que os faria grandes aos olhos do mundo primitivo.

O absurdo, no entanto, é facilmente reconhecido quando lembramos que a língua Grega foi usada para traduzir vários sistemas de ensinamentos que os Gregos não poderiam ter sucesso na reivindicação. Tais eram a tradução de Escrituras Hebraicas para o Grego, chamada Septuaginta; e a tradução dos Evangelhos Cristãos, Atos e as Epístolas, em Grego, ainda chamado de o Novo Testamento Grego.

Somente a filosofia não escrita dos Egípcios traduzida para o Grego, que encontrou com tal destino tão infeliz: um legado roubado pelos Gregos.

Por conta dos motivos já expostos, tenho sido obrigado a lidar com o assunto deste livro, na forma como tem sido tratada a saber:

(a) com uma freqüência de repetição, porque é o método da filosofia Grega, usar um princípio comum para explicar várias doutrinas diferentes, e

(b) a citação e análise de doutrinas, porque é o objeto deste livro estabelecer a origem Egípcia e isso não pode ser feito de forma satisfatória se as doutrinas não estão apresentadas.

Filosofia Grega é um pouco de um drama [is somewhat of a drama], cujos atores chefe foram Alexandre o Grande, Aristóteles e seus sucessores na escola peripatética, e o Imperador Romano Justiniano. Alexander invadiu o Egito e capturou a Biblioteca Real de Alexandria e a saqueou. Aristóteles fez uma biblioteca de sua propriedade com livros saqueados, enquanto sua escola ocupou o prédio e usou-o como um centro de pesquisa. Finalmente, o Imperador Romano Justiniano aboliu os Templos e escolas de filosofia, ou seja, um outro nome para os Mistérios Egípcios que os Gregos reivindicaram como seu produto, e por conta do que, eles tem sido falsamente elogiados e homenageados por séculos pelo mundo, como os seus maiores filósofos e pensadores.

Esta contribuição para a civilização foi realmente e verdadeiramente feita pelos Egípcios e o Continente Africano, mas não pelos Gregos ou o Continente Europeu.

Às vezes nos perguntamos por que as pessoas de ascendência Africana se encontram na tal situação social que se encontram, mas a resposta é simples o suficiente. Se não fosse por esse drama da filosofia Grega e seus atores, o Continente Africano teria tido uma reputação diferente, e teria gozado de um status de respeito entre as nações do mundo. Esta posição infeliz do Continente Africano e seus povos parece ser o resultado de falsa representação [misrepresentation] sobre a qual a estrutura do preconceito racial foi construída, ou seja, a opinião mundial histórica de que o Continente Africano é atrasado, que seu povo é atrasado, e que sua civilização é também atrasada.

Por fim, a desonestidade no movimento da publicação de uma filosofia Grega, torna-se muito evidente, quando nos referimos ao fato de que, propositadamente chamar o teorema do quadrado da hipotenusa, de o teorema de Pitágoras, tem escondido a verdade durante séculos do mundo, que deveria saber que os Egípcios ensinaram Pitágoras e os Gregos, qual matemática eles sabiam. [what mathematics they knew].

Quero mencionar aqui que, entre os muitos livros os que eu achei úteis no meu trabalho atual estão “A Aventura Intelectual do Homem” [“The Intellectual Adventure of Man”] e “A Religião Egípcia” [“The Egyptian Religion”] pelo professor Henri Frankfort e “O Mundo Mediterrâneo na Antiguidade” [“The Mediterranean World in Ancient Times”], pela Professora Eva Sandford.

George G. OS OBJETIVOS DO LIVRO

O objetivo do livro é estabelecer melhores relações raciais no mundo, revelando uma verdade fundamental sobre a contribuição do Continente Africano para a civilização. Deve-se ter em mente que a primeira lição em Ciências Humanas é tornar um povo consciente de sua contribuição para a civilização; e a segunda lição é ensinar-lhes sobre outras civilizações. Por esta divulgação da verdade sobre a civilização de povos individuais, um melhor entendimento entre eles, e uma avaliação correta do outro deve seguir. Esta noção é baseada sobre a noção do Grande Mentor [the Great Master Mind]: Conheceréis a verdade, e a verdade vos libertará.

Conseqüentemente, o livro é uma tentativa de mostrar que os verdadeiros autores da filosofia Grega não foram os Gregos; mas as pessoas do Norte de África, comumente chamadas os Egípcios; e o louvor e honra falsamente dado aos Gregos durante séculos pertence ao povo do Norte da África, e, portanto, para o Continente Africano. Conseqüentemente, este roubo do legado Africano pelos Gregos levaram à opinião mundial errônea de que o Continente Africano não fez nenhuma contribuição para a civilização, e que as suas pessoas são naturalmente

atrasadas. Esta é a deturpação [misrepresentation] falsa representação que se tornou a base do preconceito de raça, que afetou todas as pessoas de cor.

Durante séculos, o mundo foi enganado sobre a fonte original das Artes e Ciências; durante séculos Sócrates, Platão e Aristóteles tem sido falsamente idolatrados como modelos de grandeza intelectual; e durante séculos o continente Africano tem sido chamado de Continente Escuro [Dark Continent], porque a Europa cobiçou a honra de transmitir ao mundo, as Artes e Ciências.

Estou feliz por ser capaz de trazer esta informação para a atenção do mundo, de modo que, por um lado, todas as raças e credos podem conhecer a verdade e libertar-se desses preconceitos que corromperam as relações humanas; e, por outro lado, que as pessoas de origem Africana podem ser emancipadas de sua servidão de complexo de inferioridade, e entrar em uma nova era de liberdade, na qual eles iriam se sentir como homens livres, com plenos direitos humanos e privilégios. M. James

CAPÍTULO I:

Filosofia Grega é Filosofia Egípcia Roubada.

1. Os Ensinaamentos dos Mistérios Egípcios Alcançaram Outras Terras Muitos Séculos Antes de Alcançar Atenas.

DE ACORDO COM a história, Pitágoras depois de receber a sua formação no Egito, voltou à sua ilha natal, Samos, onde ele estabeleceu sua ordem por um curto tempo, após o qual ele migrou para Cróton (540 a.C.), no sul da Itália, onde sua ordem cresceu para enormes proporções, até sua expulsão definitiva daquele país. Também nos é dito que Thales (640 a.C.), que também tinha recebido a sua educação no Egito, e seus associados: Anaximandro e Anaxímenes eram nativos da Jônia, na Ásia Menor, a qual era um reduto das escolas dos Mistérios Egípcios, que eles levaram a cabo.

(Sandford's The Mediterranean World, p. 195–205).

Similarmente, somos informados de que Xenófanes (576 a.C.), Parmênides, Zeno e Melissus também eram nativos da Jônia e que eles migraram para Eleia na Itália e se estabeleceram e espalharam os ensinamentos dos Mistérios.

Da mesma forma, somos informados de que Heráclito (530 a.C.), Empédocles, Anaxágoras e Demócrito também eram nativos da Jônia que estavam interessados em física. Daí, traçando o curso da então-chamada filosofia Grega, nós encontramos que os estudantes Jônicos após a obtenção de sua educação a partir dos sacerdotes Egípcios retornaram à sua terra natal, enquanto alguns deles migraram para diferentes partes da Itália, onde eles se estabeleceram.

Conseqüentemente, a história deixa claro que os vizinhos ao redor do Egito tinham todos se tornado familiarizados com os ensinamentos dos Mistérios Egípcios muitos séculos antes dos Atenienses, os quais em 399 a.C. condenaram Sócrates à morte (Zeller's Hist. of Phil., p. 112; 127; 170–172) e, posteriormente, levaram Platão e Aristóteles a fugir de Atenas para salvar suas vidas, porque filosofia era algo estranho e desconhecido para eles. Por esta mesma razão, seria de esperar tanto dos Jônicos ou dos Italianos exercerem a sua prior reivindicação de filosofia, uma vez que entrou em contato com eles muito antes do que fez com os Atenienses, que foram sempre os seus maiores inimigos, até a conquista do Egito por Alexandre, que forneceu para Aristóteles o livre acesso à Biblioteca de Alexandria.

Os Jônicos e Italianos não fizeram nenhuma tentativa de reivindicar a autoria da filosofia, porque eles estavam bem conscientes de que os Egípcios eram os verdadeiros autores. Por outro lado, após a morte de Aristóteles, seus alunos Atenienses, sem a autoridade do Estado, comprometeram-se a compilar uma história da filosofia, reconhecida na época como a Sophia ou Sabedoria dos Egípcios, que havia se tornado corrente e tradicional no mundo antigo, a qual compilação, porque foi produzida pelos alunos que haviam pertencido à escola de Aristóteles, a história posterior tem erroneamente chamado de filosofia Grega, a despeito do fato de que os Gregos eram os seus maiores inimigos e perseguidores, e haviam persistentemente tratado-a como uma inovação estrangeira. Por esta razão, a então-chamada filosofia Grega é filosofia Egípcia roubada, a qual primeiro se espalhou para Jônia, seguindo depois para a Itália e depois para Atenas. E é preciso lembrar que, neste período remoto da história da Grécia, ou seja, de Thales até Aristóteles 640 a.C. – 322 a.C., os Jônicos não eram cidadãos Gregos, mas a princípio subordinados Egípcios e posteriores subordinados Persas.

Zeller's Hist. of Phil.: p. 37; 46; 58; 66–83; 112; 127; 170–172.

William Turner's Hist. of Phil.: p 34; 39; 45; 53.

Roger's Student Hist. of Phil.: p. 15.

D. Alexander's Hist. of Phil.: p. 13; 21.

Sandford's The Mediterranean World p. 157; 195–205.

Um breve esboço do antigo Império Egípcio também deixará claro que a Ásia Menor ou Jônia era a antiga terra dos hititas, os quais não foram conhecidos por qualquer outro nome nos dias antigos.

De acordo com Diodoro e Manetho, Sumo Sacerdote no Egito, duas colunas foram encontrados em Nysa Arábia; um da Deusa Isis e outra do Deus Osíris, na última das quais o Deus declarava que ele tinha levado um exército para a Índia, para as fontes do Danúbio, e, tão longe quanto o oceano. Isto significa, naturalmente, que o Império Egípcio, em uma data muito precoce, incluía não apenas as ilhas do mar Egeu e Jônia, mas também se estendeu para as extremidades do Oriente.

Nós também somos informados de que Senusert I, durante a 12ª dinastia (ou seja, cerca de 1900 a.C.) conquistou a inteira costa marítima da Índia, além do Ganges até o oceano oriental. Ele também disse ter incluído as Cíclades e uma grande parte da Europa em suas conquistas.

Em segundo lugar, as “Cartas de Amarna” encontradas nos escritórios do governo do Rei Egípcio, Ikhnaton, testemunham o fato, de que o Império Egípcio havia se estendido ao oeste da Ásia, Síria e Palestina, e que durante séculos o poder Egípcio havia sido supremo no mundo antigo. Isto foi na 18ª Dinastia, ou seja, cerca de 1500 a.C.

Também nos é dito que, durante o reinado de Tuthmosis III, o domínio do Egito estendia-se não apenas ao longo da costa da Palestina, mas também da Núbia até o Norte da Ásia.

(Breadsted's Conquest of Civilization p. 84; Diodorus 128; Manetho; Strabo; Dicaearchus; John Kendrick's Ancient Egypt vol. I).

2. A Autoria das Doutrinas Individuais é extremamente duvidosa.

Como se tenta ler a história da filosofia Grega, descobre-se uma ausência completa de informações essenciais sobre o início da vida e da formação dos então chamados filósofos

Gregos, de Tales até Aristóteles. Nenhum escritor ou historiador professa saber nada sobre sua educação precoce. Tudo o que eles nos dizem sobre eles consiste em

(a) uma data e local de nascimento duvidosos

(b) as suas doutrinas; mas o mundo é deixado para pensar quem eram e de que fonte obtiveram sua educação precoce, e seria naturalmente de se esperar que homens que subiram para a posição de um Professor, entre parentes, amigos e associados, seria bem conhecido, não somente por eles, mas por toda a comunidade.

Pelo contrário, homens que poderiam muito bem ser colocados entre os primeiros Professores da história, que haviam crescido desde a infância até à idade adulta, e haviam ensinado alunos, são representados como desconhecidos, sendo sem quaisquer vestígios domésticos, sociais ou educacionais iniciais.

Isto é inacreditável, e ainda é um fato que a história da filosofia Grega apresentou ao mundo um número de homens cujas vidas ele sabe pouco ou nada sobre; mas espera que mundo aceite-os como os verdadeiros autores das doutrinas que são alegadas como sendo deles.

Na ausência de provas essenciais, o mundo hesita em reconhecê-los como tal, porque a verdade de toda esta questão de filosofia Grega aponta para uma direção muito diferente.

O livro sobre a natureza intitulado *peri physeos* foi o nome comum sob o qual estudantes Gregos interessados no estudo-da-natureza escreveram. A cópia mais antiga, é dito, remonta ao século VI a.C. e é costume referir-se aos restantes de *peri physeos* como os Fragmentos. (William Turner's *History of Philosophy* p. 62). Nós não acreditamos que o genuínos Iniciados produziram o livro sobre a natureza, uma vez que isto era contrário às regras dos Mistérios Egípcios, em conexão com o qual as Escolas Filosóficas conduziam seu trabalho. O Egito foi o centro do corpo da sabedoria antiga, e conhecimento, religioso, filosófico e científico difundido para outras terras através de estudante Iniciados. Tais ensinamentos permaneceram por gerações e séculos sob a forma de tradição, até a conquista do Egito por Alexandre o Grande, e o movimento de Aristóteles e sua escola para compilar ensinamento Egípcio e reivindicá-lo como filosofia Grega. (*Ancient Mysteries* by C. H. Vail p. 16.)

Conseqüentemente, como uma fonte de autoridade de autorias, *peri physeos*, é de pouco valor, se for de algum, desde que a história menciona apenas quatro nomes como autores da

mesma, ou seja, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras; e pede ao mundo para aceitar sua autoria da filosofia, porque Theophrastus, Sexto, Proclus e Simplicio, da escola de Alexandria, é dito, preservaram pequenos restos dela (os Fragmentos). Se *peri physeos* é o critério para a autoria da Filosofia Grega, então, ele fica aquém de seu efeito por um longo caminho, uma vez que apenas quatro filósofos são alegados de terem escrito este livro e de terem restos de seu trabalho. De acordo com essa idéia todos os outros filósofos, que não conseguiram escrever *peri physeos* e ter os restos dela, também não conseguiram escrever filosofia Grega. Esta é a *reductio ad absurdum* a qual *peri physeos* nos leva.

As escolas de filosofia, Caldéias, Gregas e Persas, eram parte do antigo Sistema de mistério do Egito. Elas eram conduzidas em sigilo de acordo com as exigências da Osíriaca, cujos ensinamentos se tornaram comuns a todas as escolas. De acordo com as demandas de sigilo, a escrita e publicação de ensinamentos eram estritamente proibidos e, conseqüentemente, Iniciados que haviam desenvolvido satisfatoriamente na sua formação, e haviam avançado para o grau de Mestre ou Professor, abstinham-se de publicar os ensinamentos dos Mistérios ou filosofia.

Conseqüentemente qualquer publicação da filosofia não poderia ter saído da pena dos próprios filósofos originais, mas de qualquer de seus amigos mais próximos que conheciam seus pontos de vista, como no caso de Pitágoras e Sócrates, ou de pessoas interessadas que fizeram um registro desses ensinamentos filosóficos que havia se tornado a opinião popular e tradição. Não é de admirar, então, que, na ausência de autoria original, a história teve de recorrer à estratégia de aceitar a opinião de Aristóteles como a única autoridade para determinar a autoria da filosofia Grega (Introduction to Alfred Weber's History of Philosophy). É por estas razões que grande dúvida rodeia a então-chamada autoria Grega da filosofia. (William Turner's History of Philosophy p. 35; 39; 47; 53; 62; 79; 210–211; 627. Ancient Mysteries by C. H. Vail p. 16. Theophrastus: Fragment 2 apud Diels. Introduction to Alfred Weber's History of Philosophy.)

.

3. A Cronologia de Filósofos Gregos é mera especulação.

A História não sabe nada sobre o início da vida e formação dos filósofos Gregos e isso é verdade não apenas dos filósofos pré-socráticos, mas também de Sócrates, Platão e Aristóteles, que aparecem na história em torno da idade de dezoito anos e começam a ensinar aos quarenta.

Como um corpo de homens que eram indesejáveis para o Estado, (*personae non gratae*) e foram, conseqüentemente, perseguidos e levados a ocultação e sigilo. Sob tais circunstâncias, eles não mantiveram nenhum registro de suas atividades e isso foi feito, a fim de ocultar a sua identidade. Após a conquista do Egito por Alexandre o Grande, e a apreensão e saque da Biblioteca Real de Alexandria, o plano de Aristóteles para usurpar filosofia Egípcia, foi posteriormente levado a cabo por membros de sua escola: Theophrastus, Andronico de Rodes e Eudemos, que logo se encontraram confrontados com o problema de uma cronologia para a história da filosofia.

(Introduction of Zeller's Hist. of Phil. p. 13).

Durante todo este esforço tem havido muita especulação sobre a data de nascimento de filósofos, que o público sabia muito pouco sobre. Já no terceiro século a.C. (274-194 a.C.) Eratóstenes, um estóico elaborou uma cronologia dos filósofos Gregos e, no segundo século antes de Cristo (140) Apollodorus também elaborou outra. O esforço continuou e, no primeiro século A.C. (60-70 a.C.) Andronicus, o décimo primeiro Chefe da escola peripatética, também elaborou outra.

Esta dificuldade continuou durante os primeiros séculos, e chegou até o presente momento, pois parece que todos os escritores modernos sobre filosofia Grega não chegam a acordo sobre as datas que devem ser atribuídos à natividade dos filósofos. A única exceção parece ocorrer com referência aos três filósofos Atenienses, ou seja, Sócrates, Platão e Aristóteles, a data de cujas natividades se acreditam ser certas, e em relação aos quais há um consenso geral entre os historiadores.

No entanto, quando chegamos a lidar com os filósofos pré-Socráticos, somos confrontados com a confusão e incerteza, e alguns exemplos podem servir para ilustrar a natureza não confiável da cronologia dos filósofos Gregos.

(1) Diógenes Laércio coloca o nascimento de Thales em 640 A.C., enquanto História da Filosofia de William Turner coloca como 620 A.C.; aquela de Frank Thilly em 624 A.C.; aquela de A.K. Rogers no início do sexto século A.C.; e aquela de W. G. Tennemann em 600 A.C.

(2) Diógenes Laércio coloca o nascimento de Anaximenes em 546 A.C.; enquanto W. Windelbrand coloca-a no sexto século A.C.; aquela de Frank Thilly em 588 A.C.; aquela de B. D. Alexander em 560 A.C.; enquanto que a de A.K. Rogers, no sexto século A.C.

(3) Parmênides é creditado por Diógenes como tendo nascido em 500 A.C.; enquanto Fuller, Thilly e Rogers omitem a data de nascimento, porque eles dizem que é desconhecida.

(4) Zeller coloca o nascimento de Xenófanes em 576 A.C.; enquanto Diógenes dá 570 A.C.; e a maioria dos outros historiadores declarar que a data de nascimento é desconhecida.

(5) Com referência a Xeno, Diogenes que não sabe a data de seu nascimento, diz que ele floresceu entre 464-460 A.C.; enquanto William Turner coloca-o em 490 A.C.; como Frank Thilly e B. D. Alexander; enquanto Fuller, A.K. Rogers e W.G. Tennemann declara-a ser desconhecida.

(6) Com referências a Heráclito, Zeller faz as seguintes suposições:

se ele morreu em 475 A.C. e se ele tinha sessenta anos quando ele morreu, então ele deve ter nascido em 535 A.C.; semelhantemente Diogenes supõe que ele floresceu entre 504-500 A.C.; e enquanto William Turner coloca seu nascimento em 530 A.C.; Windelbrand coloca-o em 536 A.C.; e Fuller e Tennemann declaram que ele floresceu em 500 a.C.

(7) Com referência a Pitágoras, Zeller que não sabe a data de seu nascimento supõe que ocorreu entre os anos 580-570 A.C.; e enquanto Diógenes também supõe que ocorreu entre os anos 582-500 A.C.; William Turner, Fuller, Rogers, e Tennemann declaram que é desconhecida.

(8) Com referência a Empédocles, enquanto Diógenes coloca seu nascimento em 484 A.C.; Turner, Windelbrand, Fuller, B.D. Alexander e Tennemann colocam-no em 490 A.C.; enquanto A.K. Rogers e outros declaram que é desconhecida.

(9) Com referência a Anaxágoras, enquanto Zeller e Diógenes colocam seu nascimento em 500 A.C.; William Turner, A.G. Fuller, e Frank Thilly concordar com eles, enquanto Alexander coloca-o em 450 A.C. e A.K. Rogers e outros declaram que é desconhecido.

(10) Com referência a Leucipo, todos os historiadores parecem ser da opinião de que ele nunca existiu.

(11) Sócrates (469-399 A.C.), Platão (427-347 A.C.) e Aristóteles (384-322 A.C.) são os únicos três filósofos cujas datas da natividade e cuja morte não parecem ter levado a especulações

entre os historiadores; mas a razão para essa uniformidade é provavelmente pista para o fato de que eles eram Atenienses e haviam sido indiciados pelo Governo Ateniense que teria naturalmente os investigado e mantido um registro de seus casos. (A. K. Roger's Hist. of Phil. p. 104).

N.B.

Deve ser notado a partir do estudo comparativo anterior da cronologia dos filósofos Gregos que

(a) a variação de datas aponta para especulação

(b) os filósofos pré-Socráticos eram desconhecidos por serem estrangeiros ao Governo Ateniense e provavelmente nunca existiram

(c) segue-se que tanto os filósofos pré-Socráticos, juntamente com Sócrates, Platão e Aristóteles foram perseguidos pelo Governo Ateniense por introduzir doutrinas estrangeiras em Atenas.

(d) Em consequência destes fatos, qualquer reivindicação posterior pelos Gregos pela propriedade ou autoria das mesmas doutrinas que eles haviam rejeitado e perseguido, deve ser considerada como uma usurpação.

.

4. A compilação da História da Filosofia Grega foi o plano de Aristóteles Executado pela sua escola.

,

Quando Aristóteles decidiu compilar uma história da Filosofia Grega ele deve ter dado a conhecer os seus desejos aos seus alunos Teofrasto e Eudemos: para não mais logo produzir sua metafísica, que Teofrasto seguiu-o através da publicação de dezoito livros sobre as doutrinas dos físicos. Da mesma forma, depois de Teofrasto ter publicado suas doutrinas dos

físicos, Eudemus produziu histórias separadas de Aritmética, Geometria, Astronomia e também teologia. Este foi um início surpreendente, por causa do grande número de livros científicos, e da ampla gama de assuntos tratados. Esta situação tem justamente despertado a suspeita do mundo, uma vez que questiona a origem desses trabalhos científicos.

Uma vez que Teofrasto e Eudemus eram estudantes sob Aristóteles ao mesmo tempo, e uma vez que a conquista do Egito por Alexandre o Grande, tornou a Biblioteca Egípcia de Alexandria à disposição dos Gregos para a pesquisa, então, deve-se esperar que os três homens, Aristóteles, que foi um amigo próximo de Alexandre, Teofrasto e Eudemus não só fizeram uma pesquisa na Biblioteca Alexandrina no mesmo momento, mas também devem ter-se ajudado para livros, o que lhes permitiu seguir um ao outro tão próximo na produção de trabalhos científicos (William Turner's Hist. of Phil. p. 158–159), os quais eram senão uma porção do espólio de guerra retirado da biblioteca ou compilações deles. (Note que as obras de Aristóteles revelam os sinais de tomada de notas [anotações] e que Teofrasto e Eudemus foram alunos freqüentando a escola de Aristóteles, ao mesmo tempo). William Turner's Hist. of Phil. p. 127.

Justo aqui pode ser bom mencionar os nomes dos alunos de Aristóteles que tomaram parte ativa na promoção do movimento para a elaboração de uma história da filosofia Grega:

(a) Teofrasto de Lesbos 371-286 A.C., que sucedeu a Aristóteles como chefe da escola peripatética. Como em outros lugares mencionados, ele, é dito ter produzido dezoito livros sobre as doutrinas de físicos. Quem eram esses físicos? Grego ou Egípcios? Basta pensar nisso. [Just think of it]

(b) Eudemus de Rhodes um contemporâneo de Teofrasto com quem também freqüentou a escola de Aristóteles. Ele é dito ter produzido histórias da aritmética, geometria, astronomia e teologia, como em outros lugares mencionados. Qual foi a fonte dos dados das histórias destas ciências, os quais devem ter tomado a qualquer nação milhares de anos para se desenvolver? Grécia ou Egito? Basta pensar nisso. [Just think of it]

(c) Andronicus de Rhodes, um Eclético da escola de Aristóteles e editor de suas obras (70 A.C.).

As obras destes homens, juntamente com a metafísica de Aristóteles, que continham um resumo crítico das doutrinas de todos os filósofos anteriores, parecem formar o núcleo de uma compilação do que tem sido chamada, a história da filosofia Grega (Zeller's Hist. of Greek Phil.: Introduction p. 7 – 14).

O próximo movimento foi a organização de uma associação chamada “O estudo erudito dos Escritos de Aristóteles”, cujos membros eram Teofrasto e Andronicus, que eram ambos intimamente ligados com a escola de Aristóteles. A função desta associação foi identificar a literatura e as doutrinas da filosofia com seus então-chamados respectivos autores, e, a fim de realizar isso, os alunos da escola de Aristóteles e seus amigos foram encorajados a entrar em uma pesquisa sobre as obras de Aristóteles e escrever comentários sobre elas.

Além disso, a Associação Erudita também incentivou a pesquisa para a recuperação do que foi chamado Fragmentos ou restos de um livro, que é suposto ter uma vez existido, e ter levado o título comum “Peri Physeos”, ou seja, a respeito da natureza.

Aqui, novamente, quem saiu em busca de “peri physeos” ou de seus restos foram os alunos da escola de Aristóteles e seus amigos: mas os seus esforços para estabelecer a autoria foi um fracasso.

(a) Teofrasto encontrou apenas duas linhas de peri physeos, supostas de terem sido escritas por Anaximandro.

(b) Sextus e Proclus do quinto século D.C., e Simplicio do sexto século D.C. são ditos terem encontrado uma cópia do “peri physeos” suposta de ter sido produzida por Parmênides.

(c) Além disso, o nome de Simplicio também está associado com uma cópia de “peri physeos”, que é suposta ter sido produzida por Anaxágoras.

Tanto para “peri physeos e os Fragmentos”, e tanto para a tentativa da “Associação Erudita” para o estudo das obras de Aristóteles; a qual falhou devido a falta de provas, como tem sido em outros lugares apontado.

A recuperação de duas cópias e duas linhas de “peri physeos” não é a prova de que todos os filósofos Gregos escreveram “peri physeos”, ou até mesmo que os nomes atribuídos a eles foram os seus autores de boa fé. Certamente parece que o objeto da Associação Erudita era bater o tambor e a dança própria de Aristóteles. Foi idéia de Aristóteles compilar uma história da filosofia, e foi a escola de Aristóteles e seus ex-alunos que realizaram a idéia, dizem-nos.

.

...

Legado Roubado – George G. M. James

Pg. 21 – 24

Capítulo II-

Então-chamada Filosofia Grega Era Alheia aos Gregos e Suas Condições de Vida.

...

A HISTÓRIA suporta o fato de que a partir do tempo de Thales, até o tempo de Aristóteles, os Gregos foram vítimas de desunião interna, por um lado, enquanto por outro lado, eles viviam em constante medo de invasão dos Persas que eram um inimigo comum para as cidades-estados. Conseqüentemente, quando eles não estavam lutando uns com os outros eles se encontravam ocupados lutando contra os Persas, que logo os dominaram e se tornaram seus mestres. A partir do sexto século a.C. o território a partir da costa da Ásia Menor até o Vale do Indo uniram-se sob o poder único da Pérsia, cujo território central Irã tem sobrevivido como uma unidade nacional até os dias atuais. Expansão Persa era como um pesadelo para os Gregos que temiam os Persas por conta de sua marinha invulnerável, e organizaram-se em ligas e confederações, a fim de resistir a seu inimigo. (C. 12 P. 195; Sandford's Mediterranean World) Existem três fontes que lançam luz sobre as condições caóticas e problemáticas deste período da história Grega.

(A) As Conquistas Persas (B) As Ligas e (c) as Guerras do Peloponeso.

As conquistas persas

Após os Persas conquistarem os Jônios (possivelmente antigos hititas), e tornarem-lhes seus subordinados, Polycrates (539-524 a.C.) apoderou-se da ilha de Samos e fez dela uma cidade famosa.

(Sandford's Mediterranean World c. 9).

Entre 499 e 494 a.C. os Jônios revoltaram-se contra os Persas, que os derrotaram em Lade, enquanto Chipre e Mileto também foram capturadas. (Sandford's Mediterranean World c. 12).

No verão de 490 a.C. Forças Gregas e Persas reuniram-se em Marathon, mas depois de uma luta mão-à-mão [hand to hand fight], ambos os beligerantes retiraram-se, apenas para preparar forças mais poderosas, a fim de renovar o conflito. Assim, após dez anos terem decorrido, uma Liga Helênica foi organizada contra os Persas, e o rei Espartano Leônidas foi enviado com um exército para manter a passagem das Termópilas, até que a frota ganhasse uma vitória decisiva. (C. 12, P. 202; Sandford's Mediterranean World).

Assim, durante o mês de agosto de 481 a.C. Navios Persas sob o comando de Xerxes ancoraram no golfo de Pagasae, enquanto os Gregos ancoraram ao largo do Cabo Artemísio. Ambos os lados aguardavam uma oportunidade favorável para atacar. Os Persas começaram a forçar a passagem, enquanto simultaneamente um dos seus destacamentos secretamente foi auxiliado por um traidor Grego, ao longo de uma passagem íngreme de montanha para a parte traseira da posição Grega. Tendo sido pegos de surpresa, os guardas Gregos imediatamente retiraram-se sem resistência. Os Espartanos que estavam guardando Termópilas foram todos mortos e a passagem capturada pelos Persas.

(Sandford's Mediterranean World C. 12 P. 202).

Tendo sido derrotados nas Termópilas, os Gregos retiraram-se para Salamina, onde mais uma vez eles se encontraram com uma batalha naval com os Persas. Já era tarde, em setembro de 481 a.C., e o resultado foi a destruição gratuita de navios em ambos os lados, sem qualquer decisão. Ambos os beligerantes se retiraram: Os persas para Tessália, e os Gregos para Attica.

(Sandford's Mediterranean World C. 12 P. 203).

Com o persistente objetivo de liberdade da dominação Persa, Atenas, juntamente com as cidades da ilha e costa (do Egeu e Jônia) renovou a sua resistência ao domínio Persa. Esta foi a confederação de Delos, que realizou vários combates navais, mas com pouco ou nenhum sucesso.

Em 467 a.C. a batalha do Rio Eurymedon foi travada e perdida com um grande número de navios. Dezoito anos depois (449 a.C.), outro confronto naval ocorreu ao largo da ilha de

Chipre, mas novamente sem decisão, e, conseqüentemente, a soberania Persa sobre os Gregos permaneceu.

(Sandford's Mediterranean World C. 12 P. 205).

Entretanto Esparta, sob os termos do Tratado de Mileto (413 a.C.), obteve subsídios da Pérsia, para a construção naval, na condição que ela reconhecia a soberania Persa sobre os Jônicos e seus aliados. Isso foi feito por Esparta como uma ameaça às ambições Atenienses.

No entanto, não foi muito tempo depois do Tratado de Mileto, que os Gregos se submeteram à autoridade e domínio dos Persas. Durante o inverno, 387-386 a.C., as cidades Jônicas individuais, assinaram os termos de paz do Rei Persa, e finalmente aceitaram o domínio Persa. Este Tratado foi negociado por um enviado Espartano que foi autorizado pelo Rei Persa para fazer cumprir as suas disposições.

(Sandford's Mediterranean World C. 13 and 15, P. 225 and 255).

B. As Ligas

Além da resistência a um inimigo comum, os Persas, um estudo sobre a função das Ligas, revela a inimizade e espírito de agressão que eram característicos da relação que existia entre os próprios estados da cidade Grega.

Assim, em 505 a.C., os estados do Peloponeso assinaram tratados entre si, comprometendo-se a guerrear contra Esparta que os haviam absorvido sob a sua influência. Enquanto isso, Aristágoras reviveu a Liga Jônica (499-494 a.C.) para resistir à agressão Persa, e a amizade entre Atenas e Egina foi restaurada pela Liga Helênica (481 a.C.), que foi mais tarde convertida para a Confederação de Delos (478 a.C.), como mencionado em outros lugares. Da mesma forma, Tebas também caiu em linha com o temperamento geral da época e organizou a Liga da Beócia [Boeotian League], uma federação de cidades-estados, para auto-proteção e agressão.

(Sandford's Mediterranean World C. 9, P. 150; C. 12, P. 201).

Em 377 a.C. uma segunda Confederação Ateniense foi organizada, mas esta foi a frustrar os objetivos dos Lacedaemonianos e obrigá-los a respeitar o direito dos Atenienses e seus aliados. (Sandford's Mediterranean World C. 15, P. 260). Da mesma forma, em 290 a.C., a Liga Aetoliana [Aetolian League], formada por Estados do centro da Grécia, ganhou o controle de Delfos, e freqüentemente violou direitos Acaios [Achaean rights] no Peloponeso, enquanto que em 225 a.C. Antígono Doson organizou outra Liga Helênica, com a finalidade de obstruir as ambições de Esparta e seus aliados Aetolianos.

(Sandford's Mediterranean World C. 18, P. 317 and 319).

(W. H. Couch's Hist. of Greece, p. 206–209, c. 11. Botsford & Robinson's Hellenic Hist., p. 115–121; 127–142. T. B. Bury's Hist. of Greece, p. 216–229; 240–241; 259–269; 471472. The Tutorial Hist. of Greece by W. J. Woodhouse, c. 18, 20 and 21).

C. As Guerras do Peloponeso 460-445 a.C. e 431-421 a.C.

Devido às ambições de Atenas para dominar os Jônicos e outros povos vizinhos, Péricles lançou uma campanha de alianças e conquistas que se estendem de Tessália para Argos, e de Eubéia para Naupactus, Acaia e as principais ilhas do Mar Jônico.

Os resultados foram os seguintes:

(a) Atenas estabeleceu alianças com Beócia, Phocis e Locris, apesar da oposição de Esparta.

(b) Em 456 a.C. Egina foi capturada e feita tributária.

(c) Em 450 a.C. Atenas falhou em sua tentativa de invadir a Corinto.

(d) Em 451 amizade entre Atenas e Esparta foi restaurada por intermédio de Cimon, com a condição de que a aliança Ateniense com Argos foi dissolvida.

(e) Em 447 a.C. Os Oligarcas exilados de Tebas derrotaram os Atenienses em Coronea, e restabeleceu a Liga da Beócia [Boeotian League] sob a liderança de Tebas.

(f) Em 445 a.C. o 30 anos de paz foi assinado e depois da revolta de Eubeia e Megara, Esparta invadiu Attica e Péricles pediu a paz. Atenas perdeu todas as suas participações continentais.

(Sandford's Mediterranean World C. 13, P. 220).

A segunda guerra do Peloponeso (431-421 a.C.) como a primeira surgiu através de um espírito geral de rebelião entre as cidades-estado Gregas contra o imperialismo Ateniense, Esparta, sendo o principal inimigo.

Os resultados foram os seguintes:

(a) Em 435 a.C. guerra entre Corcyrá e Corinto, Corcyrá sendo auxiliada por Atenas.

(b) Em 432 a.C.

(1) Atenas bloqueou Potidaea, porque ela se recusou a desmantelar suas paredes do Sul, e demitir seus Magistrados Coríntios.

(2) Megara foi excluída do mercado Grego, a fim de reduzi-la a sujeição.

(3) A Liga do Peloponeso planejou guerra contra Atenas e Beócia. Phocis e Locris foram para lutar contra Atenas, Corcyrá e alguns estados do Norte.

(c) Em 431 a.C.

(1) Tebas atacou Plataea, e enquanto um exército do Peloponeso ocupou Attica, a frota Ateniense invadiu o Peloponeso.

(2) Péricles sendo incapaz de defender Attica transferiu adequadamente a população civil, a cada primavera, para a área entre as paredes de Atenas e o Peiraeus. Entretanto, a frota Ateniense operou contra Potidaea, a costa do Peloponeso e o comércio Coríntio.

(d) Em 428 a.C.

(1) Mitylene e todas as cidades de Lesbos revoltaram.

(2) Um massacre brutal de oligarcas teve lugar em Corcyra.

(e) Em 425 a.C.

(1) Uma força Laconiana em Pylos foi capturada e um forte foi estabelecido através de Demóstenes e Cleon.

(2) Cythera e outras estações foram fortalecidas contra os Peloponesianos.

(3) Amphipolis foi capturada por Brasidas um Espartano, que havia instigado rebelião entre os aliados de Atenas, e depois de Brasidas e Cleon terem sido mortos em batalha (422 a.C.), Atenas autorizou Nicias para pedir a paz. (Sandford's Mediterranean World C. 13, P. 220–221).

É evidente a partir de um estudo das causas e efeitos das guerras do Peloponeso que

(a) Os Estados Gregos tinham inveja uns dos outros e

(b) O desejo por poder e expansão levou a constantes agressões e guerras entre si.

(c) A condição de guerra constante entre as cidades-estado [city states] era desfavorável para a produção de filósofos.

Antes de passar a considerar a minha próxima proposição eu gostaria de dizer que é uma verdade aceita que o desenvolvimento do pensamento filosófico requer um ambiente que é livre de perturbação e preocupações. O período comumente atribuído a Filosofia Grega (ou seja, de Thales à Aristóteles) foi exatamente o oposto a um de paz e tranquilidade, e, portanto, não poderia ser esperado para produzir filosofia. Os obstáculos contra a origem e o desenvolvimento da filosofia Grega, não eram apenas a frequência de guerras civis; e a defesa constante contra agressão Persa; mas também a ameaça de extermínio do governo Ateniense, o seu pior inimigo.

D. FILOSOFIA REQUER UM AMBIENTE ADEQUADO

Eu devo agora acrescentar a seguinte citação que retrata este período. “Pois, embora os males naturais que afligem a humanidade sejam muitos, nós mesmos temos adicionado a eles por guerras e conflitos civis contra um ao outro, de modo que alguns têm sido injustamente condenados à morte em suas próprias cidades, outros para o exílio com suas esposas e filhos , e muitos foram obrigados, por causa do seu pão de cada dia, a morrer lutando contra seu próprio povo, por causa do inimigo ” (Isocrates).

(Botsford & Robinson’s Hellenic Hist., c. XIII. Couch’s Hist. of Greece, c. XXII. Bury’s Hist. of Greece, c. X. The Tutorial Hist. of Greece by W. J. Woodhouse, c. 27, 28 and 29).

.

...

Legado Roubado – George G. M. James

Pg. 25 – 32

Capítulo III-

A Filosofia Grega era o fruto do Sistema de Mistério Egípcio.

...

CAPÍTULO III:

A Filosofia Grega era o fruto do Sistema de Mistério Egípcio.

A Teoria de Salvação Egípcia Tornou-se o Propósito da Filosofia Grega.

A mais antiga teoria da salvação é a teoria Egípcia. O Sistema de Mistério Egípcio tinha como objetivo mais importante, a deificação do homem, e ensinava que a alma do homem, se libertada de seus grilhões corporais, poderia permitir-lhe se tornar semelhante a Deus [godlike] e ver os Deuses nesta vida e chegar à visão beatífica e manter comunhão com os Imortais (Ancient Mysteries, C.H. Vail, P. 25). Plotino define esta experiência como a libertação da mente de sua consciência finita, quando se torna um e é identificada com o Infinito. Esta libertação era não só a libertação da alma de impedimentos corporais, mas também de toda a roda de reencarnação ou renascimento. Tratava-se de um processo de disciplinas ou purificação, para ambos o corpo e a alma. Uma vez que o Sistema de Mistério oferecia a salvação da alma, ele também colocava grande ênfase sobre a sua imortalidade. O Sistema Mistério Egípcio, assim como a Universidade moderna, era o centro da cultura organizada, e os candidatos entravam nele como a principal fonte de cultura antiga.

De acordo com Pietschmann, os Mistérios Egípcios tinham três tipos de alunos

- (1) Os Mortais [The Mortals] ou seja, estudantes estagiários [probationary students] que estavam sendo instruídos, mas que ainda não tinham experimentado a visão interior.
- (2) Os Inteligências [The Intelligences], ou seja, aqueles que tinham alcançado a visão interior, e tinha recebido mente ou nous e
- (3) Os Criadores [The Creators] ou Filhos da Luz, que haviam se identificado com ou se unido com a Luz (ou seja, a verdadeira consciência espiritual).

W. Marsham Adams, em o “Livro do Mestre” [“Book of the Master”], descreveu essas categorias como os equivalentes de Iniciação, Iluminação e Perfeição. Durante anos eles eram submetidos a exercícios intelectuais disciplinares, e ascetismo corporal com intervalos de testes e provas para determinar a sua aptidão para continuar para o mais sério, solene e terrível processo de Iniciação real.

Sua educação consistia não apenas no cultivo das dez virtudes, que eram feitas uma condição para a felicidade eterna, mas também das sete Artes Liberais que visavam libertar a alma. Havia também a admissão para os Grandes Mistérios, onde uma filosofia esotérica era ensinada para aqueles que tinham demonstrado a sua proficiência. (Ancient Mysteries C. H. Vail P. 24-25).

Gramática, Retórica, e Lógica eram disciplinas de natureza moral por meio das quais as tendências irracionais do ser humano eram purgadas, e ele era treinado para se tornar uma testemunha viva do Logos Divino. Geometria e ARITMética eram ciências do espaço transcendental e numeração, a compreensão das quais fornecia a chave não só para os problemas do nosso ser; mas também para aqueles físicos, que são tão desconcertante hoje, devido à nossa utilização dos métodos indutivos. Astronomia lidava com o conhecimento e distribuição de forças latentes no homem, e o destino de indivíduos, laços e nações. Música (ou Harmonia) significava a prática viva da filosofia, ou seja, o ajuste da vida humana em harmonia com Deus, até que a alma pessoal tornasse-se identificada com Deus, quando iria ouvir e participar da música das esferas. Era terapêutica, e foi usada pelos Sacerdotes Egípcios na cura de doenças. Esta era a teoria Egípcia da salvação, através da qual o indivíduo era treinado para se tornar semelhante a deus [godlike], enquanto na terra, e ao mesmo tempo se qualificava para a felicidade eterna. Isto era conseguido através dos esforços do indivíduo, através do cultivo das Artes e Ciências, por um lado, e uma vida de virtude, por outro. Não havia mediador entre o homem e sua salvação, como nós encontramos na teoria Cristã. Referência será novamente feita a estes assuntos, como parte do Currículo do Sistema de Mistério Egípcio.

Agora que já delineamos a teoria Egípcia de salvação e sua finalidade, vamos examinar a filosofia Grega e sua finalidade, a fim de descobrir se existe uma concordância entre os dois sistemas, ou não.

2. Circunstâncias da identidade entre os Sistemas Egípcio e Grego.

O Indiciamento e Acusação dos Filósofos Gregos.

O indiciamento e acusação [prosecution] dos filósofos Gregos é uma circunstância que é familiar a todos nós. Vários filósofos, um após o outro, foram indiciados pelo Governo Ateniense, sob a acusação comum de introduzir divindades estranhas. Anaxágoras, Sócrates, e Aristóteles receberam acusações semelhantes por uma ofensa semelhante. A mais famosa destas foi aquela contra Sócrates que diz o seguinte. “Sócrates comete um crime por não acreditar nos Deuses da cidade, e por introduzir outras novas divindades. Ele também comete um crime por corromper a juventude”. Agora, a fim de descobrir o que essas novas divindades eram, devemos voltar para a opinião popular que Aristófanes (423 a.C.) em *As Nuvens* [the Clouds], despertou contra ele. Ela segue da seguinte maneira: “Sócrates é um malfeitor, que se ocupa de investigar as coisas debaixo da terra e no céu, e que faz com que o pior pareça a melhor razão, e que ensina os outros estas mesmas coisas

(Apologia Platão C. 1–10; Aristophanes’ *Frogs*, 1071; Apology 18 B.C., 19 C. Apology 24 B).

É claro, então, que Sócrates ofendeu o governo Ateniense simplesmente porque perseguia o estudo da astronomia e provavelmente aquele da geologia; e que os outros filósofos foram perseguidos pela mesma razão. Mas o estudo da ciência era uma condição necessária para a adesão no Sistema de Mistério Egípcio, e seu objetivo era a libertação da alma dos dez grilhões corporais, e se os filósofos Gregos estudavam as ciências, então, eles estavam cumprindo uma condição necessária para a adesão no Sistema de Mistério Egípcio e seu propósito; fosse através do contato direto com o Egito ou suas escolas ou lojas fora do seu território.

B. Uma vida de Virtude era a Condição Requerida pelos Mistérios Egípcios como Mencionado em Outros Lugares.

As virtudes não eram meras abstrações ou sentimentos éticos, mas eram valores positivos e virilidade da alma. Temperança significava o controle completo da natureza passional. Fortitude significava tanto coragem como não permitir que as adversidades nos desviem do nosso objetivo. Prudência significava o profundo conhecimento [deep insight] que convém à faculdade de vidência. Justiça significava a justiça inabalável de pensamento e ação.

Além disso, quando comparamos os dois sistemas éticos, descobrimos que a maior inclui o menor, e que ele também sugere a origem deste último. Nos Mistérios Egípcios o Neófito era obrigado a manifestar os seguintes atributos da alma: –

(1) Controle de pensamento e (2) Controle de ação, a combinação dos quais, Platão chamou de Justiça (ou seja, a justiça inabalável de pensamento e ação). (3) Firmeza de propósito, que era

equivalente à Fortaleza. (4) Identidade com a vida espiritual ou os ideais mais elevados, o que era equivalente à temperança um atributo alcançado quando o indivíduo tinha obtido conquista sobre a natureza passional. (5) Evidência de ter uma missão na vida e (6) Evidência de um chamado para Ordens espirituais ou o Sacerdócio nos Mistérios: a combinação dos quais era equivalente à Prudência ou uma profunda visão [deep insight] e gravidade que convém à faculdade de vidência.

Outros requisitos no sistema ético dos Mistérios Egípcios eram: –

(7) Liberdade de ressentimento, quando sob a experiência da perseguição e do errado. Isto era conhecido como coragem.

(8) Confiança no poder do mestre (como Professor), e

(9) Confiança na própria capacidade para aprender; ambos atributos sendo conhecidos como Fidelidade.

(10) Prontidão [Readiness] ou preparação para a iniciação. Sempre houve este princípio dos Antigos Mistérios do Egito: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”. Isto era equivalente à uma condição de eficiência em todos os momentos pois menos do que isto apontava para uma fraqueza. Está agora bastante claro que Platão traçou as quatro virtudes cardeais a partir das dez Egípcias; e também que a filosofia Grega é a filha do Sistema de Mistério egípcio.

[it is now quite clear that Plato Drew the four Cardinal virtues from the Egyptian tem; also that Greek philosophy is the offspring of the Egyptian Mystery System.]

C. (i) Houve uma Grande Loja no Egito, que tinha associadas Escolas e Lojas no mundo antigo.

Havia escolas de mistério, ou o que nós comumente chamamos lojas na Grécia e em outras terras, fora do Egito, cujo trabalho era feito de acordo com a Osíriaca, a Grande Loja do Egito. Essas escolas têm sido freqüentemente referidas como mistérios privados ou filosóficos, e seus fundadores eram Iniciados dos Mistérios Egípcios; o templo Jônico em Dídimos; a loja de Euclides em Megara; a loja de Pitágoras em Crotona; e o templo Órfico em Delfos, com as escolas de Platão e Aristóteles. Conseqüentemente nós cometemos um erro quando supomos que os chamados filósofos Gregos formularam novas doutrinas de sua própria autoria; pois a sua filosofia tinha sido proferida pelos grandes Hierofantes Egípcios através dos Mistérios. (Ancient Mysteries C. H. Vail P. 59) Além do controle dos mistérios, a Grande Loja permitia um intercâmbio de visitas entre os várias lojas, a fim de garantir o progresso dos irmãos na ciência secreta.

Somos informados no Timeu de Platão, que aspirantes à sabedoria mística visitaram o Egito para a iniciação e foram informados pelos sacerdotes de Sais, “que vocês, Gregos, são apenas crianças” na Doutrina Secreta, mas foram admitidos à informação permitindo-lhes promover o seu avanço espiritual. Da mesma forma, somos informados por Jamblichus de uma correspondência entre Anebo e Porfírio, lidando com as relações fraternas, existentes entre as diversas escolas ou lojas de instruções em terras diferentes, como os seus membros visitavam, recebiam e atendiam um ao outro na ciência secreta, os mais avançados sendo obrigados a prestar assistência e instrução aos seus irmãos nas ordens inferiores. (Jamblichus: correspondência entre Anebo e Porfírio) (Timeu de Platão) (W.L. Wilmshurst on the meaning of Masonry).

Tendo afirmado que a Grande Loja de mistérios antigos era situada no Egito, com jurisdição sobre todas as lojas e escolas do mundo antigo, resta agora mostrar que tal Grande Loja, realmente e fisicamente existiu. Ao fazê-lo, são necessárias duas coisas: em primeiro lugar, uma descrição do templo Egípcio, do qual nossas modernas lojas de mistério (chamadas por diferentes nomes) são cópias e, segundo, uma descrição dos restos da real Grande e Sublime Loja do Antigo Egito

C. (ii) Uma descrição do templo Egípcio.

Aqui Eu cito duas autoridades sobre o templo Egípcio, o primeiro, C. H. Vail, em *Ancient Mysteries (Mistérios Antigos)* P. 159, que diz que “os templos Egípcios eram cercados com colunas referentes ao número das constelações e os signos do Zodíaco ou os ciclos dos planetas. E cada templo era considerado ser um microcosmo ou um símbolo do templo do Universo ou da abóbada estrelada chamada templo”. A autoridade seguinte é Max Muller, que em seu *Egyptian Mythology (Mitologia Egípcia)* P. 187-193, descreveu templos Egípcios como segue: –

“Templos Egípcios eram feitos de pedra, os pátios externos de tijolos de barro. largas estradas levavam aos templos para a conveniência de procissões, enquanto a entrada imediata era alinhada com estátuas, consistindo de esfinges e outros animais. A parede frontal formava duas altas torres como edifícios, chamados pilones [Pylons], diante dos quais se situavam dois obeliscos em granito. Imediatamente após os pilones [pylons] vinha um grande pátio onde a congregação se reunia e observava os sacrifícios. Imediatamente ao lado da sala da congregação, vinha o salão de sacerdotes, e imediatamente à seguir o salão dos sacerdotes vinha a câmara final, chamada de Ádito [Adytum], ou seja, o Santo dos Santos, que era penetrado apenas pelo Sumo Sacerdote. Este era o lugar do santuário e da morada do Deus.

Cada templo era uma reprodução do mundo. Os tetos eram pintados para representar o céu e as estrelas, enquanto o piso era verde e azul como os prados. Limpeza cerimonial era em todos os momentos imperativa, e as pessoas antes de entrar no templo deviam cuidadosamente

purificar-se em um córrego próximo. Em tempos mais recentes, isto tornou-se uma cerimônia de aspersão com água benta antes de entrar no templo “.

É evidente a partir da descrição anterior que não só as modernas lojas maçônicas, são cópias do templo Egípcio, mas também as antigos, pois há identidade completa na sua decoração interna. Mas as lojas menores ou inferiores, incluindo aquelas fora do Egito, deviam ter tido um corpo diretivo [governing body], e por isso agora, eu continuo a citar C.H. Vail, que em seu *Ancient Mysteries (Mistérios Antigos)*, páginas 182 e 183, descreve completamente a localização e restos da famosa Grande Loja de Luxor, como segue:

C. (iii) A localização da Grande Loja Maçônica da Antiguidade.

“A uma curta distância de Dendera, agora chamado Alto Egito, está o grupo mais extraordinário de ruínas arquitetônicas apresentadas em qualquer parte do mundo, conhecido como os Templos da antiga cidade de Tebas. Tebas, em seu primor, ocupava uma grande área em ambos os lados do Nilo. Esta cidade foi o centro de uma grande nação comercial do Alto Egito idades antes de Memphis ser a capital da segunda nação no Baixo Egito, e, por maiores que os monumentos arquitetônicos da última possam ter sido, aqueles da primeira os ultrapassaram. O retrato à lápis ou pincel pode transmitir apenas uma pálida idéia da cidade realçada [perfected city]. Como a cidade está atualmente, é como uma cidade de gigantes, que depois de um longo conflito foram destruídas, deixando as ruínas de seus vários templos, como a única prova de sua existência.

“O Templo de Luxor (foi neste templo que a Grande Loja de Iniciados sempre se encontrou), fica em uma plataforma elevada de alvenaria que cobre mais de dois mil pés de comprimento e mil pés de largura (note a forma oblonga, que se tornou o padrão para todas as lojas e igrejas no mundo antigo). Ele é o que interessa os membros de todas as Antigas Ordens, especialmente, todos os membros daquelas Ordens que adoravam no Santuário do Fogo Secreto, mais do que talvez quaisquer outros, e fica na margem oriental do Nilo. Ele está em um estado muito arruinado; mas os registros dizem que a escala estupenda de suas proporções quase tira o sentido de sua incompletude.

Até cerca de um quarto de século atrás, a maior parte de suas colunas nas paredes interiores e exteriores tinha sido removida, após a queda, para uso em outros lugares. Este templo foi fundado pelo faraó Amenothis III, que construiu a parte sul, incluindo a pesada colunata com vista para o rio, mas destruição infelizmente esconde esse fato.

A entrada principal do Templo olhava para o leste; enquanto as câmaras Santas na extremidade superior da planície aproximavam-se do Nilo. Tão poderoso como o Templo de Luxor era, foi ultrapassado em magnitude e grandiosidade pelo de Karnak. A distância entre

estas duas grandes estruturas era uma milha e meia. Ao longo desta avenida estava uma dupla fila de esfinges, colocadas a 12 pés de distância, e a largura da avenida era 60 pés. Quando em perfeito estado esta avenida apresentava a entrada mais extraordinária que o mundo já viu. Se tivéssemos o poder de figurar a partir do campo da imaginação as grandes procissões de Neófitos constantemente passando e tomando parte nas cerimônias de iniciação, seríamos incapazes de produzir a grandeza dos arredores, e a visão imponente de cores e magníficos ornamentos dos que tomavam parte. Nem podemos produzir a música que mantinha o grande número de pessoas em ordem de marcha constante. Bruta que poderia ter sido para o ouvido cultivado do século 20. Mas, não poderia a força palpitante cantada por vozes reunidas no lapso de tempo, cuja história lança as aspirações mais profundas do coração humano, como a tendência de um grande rio, porque as grandes correntes da Lei Universal, transmitindo o desejo daquele Passado Sombrio, uma vez que os passos adiante das páginas da história, escurecem com a idade? [dim with age] O Egito deve ter sido, quando esses templos foram construídos, uma nação marcial, pois registros de seus atos bélicos estão perpetuados em tabletes profundamente gravados que mesmo agora, excitam a admiração dos melhores juizes de vestígios arqueológicos. Ela também era uma nação altamente civilizada, e de uma natureza que poderia suportar as despesas que sempre atendem à cultura das Artes. Ela superou, em sua arquitetura surpreendente, todas as outras nações que têm existido sobre a terra. ”

Estou plenamente convencido por estas referências e citações que uma Grande Loja Egípcia de Antigos Mistérios, de fato, existiu a cerca de cinco mil anos atrás ou mais, nas margens do rio Nilo, na cidade de Tebas, e que era a única Grande Loja do Mundo Antigo cujas ruínas foram encontradas no Egito, e que ela era o órgão regulador que necessariamente controlava os Antigos Mistérios juntamente com as escolas filosóficas e Lojas menores onde quer que acontecesse de serem organizadas.

C. (iv) A reconstrução do templo de Delfos.

O templo de Delfos foi incendiado em 548 a.C. e foi o Rei Amasis do Egito, que o reconstruiu para os irmãos, com a doação de três vezes mais do que era necessário, no montante de mil talentos, e 50.000 libras de alume. De acordo com informação em mãos, o templo tinha organizado os seus membros em uma Liga Anfictiônica [amphictyonic league] para proteção contra a violência política e outras formas de violência; mas eles eram muito pobres para levantar fundos suficientes a partir da filiação, e eles decidiram por uma contribuição pública dos cidadãos da Grécia. [According to information at hand, the temple had organized its members into an amphictyonic league for protection against political and other forms of violence; but they were too poor to raise sufficient funds from the membership, and they decided upon a public contribution from the citizens of Greece.]

Assim eles vagaram por toda a terra solicitando ajuda, mas falharam em seus esforços. Tendo decidido visitar os irmãos no Egito, eles se aproximaram do Rei Amasis, que, como Grão-Mestre, sem hesitar, se ofereceu para reconstruir o Templo, e doou mais de três vezes mais do que era necessário para o propósito.

N.B. Aqui seria bom notar que

(1) Os Gregos consideravam o Templo de Delfos como uma instituição estrangeira, daí

(2) Eles eram antipático com relação à ele e, pela mesma razão o destruíram pelo fogo.

(3) Claramente, o Templo de Delfos era um ramo do Sistema de Mistério Egípcio, projetado na Grécia.

Sandford's Mediterranean World p. 135; 139.

John Kendrick's Ancient Egypt Bk. II. P. 363.

3. A abolição da Filosofia Grega juntamente com os Mistérios Egípcios.

Desde a conquista do Egito por Alexandre o Grande, os Gregos, que foram sempre atraídos pela culto misterioso da Terra do Nilo [Nile-Land], começou a imitar a religião Egípcia na sua totalidade; e durante a ocupação Romana, a religião Egípcia se espalhou não só para a Itália, mas em todo o Império Romano, incluindo a Bretanha.

Esta assimilação da religião Egípcia foi confinada aos Deuses do ciclo Osíriaco e o Greco-Egípcio Serapis, e visava uma estreita imitação das antigas tradições da Terra do Nilo [Nile-land]. Devido ao esplendor da arquitetura, os hieróglifos dos templos, os obeliscos e esfinges perante os santuários, as vestes de linho e as cabeças e rostos raspados dos sacerdotes, o interminável e obscuro ritual, enchia os Gregos de reverência [awe], e maravilhosos mistérios eram conseqüentemente, considerados subjacentes a estes incompreensíveis, e a religião Egípcia ficou no caminho do Cristianismo nascente.

O sucesso da religião Egípcia era devido, sem dúvida, por um lado, ao seu conservadorismo; enquanto, por outro, as sombrias abstrações filosóficas que constituíram a religião Greco-Romana, de modo que a fé incondicional dos Egípcios, juntamente com suas formas misteriosas de culto, levou à convicção universal entre os Antigos, de que o Egito era não apenas a Terra Santa [Holy Land] mas o mais sagrada das terras ou países [the Holiest of lands or countries], e que, de fato, os Deuses habitavam ali [the Gods dwelt there].

O Nilo tornou-se um centro de peregrinação no mundo antigo, e os peregrinos que iam lá e experimentavam as maravilhosas revelações e bênçãos espirituais que lhes ofereciam, voltavam para casa com a convicção de que o Nilo era o lar do mais profundo conhecimento religioso.

Os Gregos não conseguiram imitar o conservadorismo Egípcio e não apenas em cidades Egípcias, com grande população Grega, mas na Europa, divindades Egípcias foram corrompidas com nomes e mitologias Gregas e nomes Asiáticas e reduzidas a vagas personalidades panteístas, assim que Isis e Osiris tinham mantido muito pouco da sua origem Egípcia. (Max Muller p. 241-43; Egyptian Mythology). Por conseguinte, assim como eles não conseguiram avançar Filosofia Egípcia, eles também não conseguiram avançar religião Egípcia.

Durante os primeiros quatro séculos da era Cristã, a religião do Egito continuou inabalável e ininterrupta, mas após o decreto de Teodósio, no final do século IV d.C., ordenando o fechamento dos templos Egípcios, o Cristianismo começou a se espalhar mais rapidamente e ambas as religiões, do Egito e da Grécia começaram a morrer. Na ilha de Filas [Philae], na primeira catarata do Nilo, no entanto, a religião Egípcia era continuada por seus habitantes, os Blêmios e Nobatas [Blemmyans and Nobadians], que se recusaram a aceitar o Cristianismo e o governo Romano, temendo uma rebelião, pagaram tributo a eles como um apaziguamento.

Durante o 6º Século d.C., no entanto, Justiniano emitiu um segundo decreto que suprimiu esse remanescente de fiéis Egípcios e propagou o Cristianismo entre os Núbios. Com a morte do último sacerdote, que sabia ler e interpretar “os escritos das palavras dos Deuses” (hieróglifos) [“The writings of the words of the Gods” – the hieroglyphics] a fé Egípcia caiu no esquecimento. Foi apenas na magia popular que algumas práticas persistiram como vestígios de uma fé que se tornou uma religião universal, ou a sobrevivência de uma estátua de Isis e Hórus, que foram considerados como a Madona e Criança [the Madonna and Child].

Um sentimento de admiração e respeito por esta mais estranha de todas as religiões ainda sobrevive, mas as informações de autores clássicos a respeito desta fé tem sido incompleta. A Invasão do Egito por Napoleão trouxe um renascimento do interesse do Ocidente para decifrar

suas inscrições e papiros com vista a uma compreensão e apreciação da mais antiga das civilizações.

(Mythology of Egypt by Max Muller C. XIII p. 241–245; The Mediterranean World by Sandford, p. 508, 548, 552–558, 568).

Aprendemos os seguintes fatos a partir das citações acima: –

(i) Os Mistérios Egípcios haviam se tornado a Antiga Religião do Mundo, espalhando-se por todo o Império Romano, incluindo Itália, Grécia, Ásia Menor, e várias partes da Europa, incluindo a Bretanha. Isto continuou sob nomes diferentes, muito tempo depois do decreto de tolerância de Justiniano concedido aos cristãos.

(ii) o Egito era a Terra Santa [Holy Land] do mundo antigo, que peregrinações eram feitas para aquela terra por causa das maravilhosas revelações e bênçãos espirituais que concediam os povos antigos, e por causa da convicção universal entre os antigos que o Egito era a terra de Deuses [the land of the Gods].

(iii) Os decretos de Teodósio, no 4º Século A.D., e aquele de Justiniano no 6º Século d.C. aboliram, igualmente, não apenas o Sistema de Mistério do Egito, mas também as suas escolas filosóficas, localizados na Grécia e em outros lugares, fora do Egito.

(iv) A abolição dos mistérios egípcios era para criar uma oportunidade para a adoção do Cristianismo. Este era o problema: o governo Romano sentiu que o Egito estava agora conquistado nos braços e reduzido à seus joelhos, mas, a fim de tornar a conquista completa, seria necessário abolir os Mistérios que ainda controlavam a mente religiosa do mundo antigo. Deveria haver uma Nova Religião Mundial para tomar o lugar da religião Egípcia. Esta Nova Religião, que deveria tomar o lugar dos Mistérios, deveria ser igualmente poderosa e universal, e, conseqüentemente, tudo deveria ser feito a fim de promover os seus interesses. Isso explica o rápido crescimento do Cristianismo seguindo ao Decreto de tolerância de Justiniano.

(v) Uma vez que os Éditos de Teodósio e Justiniano aboliram ambos os Mistérios do Egito e as escolas de filosofia Gregas, igualmente, isto mostra que a natureza dos Mistérios Egípcios e da filosofia Grega era idêntica e que a filosofia Grega cresceu a partir dos Mistérios Egípcios. [Greek philosophy grew out of the Egyptian Mysteries].

4. Como o Continente Africano deu sua Cultura para o Mundo Ocidental.

Como mencionado anteriormente, os Mistérios Egípcios e as escolas filosóficas da Grécia foram fechadas pelos decretos de Teodósio no 4º Século d.C. e aquele de Justiniano no 6º século d.C. (isto é, 529); e, como consequência, a escuridão intelectual [intellectual darkness] espalhou-se pela Europa Cristã e o mundo Greco-Romano durante dez séculos; tempo durante o qual, o conhecimento tinha desaparecido.

Como afirmado em outros lugares, os Gregos não mostraram poderes criativos, e foram incapazes de melhorar o conhecimento que eles tinham recebido dos Egípcios (Hist. of Science by Sedgwick and Tyler

p. 141; 153; Zeller's Hist. of Phil. Introduction p. 31).

Durante as invasões Persas, Gregas e Romanas, um grande número de Egípcios fugiu, não só para as regiões desérticas e montanhosas, mas também para terras adjacentes na África, Arábia e Ásia Menor, onde viveram, e secretamente desenvolveram os ensinamentos que pertenciam ao seu sistema de mistério. No 8º Século d.C. os Mouros [The Moors], ou seja, os nativos da Mauritânia na África do Norte, invadiram a Espanha e levaram com eles, a cultura Egípcia que tinham preservado. Conhecimento nos dias antigos era centralizado, ou seja, pertencia a um comum pai e sistema, ou seja, o Ensino da Sabedoria [Wisdom Teaching] ou Mistérios do Egito, que os Gregos chamavam de Sophia.

Como tal, o povo da África do Norte eram os vizinhos dos Egípcios, e se tornaram os guardiões da cultura Egípcia, que eles espalharam por uma parte considerável da África, Ásia Menor e Europa. Durante a sua ocupação da Espanha, os Mouros exibiram com um crédito considerável, a grandeza da cultura e da civilização Africana. As escolas e bibliotecas que eles estabeleceram tornaram-se famosas em todo o mundo medieval; Ciência e aprendizagem foram cultivadas e ensinadas; as escolas de Córdoba, Toledo, Sevilha e Saragoça atingiram tal celebridade, que, tal como o seu pai Egito, atraíram estudantes de todas as partes do mundo Ocidental; e delas surgiram os professores Africanos mais famosos que o mundo já conheceu, na medicina, cirurgia, astronomia e matemática. Mas essas pessoas do norte da África fizeram mais do que meramente distinguirem-se na Espanha. Eles foram realmente os curadores reconhecidos da cultura Africana, a quem o mundo olhava por iluminação. Consequentemente, por meio da língua árabe antiga, a filosofia e os vários ramos da ciência foram divulgados:

(a) todas as chamadas obras de Aristóteles em Metafísica, filosofia moral e ciência natural

(b) traduções por Leonardo Pisano em árabe ciência matemática [Arabic mathematic science]

(c) Tradução por Guido, um Monge de Arezzo, sobre notação musical.

(Sedgwick and Tyler's Hist. of Science C. IX.)

Além disso, os Mouros [the Moors] mantinham contato constante com a mãe Egito, porque tinham estabelecido Califados não só em Bagdá e Córdoba, mas também em Cairo, no Egito. (Europe in the Middle Ages by Ault p. 216–219). Bem aqui, seria bom mencionar que todos os grandes líderes das grandes religiões da antiguidade eram Iniciados do Sistema de Mistério Egípcio: desde Moisés, que era um Hierogrammat Egípcio, até Cristo.

Também deve ser de interesse saber que os cientistas Europeus como Roger Bacon, Johann Kepler, Copérnico e outros obtiveram a sua ciência por meio de fontes Árabes ou Berberes. É também de se salientar que, ao longo da Idade Média [Middle Ages], o conhecimento Europeu de medicina veio destas mesmas fontes.

(History of The Arabs, by Hitti pages 370, 629, 665 and 572).

(Philo; Esoteric Christianity by Annie Besant p. 107; 128–129;

Ancient Mysteries by C. H. Vail p. 59; 61; 74–75; 109).

CAPÍTULO IV:

Os Egípcios Educaram os Gregos.

Os efeitos da Conquista Persa.

A. Restrições de imigração contra os Gregos são removidas e o Egito é aberto à pesquisa Grega.

Devido à prática de pirataria, em que os Jônios e Caríacos eram ativos, os Egípcios foram forçados a fazer leis de imigração restringindo a imigração dos Gregos e punindo a sua violação

por pena de morte, ou seja, o sacrifício da vítima. Antes da época de Psammitichus, os Gregos não foram autorizados a ir além da costa do Baixo Egito, mas durante o seu reinado e aquele de Amasis, essas condições foram modificadas. Pela primeira vez na história Egípcia, Jônios e Carianos foram empregados como mercenários no exército Egípcio (670 a.C.), a interpretação foi organizada através de um corpo de intérpretes, e os Gregos começaram a obter informações úteis sobre a cultura dos Egípcios.

Além dessas mudanças, o Rei Amasis removeu as restrições contra os gregos e permitiu-lhes entrar no Egito e se estabelecer em Naucratis. Sobre este mesmo tempo, ou seja, o reinado de Amasis, os Persas, através Cambises, invadiram o Egito, e todo o país foi aberto para as pesquisas dos Gregos.

B. A Gênese da Iluminação Grega. [The Genesis of Greek Enlightenment]

A invasão Persa, não apenas forneceu os Gregos com uma ampla pesquisa, mas estimulou a criação de história em prosa na Jônia.

Até este momento, os Gregos tinham pouco ou nenhum conhecimento exato da cultura Egípcia, mas seu contato com o Egito resultou na gênese de sua iluminação.

(Ovid Fasti III 338; Herodotus Bk. II p. 113; Plutarch p. 380; Eratosthenes ap Strabo 801–802; Diogenes Bk. IX 49).

C. Estudantes da Jônia e das Ilhas do Mar Egeu visitaram o Egito para a sua educação.

Assim como em nossos tempos modernos, países como Estados Unidos, Inglaterra e França estão atraindo estudantes de todas as partes do mundo, por conta de sua liderança na cultura; assim era nos tempos antigos, o Egito era supremo na liderança da civilização, e os estudantes de todas as partes, reuniam-se para aquela a terra, buscando a admissão em seus mistérios ou sistema de sabedoria.

A imigração de Gregos para o Egito com o propósito de sua educação começou como resultado da invasão Persa (525 a.C.), e continuou até que os Gregos ganharam a posse daquela terra e acesso à biblioteca real, através da conquista de Alexandre o Grande. Alexandria foi convertida em uma cidade Grega, um centro de pesquisa e a capital do império Grego recém-criado, sob a regência dos Ptolemaicos. Cultura Egípcia sobreviveu e floresceu, com o nome e controle dos

Gregos, até que os decretos de Teodósio, no 4º século d.C., e de Justiniano, no 6º Século d.C., aboliram os templos e escolas de Mistério, como mencionado em outros lugares.

(Ancient Egypt by John Kendrick Bk. II p. 55; Sandford's Mediterranean World p.562; 570).

No que diz respeito ao fato de que o Egito foi o maior centro de educação do mundo antigo, que também foi visitado pelos Gregos, deve novamente ser feita referência a Platão no Timeu, que nos diz que os aspirantes Gregos à sabedoria visitavam o Egito para a iniciação, e que os sacerdotes de Sais costumavam se referir a eles como crianças nos Mistérios.

No que se refere a visita de estudantes Gregos ao Egito com o propósito de sua educação, o seguinte é mencionado apenas para estabelecer o fato de que o Egito era considerado como o centro educacional do mundo antigo e que assim como os Judeus, os Gregos também visitaram o Egito e receberam sua educação.

(1) Diz-se que durante o reinado de Amasis, Thales, de quem se diz, ter nascido cerca de 585 a.C., visitou o Egito e foi iniciado pelos sacerdotes egípcios no Sistema de mistério e ciência dos Egípcios. Também nos é dito que durante a sua permanência no Egito, ele aprendeu astronomia, agrimensura, mensuração, engenharia e Teologia Egípcia.

(See Thales in Blackwell's source book of Philosophy; Zeller's Hist. of Phil.; Diogenes Laertius and Kendrick's Ancient Egypt).

(2) É dito que Pitágoras, um nativo de Samos, viajou freqüentemente para o Egito para o propósito de sua educação. Como todo aspirante, ele teve que obter o consentimento e o favor dos Sacerdotes, e somos informados por Diógenes que existia uma amizade entre Polícrates de Samos e Amasis Rei do Egito, que Polícrates deu a Pitágoras cartas de apresentação para o Rei, que garantiram a ele uma introdução aos Sacerdotes; primeiro para o Sacerdote de Heliópolis, em seguida, para o Sacerdote de Memphis, e por fim aos sacerdotes de Tebas, para cada um dos quais Pitágoras deu uma taça de prata.

(Herodotus Bk. III 124; Diogenes VIII 3; Pliny N. H., 36, 9; Antipho recorded by Porphyry).

Nós somos também informados através de Heródoto, Jablonsk e Plínio, que após duras provas, incluindo a circuncisão, tinham sido impostas a ele pelos Sacerdotes Egípcios, ele finalmente

foi iniciado em todos os seus segredos. Que ele aprendeu a doutrina da metempsicose; da qual não havia nenhum vestígio antes na religião Grega; que o seu conhecimento da medicina e rigoroso sistema de regras dietéticas, distinguiram-no como um produto do Egito, onde a medicina tinha atingido a sua maior perfeição; e que suas realizações em geometria correspondem com o fato apurado de que o Egito foi o local de nascimento desta Ciência. Além disso, temos as declarações de Plutarco, Demétrius e Antístenes de que Pitágoras fundou a ciência da Matemática entre os Gregos, e que ele sacrificou para as Musas, quando os Sacerdotes explicaram para ele as propriedades do triângulo em ângulo reto [right angled Triangle].

(Philarch de Repugn. Stoic 2 p. 1089; Demetrius; Antisthenes; Cicero de Natura Deorum III, 36).

Pitágoras foi também treinado em música pelos sacerdotes Egípcios.

(Kendrick's Hist. of Ancient Egypt vol. I. p. 234).

(3) De acordo com Diógenes Laércio e Heródoto, Demócrito, é dito ter nascido cerca de 400 a.C. e ter sido um nativo de Abdera em Mileto.

Também nos é dito por Demétrius em seu tratado sobre “Povo do Mesmo Nome” [“People of the same name”], e por Antístenes em seu tratado sobre “Sucessão” [“Succession”], que Demócrito viajou para o Egito com o propósito de sua educação e recebeu a instrução dos Sacerdotes. Nós também aprendemos com Diógenes e Heródoto que ele passou cinco anos sob a instrução dos sacerdotes egípcios e que, após a conclusão de sua educação, ele escreveu um tratado sobre os Caracteres sagrados de Meroe. [sacred characters of Meroe].

A este respeito, nós ainda aprendemos com Orígenes, que a circuncisão era obrigatória, e uma das condições necessárias de iniciação ao conhecimento dos hieróglifos e ciências dos Egípcios, e é óbvio que Demócrito, a fim de obter tal conhecimento, deve ter se submetido também a esse rito. Orígenes, que era um nativo do Egito escreveu o seguinte: –

“Apud Aegyptios nullus aut geometrica studebat, aut astronomiae secreta remabatur, nisi circumcissione suscepta.”

(Ninguém entre os Egípcios, estudava geometria ou investigava os segredos da astronomia, a menos que a circuncisão houvesse sido realizada).

(4) No que diz respeito às viagens de Platão, somos informados por Hermodorus que com a idade de 28 Platão visitou Euclides em Megara em companhia de outros alunos de Sócrates; e que, pelos próximos dez anos, ele visitou Cirene, Itália e, finalmente, o Egito, onde recebeu instrução dos Sacerdotes Egípcios.

(5) Em relação à Sócrates e Aristóteles e a maioria dos filósofos pré-socráticos, a história parece ser omissa sobre a questão da sua viagem para o Egito, como os poucos outros estudantes aqui mencionados, para o propósito de sua educação. É o suficiente dizer que, neste caso, as exceções provaram a regra, que todos os estudantes, que tinham os meios, foram para o Egito para completar sua educação. O facto de a história falhar a fornecer uma explicação mais detalhada deste tipo de imigração, pode ser devido a algumas ou todas as seguintes razões:

(a) As leis de imigração contra os Gregos até a época do Rei Amasis e a invasão Persa,

(b) A história em Prosa era pouco desenvolvida [was undeveloped] entre os Gregos durante o período de sua imigração educacional para o Egito.

(c) As autoridades Gregas perseguiram e levavam estudantes de filosofia na clandestinidade e, conseqüentemente,

(d) Estudantes do Sistema Mistério ocultavam seus movimentos.

Lembre-mos que Anaxágoras foi indiciado e preso; que ele escapou e fugiu para sua casa na Jônia, que Sócrates foi indiciado, preso e condenado à morte; e que tanto Platão quanto Aristóteles fugiram de Atenas sob grande desconfiança.

(William Turner's Hist. of Phil. p. 62; Plato's Phaedo; Zeller's Hist. of Phil. p. 84; 127; Roger's Hist. of Phil. p. 76; William Turner's Hist. of Phil. p. 126).

2. Os efeitos da conquista do Egito por Alexandre o Grande.

A. As Bibliotecas e Museus Reais juntamente com Templos e outras Bibliotecas foram saqueadas

Como mencionado em outros lugares, era um antigo costume de exércitos invasores saquear bibliotecas e templos a fim de capturar os livros e manuscritos, que eram considerados como grandes tesouros.

Alguns exemplos seriam suficientes para verificar este costume:

(a) somos informados de que, durante a invasão Persa começando com Cambises, os templos do Egito foram não só despojados de seu ouro e prata, mas saqueados (vasculhados) pelos seus registros antigos. Cada templo egípcio carregava uma biblioteca secreta com manuscritos e livros secretos.

(b) Nós somos também informados de que, quando Atenas foi capturada pelos Romanos em 84 a.C. a biblioteca de livros, dita pertencendo a Aristóteles, também foi capturada e levado para Roma.

(William Turner's Hist. of Phil. p. 128; John Kendrick's Ancient Egypt vol. II p.432).

Assim como na invasão do Egito pelos Persas, os exércitos invasores despojaram os templos de seu ouro, prata e livros sagrados; e assim como na captura de Atenas pelos Romanos, Sulla levou a única biblioteca de livros que encontrou; por isso, é de se esperar de Alexandre o Grande, em sua invasão do Egito. Uma das primeiras coisas que ele e seus companheiros e exércitos fariam, seria procurar pelos tesouros da terra e capturá-los. Estes eram mantidos em templos e bibliotecas e consistiam de ouro e prata a partir dos quais os deuses e os vasos cerimoniais eram feitos, e os livros sagrados e, manuscritos mantidos tanto em bibliotecas quanto no "Santo dos Santos" ["Holy of Holies"] dos Templos.

É minha firme convicção de que esta, aliás, foi a grande oportunidade que Alexander deu a Aristóteles e permitiu a ele e seus discípulos levar tantos livros quanto eles quisessem da Biblioteca Real e convertê-la em um centro de pesquisa. Além da Biblioteca Real de Alexandria, também houve outra biblioteca famosa por perto: A "Biblioteca Real de Tebas ["Royal Library of Thebes"]; "O Menephtheion", que foi fundado pelo Faraó, Setei. O Menephtheion foi

concluído por Ramsés II; mas pouco ocorre na história sobre esta maior das Bibliotecas Reais Egípcias.

No entanto, qualquer exército invasor saquearia primeiro a Biblioteca Real de Alexandria e, em seguida, iria voltar sua atenção para o Menephtheion em Tebas. Eles também poderiam visitar as cidades de Memphis e Heliópolis e também saquear suas bibliotecas e templos. Este era o costume antigo e certamente uma das maneiras em que os Gregos receberam a sua educação dos Egípcios.

(Egyptian Mythology by Max Muller p. 187–189; 205; Diodorus 16, 51; Bunsen I p. 27; Ancient Egypt by John Kendrick vol. II 56; 432–433).

É, portanto, uma crença errônea a de que os Gregos, em solo Egípcio, e através de sua própria capacidade nativa, criaram uma grande universidade em Alexandria e acabaram grandes estudiosos.

Por outro lado, uma vez que é um fato bem conhecido que o Egito era a terra de templos e bibliotecas, podemos ver como relativamente fácil foi para os Gregos para despojar outras bibliotecas Egípcias de seus livros, a fim de manter a nova Biblioteca de Alexandria, depois que ela já havia sido saqueada por Aristóteles e seus alunos. Os gregos (isto é, Alexandre o Grande, a escola de Aristóteles e os sucessores Ptolemaicos) converteram a Biblioteca Real de Alexandria em um centro de pesquisa, através da transferência da escola e alunos de Aristóteles de Atenas para esta grande Biblioteca Egípcia, e, portanto, os alunos que estudaram lá receberam instruções de sacerdotes e mestres Egípcios, até que eles morreram. A dificuldade de linguagem e interpretação tornou imperativo para os Gregos usar professores Egípcios.

B. A Biblioteca Real de Tebas: O Menephtheion é descrito. Ele foi também saqueado pelos exércitos invasores.

Mas quando lemos um breve esboço da magnificência da Biblioteca Real de Tebas; O Menephtheion, nós até vemos uma melhor imagem e somos obrigados a admitir que o Egito era o celeiro [house store] da cultura antiga e que essa cultura era preservada na forma de literatura guardada em suas grandes bibliotecas e templos. Grande como a Biblioteca Real de Alexandria poderia ter sido, vemos na Biblioteca Real de Tebas algo muito mais magnífico e muito mais representativo da verdadeira grandeza do nosso antigo Egito.

À esquerda dos degraus levando ao segundo pátio, ainda é visto o pedestal da enorme estátua de granito de Ramsés; a maior, que já existiu no Egito, de acordo com Diodoro. Sua altura foi calculada em 54 pés, e seu peso, a 887¼ toneladas; uma maravilha para a mente moderna. A face interior da parede do pilar representa as guerras de Ramsés III. Os pilares Osiríacos [Osiride Pillars] do segundo pátio, são as figuras monolíticas, de dezesseis côvados de altura, que abastecem o lugar de colunas, e ao pé dos degraus que levam do pátio para o próximo salão além, havia duas estátuas sentadas do Rei. A cabeça de uma delas era de granito vermelho, conhecida pelo nome de “Jovem Memon” [“Young Memon”], foi levada por Belzoni, e é agora o principal ornamento do Museu Britânico.

Além disso estão os restos de um salão de 133 pés de largura de 100 metros de comprimento, apoiados por 48 colunas, doze das quais têm 32 pés de altura e 21 pés de circunferência. Em diferentes partes das colunas, e as paredes estão representados atos de homenagem pelo rei para as principais divindades do panteão de Tebas, e as promessas de graça que elas o fazem em retorno.

Em outra escultura as duas principais divindades do Egito investem-no com os emblemas de domínios militar e civil, ou seja, a Cimitarra, o Azorrague e o Pedum [The Scimitar, the Scourge and the Pedum]. Abaixo, os vinte e três filhos de Ramsés aparecem em procissão, carregando os emblemas de seus respectivos altos cargos no Estado, sendo os seus nomes inscritos acima deles. Nove apartamentos menores, dois deles ainda preservados, e apoiados em colunas, assentam por trás do hall. Sobre as ombreiras do primeiro destes apartamentos estão esculpidos Thoth: o Inventor de Letras, e a Deusa Saf, com o título de ‘Senhora das Letras’; e ‘Presidente do Salão dos Livros’, acompanhava o primeiro com um emblema do sentido da visão, e este último, da audição.

Não há dúvida de que esta é a “Biblioteca Sagrada”, que Diodoro descreve como a inscrição “Dispensária da Mente”. Ele teve um teto astronômico, em que os doze meses egípcios estão representados, com uma inscrição a partir da qual inferências importantes foram elaboradas com respeito à cronologia do reinado de Ramsés III.

Nas paredes está uma procissão de sacerdotes, levando as Artes Sacras, e no próximo apartamento, o último que resta, o rei está apresentando ofertas para as várias Divindades.

(Ancient Egypt by J. Kendrick Bk. I p. 128–131. Report of French Commission).

C. O Museu e a Biblioteca de Alexandre foram usados como uma Universidade.

O Museu e a Biblioteca de Alexandria foram tão famosos nos tempos antigos, que nos perguntamos por que mais informações relativas a este centro de aprendizagem, não chegaram até nós. Algumas referências às fontes de autoridade pode, sem dúvida, ajudar a esclarecer-nos sobre este assunto.

A partir da História da Ciência de Sedgwick e História de Tyler, capítulo 5 páginas 87-119, nós aprendemos que a subjugação do Egito por Alexandre, o Grande, em 330 a.C. tinha conferido o desenvolvimento da civilização Grega na sua terra natal.

Que após a morte de Alexandre o Grande, em 323 a.C., seu vasto império foi dividido entre seus generais, e que Alexandria, a nova capital Egípcia caiu para Ptolomeu. Que a cidade, com apenas dez anos de idade, logo se tornou o centro do mundo conhecido, e que em 300 a.C., o Museu (ou seja, a sede das Musas), foi fundado, e tornou-se uma verdadeira universidade de aprendizagem Grega.

Que ao Museu foi anexada uma grande biblioteca, com um salão de jantar e salas de aula para os professores, e isto se tornou uma escola de filósofos, matemáticos e astrônomos. Aqui, para os próximos 700 anos, a ciência teve sua principal morada.

Aqui, no entanto, deve ser lembrado que a afirmação de Sedgwick e Tyler acima é enganosa [misleading], uma vez que os Gregos não levaram uma civilização própria para o Egito, mas, pelo contrário, encontraram uma cultura egípcia altamente desenvolvida, a sobrevivência da qual foi mantida pelo uso de Sacerdotes e Escolares Egípcios como professores.

D. A Política Militar dos Gregos de Recrutar Informações dos Egípcios foi colocada em Operação.

Uma das políticas militares adotadas pelas autoridades militares Gregas em Alexandria foi a questão de comandos para os principais Sacerdotes Egípcios para obter informações sobre a história, filosofia e religião Egípcias. Como um costume isto não é menos antigo do que moderno, uma vez que também é um costume nos tempos modernos por exércitos vitoriosos, conferenciar com os homens de ciência de um país invadido, a fim de descobrir, se ou não, não há nada de novo no campo da ciência, o qual eles possam possuir.

Gostaríamos de lembrar como no final da II Guerra Mundial, os cientistas americanos conferenciaram com os cientistas japoneses em Tóquio. Dessa forma, somos informados de que Ptolomeu I Soter, a fim de obter os segredos da sabedoria Egípcia ou sistema de mistério, ordenou Manetho, o Sumo Sacerdote do templo de Isis em Sebennytus no Baixo Egito, para escrever a filosofia e da história da religião dos Egípcios.

Assim, Manetho publicou vários volumes relativos a estes respectivos campos, e Ptolomeu emitiu uma ordem proibindo a tradução desses livros que tinham de ser mantidos em reserva na Biblioteca, para a educação dos Gregos pelos sacerdotes Egípcios. Aqui se torna bastante claro que os primeiros professores da Escola Alexandrina foram os Sacerdotes Egípcios, e que os Escolares e pupilos da escola transferida de Aristóteles, receberam seu treinamento diretamente dos Sacerdotes Egípcios. Também é bom notar que os principais livros de textos [text books] da Escola Alexandrina eram livros de Manetho.

É-nos dito por Apollodorus de quem Syncellus traçou a informação, que Ptolomeu II ordenou Eratóstenes, o Cireneu (isto é, um homem preto e nativo de Cirene) e bibliotecário da Biblioteca Alexandrina, para escrever uma cronologia dos Reis de Tebas, e que Eratóstenes fez isso com a ajuda dos Hierofantes Egípcios em Tebas

(Egito Antigo por John . Kendrick vol II p 81;. Apollodorus; Syncellus; Clinton, Fasti Hellenici, sub anno).

Além disso, se tornou o costume durante a ocupação Grega e Romana utilizar os serviços dos Sacerdotes e Estudiosos Egípcios como professores da Escola Alexandrina. Dizem-nos que durante o reinado de Teodósio (378-395 d.C.), o Professor Egípcio Horapollo escreveu um sistema dos hieróglifos Egípcios: A Hieroglífica de Horapollo [The Hieroglyphic of Horapollo], que tem sido considerado como o melhor que chegou até os tempos modernos. Também é dito que este professor ensinou não só na Escola Alexandrina, mas também naquela de Constantinopla.

(Egito Antigo Bk de John Kendrick I p 242;.. De Leeman Amstelod de 1935 traduzido por Cory).

Os egípcios foram os primeiros a civilizar os gregos.

A Grécia foi primeiro civilizada por colônias do Egito, em seguida, da Fenícia e Trácia. Estes foram sob governos de homens sábios, que não apenas subjugaram a ferocidade de uma população ignorante por instituições civis, mas também lançaram sobre eles a forte corrente de religião e o medo dos deuses. Quaisquer dogmas que eles tinham sido ensinados em seus

respectivos países, no tocante às coisas divinas e humanas, eles entregavam a estas sociedades recém-formadas, com o objetivo de trazê-los sob a moderação de disciplina virtuosa. Foroneu e Cécrope eram Egípcios, Cadmo um fenício e Orfeu um Trácio, e cada um deles, através de suas colônias, carregaram para a Grécia as doutrinas religiosas e filosóficas de seu respectivo país.

A prática de ensinar as doutrinas de religião para as pessoas sob a aparência de mitos é originou-se dos Egípcios e foi adotado pelos Fenícios e Trácios, e, subsequente, introduzidos aos gregos.

De acordo com Estrabão, não era possível, nos tempos antigos, levar uma multidão promíscua à religião e virtude por arengas filosóficas.

Isso só podia ser realizado com o auxílio de superstição, por prodígios e fábulas. O Parafulgo de Trovão (Relâmpago) [Thunder bolt], a Égide [the Aegis], o tridente, a lança, tochas e cobras eram os instrumentos tomados de uso pelos fundadores dos Estados, para aterrorizar os ignorantes e vulgares em sujeição. Estas referências devem falar por si.

Cheops e Cécrope foram os nomes que os Gregos utilizaram para o Egípcio Khufu, que pertenceu à 4ª Dinastia dos Egípcios ou a idade da pirâmide [the pyramid age], ou seja, 2800 a.C.

(Strabo Bk. I; Brucker's *Historia Critica Philosophiae* with translation by Wm. Enfield: Bk. II p.62).

4. Alexandre visita o Oráculo de Amon no Oásis of Siwah.

Nenhuma conversa sobre invasão do Egito por Alexandre seria completa sem uma referência à sua famosa visita ao Oráculo de Amon, situado no Oásis of Siwah. Alexandre tinha colocado uma guarnição no Pelúcio, de onde marcharam através do deserto ao longo da margem oriental do Nilo para Heliópolis, onde ele atravessou o rio para Memphis, onde sua frota estava esperando por ele, e onde foi recebido pelos Egípcios e coroado como Faraó. Tendo sacrificado para Apis e outros Deuses, Alexandre desceu o Nilo pelo ramo Canópico [canopic branch] e partiu em sua jornada para o Oráculo de Amon no Oasis of Siwah. Sua rota foi ao longo da costa da Líbia, na medida do Paraetonium, de onde marcharam através do deserto para o Oásis de Siwah. O que, supomos, era o motivo de Alexandre para visitar o Templo de Amon? Talvez uma breve descrição da importância religiosa e econômica de Heliópolis, Memphis, Tebas e de Ammonium pode nos ajudar a determinar o que era.

Em primeiro lugar, essas cidades eram fortalezas da religião Egípcia, onde havia muitos ricos templos, escolas e Sacerdotes, e, portanto, eram representativas da vida religiosa Egípcia. Em segundo lugar estas cidades eram centros de educação, e depois da invasão Persa, estudantes Gregos que viajaram para o Egito com o propósito de sua educação, receberam a sua formação a partir dos Sacerdotes de uma ou de todas estas cidades, como em outros lugares mencionados.

Quando Pitágoras foi para o Egito, ele carregava uma carta de apresentação de Polícrates de Samos ao Rei Amasis, que por sua vez deu-lhe cartas de apresentação para os Sacerdotes de Heliópolis, Memphis, e Tebas. Como centros de educação, os templos e bibliotecas destas cidades continham livros muito valiosos; e em terceiro lugar, estas regiões já haviam sido capturadas pelos Persas pelo próprio fato de sua riqueza. Isso deve explicar por que eles incluíram estes distritos em sua Satrapia [Satrapy] as quais lhes pagavam um enorme montante tributo anual de 700 talentos de ouro, juntamente com os produtos da pesca do Lago Moeris que somavam um talento por dia, durante os seis meses que a água fluía a partir do Nilo; e uma terceira parte deste montante, durante o afluxo.

Além disso, o Egito fornecia 120.000 medicini de milho [120 thousand medicini of corn] como ração para as tropas persas que estavam estacionadas no Forte Branco de Memphis.

O equivalente a este tributo era de 170 mil libras esterlinas, e mostra o motivo subjacente não só dos exércitos invasores Persas, mas também de todos os exércitos invasores da antiguidade. No caso de Alexandre não há exceção.

Segundo a história, os Persas estavam na ocupação do Egito, e Alexandre tendo reunido forças superiores, foi lá e dirigiu-os para fora e tomou possessão ele mesmo. Posso Eu perguntar-lhe esta pergunta: era isto uma piada, ou havia um motivo? E se houvesse um motivo, o que mais poderia ter sido além de que Alexander queria a riqueza em livros, ouro, prata, marfim, escravos, e tributo que os Persas estavam extorquindo dos infelizes Egípcios?

Nos tempos antigos, o Oráculo de Amon em Siwah foi o mais célebre, e Heliópolis, Memphis e Tebas eram representantes do melhor da cultura Egípcia.

(John Kendrick's Ancient Egypt Book II P. 433–435; Diodorus 15, 16. Herodotus Book III P. 124; Diogenes Laertius Book VIII; Timaeus of Plato; Pliny N. H. XXXVI 9; Antiphan recorded by Porphyry).

Os filósofos pré-socráticos e os ensinamentos que lhes são atribuídos.

N.B.

É absolutamente necessário aqui nos capítulos V e VI mencionar as doutrinas dos chamados filósofos Gregos a fim de convencer os meus leitores de sua origem Egípcia a qual é mostrada nos resumos das conclusões que seguem estes ensinamentos. É também necessário mencioná-los, de modo a servir o propósito de referência e para atender a conveniência dos leitores.

A Anterior Escola Jônica.

Este grupo é constituído por (i) Thales (ii) Anaximander e (iii) Anaximenes.

(i) Thales, suposto ter vivido de 620 – 546 A.C. e ser um nativo de Mileto, é creditado por Aristóteles, com o ensino de que –

(a) a água é a fonte de todas as coisas vivas.

(b) todas as coisas estão cheias de Deus.

Tanto a história quanto a tradição são omissos quanto à forma como Thales chegou a suas conclusões, exceto Aristóteles que tenta oferecer o seu parecer como uma razão: que é que Thales deve ter sido influenciado pela consideração da umidade de nutrientes e baseou sua conclusão em uma interpretação racionalística do mito de Oceanus. No entanto, isto é considerado como mera conjectura da parte de Aristóteles.

(Turner's History of Philosophy, p. 34)

(ii) Anaximandro, suposto ter nascido em 610 A.C. em Mileto, é creditado com o ensino de que, a origem de todas as coisas é “O Infinito”, ou o Ilimitado (ou seja, apeiron), ou o Sem-limite.

O Apeiron é considerado como equivalente à noção moderna de espaço, e a noção mitológica de caos.

Ambas, história e tradição são omissas quanto à forma como Anaximandro chegou à sua conclusão, mas aqui novamente nós encontramos Aristóteles oferecendo a sua opinião como uma razão, ou seja, que Anaximandro deve ter suposto que a mudança destrói a matéria, e que a menos que o substrato da mudança seja ilimitado, a mudança deve cessar em algum momento. Esta opinião é, naturalmente, mera conjectura, na mão de Aristóteles.

(Turners História da Filosofia, p. 3536).

(iii) Anaximenes, também um nativo de Mileto, e se supõe morreu em 528 A.C., é creditado com o ensinamento de que todas as coisas se originaram a partir do ar.

Tanto a história quanto a tradição são omissas quanto à forma como Anaximenes chegou à sua conclusão: e todas as tentativas de fornecer uma razão são consideradas como mera conjectura.

(Turner’s History of Philosophy, p.37–38).

2. Pitágoras.

Nascido na ilha de Egéia de Samos, supostamente em 530 A.C.; As seguintes têm sido atribuídas à Pitágoras: –

(I) Transmigração, a imortalidade da alma e salvação.

Esta salvação é baseada em algumas crenças concernindo à alma. A verdadeira vida não é para ser encontrada aqui na terra, e o que os homens chamam de vida é realmente a morte, e o corpo é o túmulo da alma.

Devido à contaminação causada pelo aprisionamento da alma no corpo, ela é forçada a passar por uma série indefinida de re-encarnações: a partir do corpo de um animal, para o de outro, até que ela seja purgada de tal contaminação.

A salvação, nesse sentido, consiste na libertação da alma do “ciclo de nascimento, morte e renascimento,” que é comum a toda alma, e condição a qual deve permanecer até que a purificação ou purgação seja concluída.

Sendo libertada das dez cadeias da carne, e também das sucessivas re-encarnações, a alma agora adquire sua perfeição imaculada, e a elegibilidade para se juntar à companhia dos Deuses, com quem ela vive para sempre.

Esta era a recompensa a qual o Sistema Pitagórico oferecia a seus iniciados.

(ii) As doutrinas do (a) Opostos, (b) o Summum Bonum, ou Bem Supremo, e (c) o processo de purificação.

(a) A UNIÃO DOS OPOSTOS cria harmonia no universo. Isto é verdade no caso de sons musicais, como o que encontramos na lira: onde a harmonia produzida é o resultado da relação proporcional entre o comprimento das duas cordas médias àquele dos dois extremos. Isto também é verdade em fenômenos naturais, que são identificados com números, cujos elementos consistem de ímpares e pares. Os pares são ilimitados, por causa da sua qualidade de divisibilidade ilimitada, e o ímpar indica limitação; enquanto o produto de ambos é a unidade ou harmonia.

Da mesma forma, obtemos harmonia na união de positivo e negativo; macho e fêmea; materiais e imateriais; corpo e alma.

(b) O SUMMUM BONUM OU BEM SUPREMO no homem, é tornar-se semelhante a Deus. Esta é uma realização, ou transformação a qual é a harmonia resultante de uma vida de virtude. Ela consiste em um relacionamento harmonioso entre as faculdades do homem, por meio da qual sua natureza inferior torna-se subordinada à sua natureza superior.

(c) O PROCESSO DE PURIFICAÇÃO

A harmonia e purificação da alma é alcançada, não só por virtude, mas também por outros meios, o mais importante entre eles, sendo o cultivo do intelecto, através da busca do conhecimento científico e disciplina corporal estrita.

Neste processo, a música também mantém um lugar importante. Os Pitagóricos acreditavam e ensinavam que, assim como a medicina é usada para curar o corpo, assim a música deve ser usada para curar a alma.

Aqui, pode ser apropriado inserir a doutrina das “Três Vidas”, uma vez que também é um método e meios de purificação: –

“A humanidade é dividida em três classes: amantes da riqueza; amantes da honra, e amantes da sabedoria (isto é, filósofos); esta última, sendo a mais alta.” De acordo com Pitágoras, a filosofia determinava a purificação, que levava à salvação final da alma.

(iii) A Doutrina cosmológica

Todas as coisas são números, ou seja, não apenas cada objeto, mas o universo inteiro é um arranjo de números. Isto significa que a característica de qualquer objeto é o número pelo qual ele é representado.

(a) Uma vez que o universo é composto por dez corpos, ou seja, as cinco estrelas, a terra e o contrário [“the earth and the counter earth”], então o universo deve ser representado pelo perfeito número dez.

(b) Aplicado ao espaço que nos rodeia, mas chamado pelos Pitagóricos o Infinito [“Boundless”] ou ilimitado [“Unlimited”], ele deve ser levado a significar, a medição deste Infinito, em um universo equilibrado e harmonioso, para que tudo possa receber sua devida proporção dele. Nem mais, nem menos.

(c) Este arranjo parece sugerir a noção de formas capazes de receber uma expressão matemática, ou seja, uma doutrina que mais tarde apareceu em Platão, como a teoria das Idéias.

(d) No centro do universo há um fogo central em torno do qual os corpos celestes, fixos em suas esferas, giram de oeste para leste, enquanto em torno tudo o que existe é o fogo periférico.

Este movimento dos corpos celestes é regulado na velocidade, e produz a harmonia das esferas.

(Roger's Students' History of Philosophy p. 14–22).

(Bakewell's Source Book of Philosophy) (Life and Tenets of Pythagoras).

(Ruddick's History of Philosophy) (Life and Tenets of Pythagoras).

(Fuller's History of Philosophy) (Life and Tenets of Pythagoras).

(Turner's History of Philosophy: p. 40–43).

(History of Ancient Egypt by John Kendrick vol. I p. 401-402)

(Plato's Phaedo, 85E).

(Aristotle's Metaphysics I 5; 985b, 24; and I 5; 986a, 23).

Os filósofos Eleáticos.

Os Filósofos Eleáticos incluem (a) Xenophanes, (b) Parmênides, (c) Zeno e (d) Melissus.

Eles lidam com o problema da mudança, e são creditados com a introdução das noções de Ser e Vir-a-Ser. O termo Eleáticos é derivado de Eléia, uma cidade no sul da Itália, onde esses homens, é dito, apenas tinham visitado.

(a) a) XENOPHANES

Nascido em Colophoon, na Ásia Menor, cerca de 370 A.C., Xenophanes é creditado com as seguintes doutrinas: –

(i) A UNIDADE DE DEUS

Homens erram quando eles atribuem características próprias aos deuses, porque Deus é todo olho, todo ouvidos, e todo intelecto. Mais uma vez, já que não há Vir-a-Ser, e desde que Pluralidade depende de Vir-a-Ser, portanto, não há Pluralidade. Conseqüentemente, tudo é um e um é tudo.

(ii) TEMPERANÇA

Contra a cultura artificial da Grécia, sua luxúria, excesso e almofadinhas; Xenófanés é creditado como advogando a Temperança, ou seja, vida simples, simplicidade, moderação e pensamento puro.

Roger's Students' History of Philosophy: p. 27–28.

Wm. Turner's History of Philosophy: p. 45–46.

Zeller's History of Philosophy: p. 58–60.

(b) PARMÊNIDES

É dito ter nascido em Eléia em 540 A.C., e ter composto um poema a respeito da natureza: *peri phýseos*, que contém as suas doutrinas.

O POEMA consiste de três partes: –

(i) Na primeira parte, a Deusa da verdade aponta que existem dois caminhos de conhecimento: um levando ao conhecimento da verdade, e outro para o conhecimento das opiniões dos homens.

(ii) Na segunda parte, o caminho para a verdade é descrito e contém uma doutrina metafísica, e na parte três, a cosmologia do aparente.

AS DOUTRINAS são as seguintes: –

(i) A Doutrina Física.

Embora a reta razão (logos) afirma que o Ser é uno e imutável, os sentidos e opinião comum (doxa) são convencidos de que a pluralidade e a mudança existem ao nosso redor.

(ii) A Doutrina da Verdade.

A verdade consiste no conhecimento de que o Ser é, e que não-Ser não é: e desde não-Ser não é, então, Ser é um e sozinho.

Conseqüentemente, Ser é improduzido [unproduced] e imutável. É impossível para o Ser para produzir Ser; pois, em tais circunstâncias, Ser deveria existir antes que começasse a existir.

(iii) A doutrina da Cosmologia do aparente.

Aqui Parmênides simplesmente repete a doutrina Pitagórica dos opostos: –

Todas as coisas são compostas de luz ou calor, e de trevas ou frio, e de acordo com Aristóteles, o primeiro desses opostos corresponde ao Ser, enquanto o último não-Ser.

Estes opostos são equivalentes aos princípios masculino e feminino no cosmos.

(iv) A Doutrina da Antropologia da aparente: –

A vida da alma, ou seja, a percepção e a reflexão dependem da combinação de opostos, ou seja, dos princípios da luz-quente e o escuro-frio, cada um dos quais estando em uma relação física com um princípio correspondente no cosmos.

(Zeller's History of Philosophy p. 60–62).

(Roger's Students' History of Philosophy p. 29–30).

(William Turner's History of Philosophy p. 47–48). (B. D. Alexander's History of Philosophy p. 22–24).

(c) ZENO

Suposto ter nascido em 490 A.C. em Eléia, foi aluno de Parmênides, de acordo com Platão. (Parmênides 127B).

Suas doutrinas se destinavam a ser uma contradição de

(i) Movimento e (ii) Pluralidade e espaço.

(i) Argumentos contra o movimento: –

(a) Um corpo, a fim de se deslocar de um ponto para outro, deve passar por um número infinito de espaços desde que a magnitude é divisível ad infinitum.

(b) Um corpo que está em um lugar está em repouso. Uma Flecha em seu vôo, está, a cada momento sucessivo em um lugar, por conseguinte, se encontra em repouso.

(c) A corrida entre Aquiles e a tartaruga, destina-se a contradizer o conceito de movimento. Em tal corrida Aquiles nunca pode ultrapassar a tartaruga, porque ele deve primeiro chegar ao ponto em que a tartaruga começou; mas, entretanto, a tartaruga terá ganhado mais terreno. Desde que Aquiles deve sempre chegar primeiro à posição anteriormente ocupada pela tartaruga, a tartaruga deve sempre se manter à frente, em todos os pontos.

(ii) Argumentos contra Pluralidade e Espaço: –

(a) Se uma medida de milho produz um som, então, cada grão deve produzir um som. (Este argumento é tirado de Simplicus: mas atribuída a Zeno).

(b) Se o Ser existe no espaço, então, o próprio espaço deve existir no espaço, e o processo terá que ir ad infinitum. (Este argumento é também tomado de Simplicus.)

(c) Se magnitude existe, deverá ser infinitamente grande e infinitamente pequeno, a um e ao mesmo tempo, uma vez que tem uma infinidade de peças que são indivisíveis. Portanto, a idéia da multiplicidade é contraditória.

(William Turner's History of Philosophy p. 49–50).

(Roger's Students' History of Philosophy p. 31–32).

(Zeller's History of Philosophy p. 63–64).

A Posterior Escola Jônica: (a) Heráclito, (b) Anaxágoras, (c) Demócrito.

(a) HERACLITUS

Acredita-se ter nascido em 530 A.C., e ter morrido em 470 A.C.. Heráclito, um nativo de Éfeso, na Ásia Menor, foi creditado com as seguintes doutrinas: –

(i) A DOUTRINA DO FLUXO UNIVERSAL

Não há nenhum ser estático, e nenhum elemento imutável. Mudança é o Senhor do Universo. O elemento fundamental do universo é o Fogo, e todas as coisas serão alteradas para o fogo, e fogo por todas as coisas.

(a) A mudança não é ao acaso; mas uniforme, ordenada e cíclica. Assim, os fogos celestiais são transmutadas sucessivamente, em vapor, água e terra; apenas para passar por um processo semelhante ao que subir novamente para o fogo.

(b) Ela contém os elementos tanto do velho e do novo, em qualquer momento durante o processo. Conseqüentemente, quando a noite termina, ali o dia começa; onde começa o verão, ali a primavera termina; e onde a vida mortal termina, há vida espiritual começa.

(c) Ela também consiste na geração que resulta da união de opostos (uma doutrina, depois encontrada em Platão e Sócrates).

Daí observa-se que a união do macho e fêmea produz vida orgânica; e que as notas agudas e planas produzem harmonia.

(ii) A TEORIA DO CONHECIMENTO

Desde que o conhecimento do senso, ou o conhecimento derivado dos sentidos é uma ilusão, ele deve ser evitado, e o verdadeiro conhecimento procurado na percepção da unidade subjacente dos vários opostos. Isto é possível para o homem, o qual é parte do Fogo que tudo compreende, o qual está na base do Universo.

Mas na doutrina dos caminhos ascendentes e descendentes, o verdadeiro conhecimento vem do caminho ascendente que leva ao fogo eterno; Considerando que loucura e morte é o resultado de seguir a trajetória descendente.

(iii) A DOUTRINA DO LOGOS

Que a harmonia oculta da natureza sempre reproduz concórdia de oposições, que uma lei divina (diké) ou razão universal (logos) Governa todas as coisas; e que a Essência primitiva recompõe-se de novo em todas as coisas de acordo com as leis fixas, e é novamente restaurada por elas.

(Zeller's History of Philosophy p. 68).

(A. B. Turner's History of Philosophy p. 66–77). (Zeller's History of Philosophy p. 66–71).

(William Turner's History of Philosophy p. 53–58).

(b) A VIDA E ENSINAMENTOS DE ANAXÁGORAS

Anaxágoras, um nativo de Clazomenae, na Jônia, é suposto ter nascido em 500 A.C.. Como todos os outros filósofos, nada se sabe sobre sua infância e educação. Ele entra para a história através de uma visita a Atenas, onde conheceu e fez amizade com Péricles, e onde ele foi acusado de impiedade.

Ele no entanto escapou da prisão e fugiu de volta para sua casa em Jônia, onde morreu em 430 A.C..

Suas doutrinas incluíram o seguinte: –

(i) Nous, ou seja, a mente por si só é auto-movida [self-moved], e é a causa do movimento em tudo no universo, e tem o poder supremo sobre todas as coisas.

(William Turner's History of Philosophy, p. 63); (Zeller's Hist. of Phil. p. 85; 86).

(ii) A sensação é produzida pela estimulação de opostos. Nós experimentamos a sensação de frio, por causa do calor em nós, e nós experimentamos um sabor doce devido ao azedo em nós.

(Wm. Turner's Hist. of Phil. p. 64; Theophrastus: de Sensu, Fragment 27; Zeller's Hist. of Phil. p. 86).

N.B.

Estas doutrinas serão tratadas em outro lugar, no que diz respeito à sua origem e autoria.

(c) A VIDA E ENSINAMENTOS DE DEMÓCRITO

(1) A SUA VIDA

Demócrito (420-316 A.C.) é dito ter sido o filho de Hegesistratus, e também um nativo de Abdera, uma cidade em Mileto, uma ilha no Mar Egeu. Ambos, Aristóteles e Teofrasto têm considerado Leucipo como o fundador do atomismo, apesar do fato de que a sua existência é posta em dúvida. Como todos os outros filósofos Gregos, nada parece ser conhecido sobre sua infância e formação. No entanto, ele entra para a história como um mágico e feiticeiro.

(Burnet, op. cit. p. 350; Wm. Turner's Hist. of Phil. p. 65).

(2) SUAS DOUTRINAS

O nome de Demócrito tem sido associado com as seguintes doutrinas, resumidas como atomismo em sua explicação sobre (i) a natureza dos átomos, e seu comportamento em relação aos fenômenos de (ii) criação (iii) vida e morte e (iv) sensação e conhecimento

(i) A descrição do Átomo

(a) A matéria-mundial. O átomo é explicado como um pó incolor, transparente e homogêneo, que consiste de um número infinito de partículas.

(b) Suas qualidades: O átomo é descrito como completo ou sólido, invisível, indestrutível, Incriado [un-created] e capaz de auto-movimento [self-motion]. Os átomos são diferentes em forma, ordem, posição, quantidade e peso.

(c) A identidade do Átomo com a Realidade: Cada átomo é equivalente a "aquilo que é (ou seja, To on); e o vazio é equivalente a "aquilo que não é "(isto é, To mé on). A realidade é o movimento. daquilo "o que é", dentro daquilo que não é.

(ii) O Atom na Criação.

Devido à diferença de tamanho, peso e mobilidade, e, em particular, a necessidade, há um movimento resultante, por meio do qual os átomos combinam-se para a formação dos mundos orgânicos e inorgânicos.

(iii) Os Átomos nos Fenômenos da Vida e Morte.

Aquilo que vulgarmente chamamos vida e morte, são devido a uma alteração no arranjo dos átomos. Quando eles são organizados de uma determinada maneira, a vida emerge; mas quando esse arranjo é alterado para outra maneira, então a morte é o resultado.

Na morte, a personalidade desaparece, os sentidos também desaparecem; mas os átomos vivem para sempre. Os átomos mais pesados descem para a terra, mas os átomos da alma, que são compostos de fogo, sobem às regiões celestes, de onde eles vieram.

(iv) O Átomo na Sensação e Conhecimento

(a) A mente ou a alma é composta de átomos de fogo, que são os melhores, mais suaves e mais móveis. Estes átomos de fogo estão distribuídos por todo o universo; e em todas as coisas animadas e, especialmente, no corpo humano, onde eles são encontrados em maiores números.

(b) Os objetos externos constantemente emitem emanções ou imagens instantâneas de si mesmos. Estas, por sua vez, imprimem-se sobre os nossos sentidos, os quais colocam em movimento nossos átomos da Alma, e, assim, criam Sensação e Conhecimento.

(Diogenes Laertius Book IX p. 443–455).

(Wm. Turner's History of Philosophy p. 65–70).

(Roger's Students History of Philosophy p. 40–42).

(Zeller's History of Philosophy p. 76–83).

(B. D. Alexander's History of Philosophy p. 37–41).

Resumo das conclusões relativas aos Filósofos Pré-Socráticos e a História das Quatro Qualidades e Quatro Elementos.

Os primeiros filósofos Jônicos têm sido dados o crédito de ensinar as seguintes doutrinas

(a) Thales, que todas as coisas se originaram a partir de água,

(b) Anaximandro, que todas as coisas se originaram a partir de matéria primitiva, ou seja, o ilimitado [boundless] (to apeiron),

e

(c) Anaximenes, que todas as coisas obtêm a sua vida a partir do ar.

Mas essas idéias não eram novas no momento em que esses homens deveriam ter vivido, ou seja, entre os séculos VI e V A.C.. A história da criação, encontrada no livro de Gênesis, fala dos elementos da água, do ar e da terra como os ingredientes cósmicos do caos, fora do qual, a criação gradualmente desenvolveu-se. A data do Pentateuco é colocada no século VIII A.C.; mas a visão da autoria Mosaica de Gênesis nos leva ainda mais para trás na antiguidade, e muitos séculos antes do tempo dos filósofos Jônicos. Dizem-nos, não só pela Bíblia, mas também pelo historiador Philo, que Moisés foi um iniciado nos Mistérios Egípcios e se tornou um Hierogrammat; instruído em toda a sabedoria do povo Egípcio. Isso só foi possível através da iniciação adequada e avanço gradual, quando as provas de aptidão física foram demonstradas pelo Neófito. O nome Egípcio de Moisés era dado a todos os candidatos em seu batismo, e significava “salvado pela água”.

O Êxodo dos israelitas parece ter ocorrido durante a Vigésima – Primeira Dinastia Egípcia, ou seja, 1100 A.C., no reinado de Bocchoris sob a liderança de Moisés, cuja criação história do Gênesis é claramente de origem Egípcia. É claro que os primeiros filósofos Jônicos esboçaram seus ensinamentos a partir de fontes Egípcias.

(Chaeremon: Jos. C. Apion I, 32; Philo; Ancient Mysteries C. H. Vail p. 61; John Kendrick's Ancient Egypt vol. 2 p. 268–270; 303; See also Dr. Hasting's Bible Dictionary, on authorship and date of Pentateuch).

II. No caso dos filósofos Eleáticos, a história considera Zenophanes como um satírico, não um filósofo, e Zeno como paradoxal a respeito de seu tratamento dos problemas da pluralidade, espaço e movimento, o que acaba por conduzir a uma reductio ad absurdum. Parmênides não

introduziu nenhum novo ensinamento, quando ele falou do Ser (To on) como o que existe; e Não-Ser (To mé on) como aquilo que não existe. Ele só voltou a enfatizar a doutrina de opostos como um princípio da natureza: uma doutrina ensinada, não só pelos Pitagóricos, mas também pelos filósofos Atenienses, principalmente Sócrates. Mas a doutrina de opostos deve a sua origem aos Mistérios Egípcios que nos levam de volta a 4000 A.C., quando foi demonstrada não só por pilares duplos na frente de templos, mas também pelos pares de deuses no Sistema de Mistério, representando masculino e feminino, princípios positivos e negativos da natureza. É também evidente que os filósofos Eleáticos esboçaram seus ensinamentos a partir de fontes Egípcias.

(Plato Phaedo; Memphite Theology: Intellectual Adventure of Primitive Man by Frankfort p. 55;66–67; 51–60. Plutarch: Isis et Osiris, p. 364C; 355A; 371B; 868, Ancient Egypt: John Kendrick vol. I p. 339).

III. Os filósofos Jônicos posteriores têm recebido o crédito pelas seguintes doutrinas:

(1) Heráclito, (a) de que o mundo foi produzido pelo fogo através de um processo de transmutação, e (b) uma vez que todas as coisas provêm do fogo, então, o fogo é o Logos: O Criador.

(2) Anaxágoras (a) o Nous ou a mente é a fonte do movimento ou vida no universo e que a sensação é produzida pela estimulação dos opostos.

(3) Demócrito (a) que os átomos menores subjazem todas as coisas materiais, e (b) que os fenômenos da vida e morte são apenas mudanças na mistura dos átomos, de modo que os átomos nunca morrem, porque eles são imortais.

Estas doutrinas não foram de foram produzidas pelos filósofos Jônicos posteriores, mas podem ser mostradas tendo se originado a partir do Sistema de Mistério Egípcio. Os egípcios eram adoradores do fogo, porque eles acreditavam que o fogo era o criador do universo, e construíram suas grandes pirâmides (pyr = fogo), a fim de adorar o Deus do Fogo, e a idade da pirâmide remonta a algo como 3300 A.C., vários milhares de anos antes de os Gregos, é dito, terem chegado na área do Mediterrâneo.

De acordo com Jamblichus, o Deus Egípcio Ptah era o Deus da ordem e da forma na criação, um princípio Intelectual. Este Deus também era reconhecido como o Artífice Divino que modelou o universo fora do fogo.

Rosellini: mon del sults; John Kendrick's Ancient Egypt vol. I p. 318.

Além disso, Swinburne Clymer em sua Filosofia do Fogo p. 18 fez a seguinte afirmação: "O estudo dos Mistérios de Isis e Osiris (Deusa e Deus Egípcios) rapidamente prova para o aluno que era uma pura Filosofia do Fogo. Zoroastro levou esses mistérios para a Grécia, enquanto Orfeu os levou para a Trácia. Em cada um desses lugares, estes Mistérios Egípcios assumiram os nomes diferentes Deus a fim de ser adaptados às condições locais. Por isso, na Ásia, eles tomaram a forma de Mitra: na Samotrácia, a forma de a Mãe dos Deuses; na Beócia, a forma de Baco; em Creta, a forma de Júpiter; em Atenas, as formas de Ceres e Prosérpina.

As mais notáveis dessas imitações Egípcias foram a Órfica, Báquica, Elêusiana, Samotráciana, e Mitráica. Todos estes adoradores do Fogo, acreditavam que o universo se originou do Fogo, e eles viveram em um tempo que antecedeu o tempo dos filósofos Jônicos por milhares de anos.

As outras doutrinas dos filósofos Jônicos posteriores, juntamente com as de Sócrates, Platão e Aristóteles serão tratadas nos Resumos de Sócrates, Platão e Aristóteles e no Capítulo VIII, e incluirá (1) Opostos (2) O Nous ou mente (3) O Logos, (4) O Átomo (5) A Teoria das Ideias, (6) o Motor Imóvel, (7) a imortalidade.

Os Filósofos Gregos praticavam plágio.

Os ensinamentos de Pitágoras parecem ter sido tão abrangentes que quase todos os seus sucessores abraçaram e ensinaram uma porção de sua doutrina, a qual, nos é dito, que ele obteve por freqüentes visitas que ele fez para o Egito para o propósito da sua educação. Duas coisas são ao mesmo tempo óbvias, (1) que os filósofos Gregos praticavam plágio e não ensinaram nada de novo e (2) a origem dos seus ensinamentos era o Sistema de Mistério Egípcio, seja diretamente através do contato com o Egito, ou indiretamente através de Pitágoras ou tradição. Estes fatos podem agora ser comprovados através de um esboço das doutrinas de Pitágoras, com os nomes dos filósofos que repetiram suas doutrinas:

A Doutrina dos Opostos: a unidade do número é composta de ambos, elementos pares e ímpares; do finito e infinito; e do positivo e negativo. A este respeito, encontramos(a) Heráclito sugerindo o fogo como sendo a fonte de criação, por meio do princípio da contenda que separa os fenômenos; e harmonia que lhes restitui a sua fonte original.(William Turner's

History of Philosophy p. 55; Zeller's Hist. of Phil. p. 67–68);.(b) Parmênides, sugerindo o Ser como existente e Não-Ser como inexistente (Zeller's Hist. of Phil. p. 61; Turner's Hist. of Phil. p. 48).

(c) Sócrates, tentando provar a imortalidade da Alma pela doutrina de opostos (Platão Fédon).

(d) Platão, na tentativa de explicar a natureza, usou a Teoria das Ideias que se baseiam no princípio de opostos. Conseqüentemente, a Idea é a realidade verdadeira, ou seja, Ser (To on); por conseguinte, o conceito é verdadeiro; mas a coisa que é conhecida pelo conceito é irreal. O Númeno [noumen] é real e perfeito; mas o fenômeno é irreal e imperfeito (Parmênides 132D; Aristóteles Meta 16, 987b9).

(e) Aristóteles na tentativa de provar a existência de Deus, descreve os atributos do divino em termos de opostos. Deus é o Primeiro Motor que é impassível [Unmoved] (próton kinoûn akineton). Assim, temos uma combinação de movimento e repouso, como os atributos da divindade e da Natureza

(Aristotle's physics VIII 5, 256a; II 1; 192b 14; II 8, 199; de caelo I 4, 271a; Wm. Turner's Hist. of Phil. p. 141).

A Doutrina da Harmonia, como uma união de opostos, depois de ter sido exposta por Pitágoras, aparece também nos sistemas de

(a) Heráclito, que explica os fenômenos da natureza como passando sucessivamente por meio de seus opostos;

(b) Sócrates, que também define a harmonia como a união de opostos;

(c) Platão, que define a harmonia da alma, como a subordinação adequada das suas partes, ou seja, as naturezas superiores e inferiores.

(Turner's Hist. of Phil. p. 41; 56; Zeller's Hist. of Phil. p. 51; 69; Plato Phaedo C 15; Plato Republic);

Também

(d) Aristóteles, que define a alma como uma harmonia em seu de animo I. 2.

3. Os Fogos Central e Periférico. Aqui Pitágoras tenta mostrar que o fogo permeia a criação, e essa mesma noção é expressa por (a) Heráclito, que fala da origem do universo através da transformação de fogo. Então nós temos (b) Anaxágoras (c) Demócrito (d) Sócrates e (e) Platão, cada um usando o termo mente (nous) como responsável pela criação. Anaxágoras e Sócrates que falam diretamente da mente (nous) como uma Inteligência e propósito por trás da natureza; enquanto Demócrito e Platão falam da mente (nous) indiretamente, como a Alma do Mundo, mas ainda descrevem-na como sendo composta de átomos de fogo flutuando por todo o espaço. Claramente, então, Mente (nous), não importa qual outro nome ou função que lhe damos, é o fogo, uma vez que é composta de átomos de fogo; e o fogo, segundo Pitágoras, permeia a criação [underlies creation].

(Wm. Turner's Hist. of Phil. p. 42, 55, 63, 82; Zeller's Hist. of Phil. p. 53, 67, 76–83; Aristotle: Metaphysics I, 3, 984b, 17; Diogenes Laertius: Bk. X. p. 443–453; Xenophon Memorabilia I, 4, 2; Plato Timaeus: 30, 35; Roger's Student Hist. of Phil. p. 40–42; B. D. Alexander's Hist. of Phil. p. 43).

Imortalidade da alma. De acordo com Pitágoras, a doutrina da imortalidade da Alma está implícita na doutrina da Transmigração da Alma: -A. Sócrates: O objetivo da filosofia é a salvação da alma, pela qual se alimenta da verdade congenial à sua natureza divina e, assim, escapa da roda do renascimento, e finalmente alcança a consumação da união com Deus.

(Zeller's Hist. of Phil. p. 50–56; Roger's Hist. of Phil. p. 29 and 60; William Turner's Hist. of Phil. p. 41 and 48).

B. Doutrinas de Platão (1) Transmigração e (2) Recordação:

(1) Transmigração: as almas dos homens vão para o lugar de recompensa ou punição, e depois de mil anos eles são autorizadas a escolher um novo lote de vida. Aquele que tem escolhido por três vezes a vida mais elevada, ganha depois de três mil anos, a casa dos Deuses no reino do pensamento. Outros vagam por milhares de anos em diferentes órgãos; e muitos são destinados a prosseguir a sua vida terrena, em formas de animais inferiores. É necessário salientar que nesta doutrina da reencarnação, Platão descreve a cena do julgamento no Livro Egípcio dos Mortos.

(2) Recordação: embora o mundo percebido pelos sentidos não possa nos levar a um conhecimento das Idéias, ainda assim, ele nos lembra das Idéias que vimos em uma existência anterior.

(The allegory of the Subterranean Cavern; Plato's Republic C. X; The Allegory of the slave boy; Plato's Meno; Timaeus of Plato: 31B, 33B; 38E; The Phaedo of Plato: C 15; 29; 57; Wm. Turner's Hist. of Phil. P. 105–112; B. D. Alexander's Hist. of Phil. p. 55; 152–153).

5. Summum Bonum

De acordo com Pitágoras, o bem supremo do homem é tornar-se semelhante a Deus. Esta transformação deve ser realizada pela virtude que é uma união de opostos nas faculdades do homem, ou seja, a subordinação da natureza inferior do homem por sua natureza superior. (Zeller's Hist. of Phil. p. 43).

Mas o propósito preciso dos Mistérios Egípcios era fazer um homem semelhante a Deus pelas agências purificadoras da educação e virtude. Conseqüentemente, é claro que Pitágoras obteve esta doutrina diretamente dos Mistérios Egípcios. Daí segue-se também que os filósofos que ensinaram esta doutrina, devem ter obtido, seja diretamente a partir dos Mistérios Egípcios, ou indiretamente, através dos ensinamentos de Pitágoras.

(De acordo com Sallust, Deificação ou tornar-se semelhante a Deus era o propósito dos Mistérios Egípcios, e de acordo com C.H. Vail em seus Mistérios Antigos, o Summum Bonum Egípcio consistia de cinco etapas, durante as quais o Neófito desenvolvia-se de um bom homem em um Mestre triunfante, atingindo a maior consciência espiritual por meio de despojar-se dos dez grilhões corporais e tornar-se um adepto como Horus, Buda ou Cristo).

Os filósofos, além de Pitágoras, a quem é dado o crédito de ter ensinado a doutrina do Bem Supremo, são (a) Sócrates, que o definiu como uma realização em que o homem se torna semelhante a Deus através da abnegação e do cultivo da mente. (Xenofonte Memorabilia I, 5, 4,) (b) Platão, que o definiu como a felicidade, que é a realização da Idéia do Bem, que é Deus. (Platão: Simpósio 204E; Platão: República IV, 441, 443; Platão: Fédon 64 sqq; Platão: Theaetetus 176 A).

(c) Aristóteles; que o definiu como a felicidade que é baseada na razão e que inclui todos os dons da fortuna. Deve-se notar, contudo, que a definição do Supremo Bem de Aristóteles marca o primeiro desvio do conceito de Summum Bonum dos Mistérios Egípcios; e a mesma coisa vale para os Hedonistas, que o definiram como prazer.

(Wm. Turner's Hist. of Phil. p. 153. Aristotle Ethics, Nic I, 6, 1097; Aristotle Ethics, Nic I, 9, 1099a, 31)

A concepção de um Bem Supremo é Egípcia, da qual fonte, Pitágoras e outros filósofos obtiveram a doutrina.

V. RESUMO DAS CONCLUSÕES RELATIVAS DEMÓCRITO

Por causa da importância da doutrina do átomo, e a grande suspeita de seu grande número de livros como os de Aristóteles, Demócrito é tratado separadamente, como cada um dos filósofos Atenienses.

SUA VIDA: A mesma coisa pode ser dita de Demócrito como pode ser dito de qualquer um dos homens que foram chamados filósofos Gregos: nada parece ser conhecido sobre sua infância e formação. No entanto, ele entra para a história atraindo a atenção do público, como um feiticeiro e mágico.

(Turner's Hist. of Phil. p. 65) 2. SUAS DOUTRINAS E AUTORIA:

(i) Autoria: A autoria da doutrina do átomo é duvidosa, do ponto de vista ou opinião de alguns escritores modernos. Os nomes dos Jônios Leucippus e Demócrito têm sido associados a esta doutrina, que de acordo com a opinião de Aristóteles e Teofrasto, originaram através de Leucippus, mas foi desenvolvida por Demócrito.

Por uma questão de fato, os Jônios duvidaram da existência de Leucippus, porque ele era desconhecido para eles; e parece apropriado que a opinião dos Jônios deve receber crédito, em vez de Aristóteles e Teofrasto, que eram Atenienses, e que estavam compilando filosofia no interesse de seu movimento. (Burnet op. cit. p. 350; Turner's Hist. of Phil. p. 65).

(ii) A doutrina sobre o Átomo é eclética.

A doutrina do átomo como explicada por Demócrito, é eclética, e representa uma das muitas formas em que a antiga doutrina de opostos foi expressa. Os Pitagóricos expressaram-na pelos elementos de número: pares e ímpares.

Parmênides, estando familiarizado com a lei da geração, negou a existência de um oposto (não-Ser), a fim de afirmar a existência de outro (ser).

Sócrates, sendo mais familiarizado com a lei da geração de Parmênides, expressou-a em vários pares de opostos, em um esforço para provar a imortalidade da alma: daí ele falou da unidade e da dualidade; de divisão e composição; da vida e da morte.

De modo semelhante Demócrito expressou a doutrina dos opostos, quando descreveu Realidade pela vida do átomo, ou seja, um movimento de “o que é” (To on) dentro de “o que não é” (To mé on).

A fonte original desta doutrina, no entanto, é a filosofia do Sistema de Mistério do Egito, onde encontramos os princípios masculino e feminino da natureza simbolizados por

(a) Osíris e Ísis: o Deus e Deusa Egípcios, e

(b) os Deuses Horus e Seth, simbolizando um mundo em equilíbrio estático de forças em conflito, como eles disputam o domínio sobre o Egito.

(Memphite Theology; Kingship and the Gods by Frankfort C. 3, p. 25–26; 35; Herodotus I, 6–26; Ancient Egypt by John Kendrick Bk. I p. 339; Egyptian Religion by Frankfort, p. 64, 73 and

88; Zeller’s Hist. of Phil. p. 61; Wm. Turner’s Hist. of Phil. p. 41; Plato Phaedo C. 15, 16, 49).

A doutrina e a filosofia dos opostos é ainda demonstrada pela história da Criação Egípcia, na qual a Ordem saiu do Caos e que foi representada por quatro pares de opostos ou seja, Deuses do masculinos e femininos.

(a) Nun e Naunet, ou seja, matéria primordial e Espaço.

(b) Huk e Hauket, isto é, o Ilimitável e o Ilimitado.

(c) Huh e Hauhet, isto é, Escuridão e Obscuridade.

(d) Amon e Amaunet, ou seja, os Ocultos e Escondidos

(o ar, vento).

É evidente que a doutrina dos opostos era uma filosofia básica dos Egípcios, estando conectada não só com os Deuses de seus dramas de Mistério, mas com a sua Cosmologia, e uma vez que esta conexão faz da doutrina uma das primeiras no desenvolvimento do pensamento Egípcio, que antecede o reinado de Menes, e significa que os egípcios estavam familiarizados com ela antes de 3000 A.C..

Nestas circunstâncias, e em consequência destes fatos, o Sistema Mistério Egípcio foi a fonte das doutrinas (a) do átomo e (b) dos opostos.

Leucippus e Demócrito não ensinaram nada novo e devem ter obtido o seu conhecimento das doutrinas dos Egípcios, direta ou indiretamente.

(iii) As doutrinas da distribuição universal de átomos de fogo, e sua emanção de objetos externos são derivadas da Magia: –

Estas doutrinas são mágicas e expressam o princípio mágico “que as qualidades de animais ou coisas estão distribuídas em todas as suas partes.” (Dr. Frazer’s Golden Bough). Conseqüentemente, dentro do universo, contato é estabelecido entre objetos através de emanções, e, no caso dos seres humanos, o resultado pode ser a sensação ou a cognição; cura ou contágio.

Este princípio é demonstrado não apenas pelas curas, assim como eram afetadas pela veste de Cristo, e os lenços de São Paulo, mas também pela prática científica e médica moderna da medida preventiva de quarentena. Deve ser lembrado que a magia era parte da educação dos sacerdotes Egípcios: pois os ritos e cerimônias religiosas dos Egípcios eram mágicos; e os sacerdotes eram os guardiões do conhecimento.

(iv) Um quarto ponto é o fato de que, na história e compilação da filosofia Grega por Aristóteles e seus seguidores, existem apenas dois homens cujos nomes estão associados com a autoria de um número extraordinário de livros científicos; e os nomes desses homens são o próprio Demócrito e Aristóteles.

(Diogenes Laertius Bk. 9 p. 445–461; Bk. 5 p. 465–467).

(v) Um quinto ponto que merece importante menção é o fato de que, na história e compilação da filosofia Grega por Aristóteles e seus seguidores, descobriu-se que, sempre que tenha havido a posse de uma grande coleção de livros científicos, também tem havido associação direta ou indireta com Alexandre o Grande.

(vi) A associação entre Demócrito e Alexandre o Grande, é vista através do Círculo Democritiano; uma sucessão de Professores e estudantes, de um Professor comum original: –

Demócrito (420-316 A.C.) disse ter ensinado Metrodorus de Chios, que por sua vez se diz ter ensinado Anaxarchus, quem, é dito, ter florescido na época da 110ª Olimpíada (340- 337 A.C.), e ter acompanhado Alexandre o Grande em sua campanha contra o Egito 333 A.C.

Aqui, é fácil ver o laço entre Demócrito e Anaxarchus pois estes homens eram todos Jônicos, e membros de uma mesma escola e estavam vivos no tempo da conquista do Egito de Alexandre.

(Zeller's Hist. of Phil. p. 83; Diogenes Laertius Bk. 2, p. 471).

Por outro lado, o contato de Aristóteles com Alexandre o Grande é bem conhecido, uma vez que ele foi um tutor do jovem príncipe, no Palácio macedônio.

(Roger's Student Hist. of Phil.)

(vii) Evidência circunstancial aponta para o fato de que os livros de Demócrito não foram escritos por ele, nem contêm seus ensinamentos. Isto é assim, devido às seguintes razões: –

(a) Leucippus, a quem os Jônicos não conheciam, e cuja existência tem sido questionada, foi creditado por Aristóteles pela origem da doutrina do átomo.

(Zeller's Hist. of Phil. p. 77; Burnet, op. cit. p. 350) (Wm. Turner's Hist. of Phil. P. 65; Diogenes Bk. X, 13)

(b) Para além do que foi escrito sobre o Átomo, o nome de Demócrito é, associado com uma grande lista de livros, lidando com mais de sessenta disciplinas diferentes, e que abrange todos os ramos da ciência conhecidos do mundo antigo. Além deste vasto campo de conhecimento,

a lista também contém livros sobre Ciência Militar, Direito e Magia. Claramente, a acumulação de um vasto leque de conhecimento, por um único indivíduo, escrito em uma única vida é impossível, tanto física quanto mentalmente. O método entre os antigos de transmissão de conhecimento era por etapas graduais, seguido de prova de proficiência, que por sua vez também era seguido por iniciações, que marcavam cada passo no progresso do Neófito.

O progresso do treinamento era lento e nenhum Neófito poderia completar esse conhecimento em seu tempo de vida como os Egípcios levaram mais de cinco mil anos para acumular. Estas limitações humanas são tão verdadeiras hoje como eram entre os antigos; pois os nossos grandes cientistas do mundo moderno são especialistas apenas em assuntos individuais.

(c) A questão agora permanece: como é que Demócrito acumulou esses livros, se ele não os escreveu? Acreditamos que temos a resposta, porque se tem notado na história da filosofia Grega que (a) sempre que um filósofo Grego teve associação, direta ou indireta, com Alexandre o Grande, também houve a posse de uma grande coleção de livros científicos e (b) isso é verdade nos casos de Demócrito e Aristóteles. (c) Anaxarchus e Demócrito eram Jônicos, que pertenciam à mesma escola e (d) Anaxarchus acompanhou Alexandre o Grande em sua campanha contra o Egito.

(A associação indireta entre Demócrito e Alexandre o Grande torna-se agora óbvia.) (E) Segue-se que desde a conquista do Egito por Alexandre trouxe aos Gregos sua longa esperança por oportunidade, ou seja, o acesso à Biblioteca e Museu Egípcios, nós naturalmente esperaríamos Alexandre e seus amigos, e os exércitos invasores terem se ajudado com os livros Egípcios. Também seria de esperar Anaxarchus no seu regresso a Jônia, ter vendido, pelo menos uma parte de seu saque, a Demócrito, (nem esperamos Aristóteles e Teofrasto relacionarem esses fatos para nós), uma vez que de acordo com as regras dos Mistérios, conhecimento (falado ou escrito), poderia ser difundido somente por irmãos entre irmãos. Isto, nós acreditamos ser modo como Demócrito veio a possuir tal grande número de livros científicos.

Mais uma vez, deve-se afirmar que Demócrito não ensinou nada novo, mas simplesmente o que ele tinha aprendido com os Egípcios, direta ou indiretamente.

Sua doutrina sobre a distribuição universal de átomos de fogo é baseada em um princípio mágico: se o átomo é um ingrediente do mundo, então seria distribuído universalmente.

Além disso, Demócrito entra para a história como um mágico, e uma vez que há evidências históricas que ele visitou os sacerdotes Egípcios, é evidente que a magia era parte do treinamento que ele deve ter recebido deles.

(Antisthenes: Treatise on Succession; Herodotus; Origen; Diogenes Laertius: Bk. 9 p. 443; Zeller's Hist. of Phil. p. 77).

Seus livros estão duvidosos em autoria.

Vários fatos importantes devem ser notados em conexão com os livros que se diz terem sido escritos por Demócrito: –

(a) Um grande número de livros que aparece em uma lista no 9º Livro de Diógenes, Laertius, não aparece em nenhum outro lugar nos livros didáticos usuais sobre a história da filosofia Grega; enquanto Zeller afirma que a autenticidade destes livros não pode ser determinada com base nas provas dos fragmentos. (Zeller's Hist. of Phil. p. 77). Parece que a sua lista de publicações permanece duvidosa em autoria.

(b) Mais de 60 assuntos diferentes são tratados e eles incluem Ética, Física, Astronomia, Botânica, Zoologia, Poesia, Medicina, Dialética, Ciência Militar, e Direito; também livros de magia, incluindo adivinhação.

(c) Somos informados por Diógenes Laertius, que esta grande lista de livros foi compilada por Thrasyllus (cerca de 20 D.C.), que era um estudante da escola de Platão, e também membro do movimento de Aristóteles, que tinha como objetivo, a compilação da filosofia Grega.

IV. As Quatro Qualidades e Quatro Elementos.

Quadro dos Elementos - Filosofia

A história da seguinte teoria antiga de “As Quatro Qualidades e Quatro Elementos”, provém o mundo com a evidência da origem Egípcia das doutrinas de (a) Os opostos ou contrários, (b) Mudança ou Transmutação e (c) a vida e função do universo é devida a qualquer um dos quatro elementos: fogo, ou água, ou terra ou ar.

1. Esta antiga teoria foi expressa por um diagrama formado por quadrados exteriores e interiores.

2. Os cantos do quadrado externo levavam os nomes dos elementos: fogo, água, terra e ar.
3. Os cantos do quadrado interior, estando nos pontos medianos dos lados do quadrado exterior, levavam as quatro qualidades fundamentais, o calor, o seco, o frio e o úmido.
4. O diagrama explica que o fogo é quente e seco; terra é seca e fria; água é fria e úmida; e ar é úmido e quente.
5. De acordo, água é uma concretização das qualidades fria e úmida, e quando a qualidade fria é substituída pela qualidade quente, o elemento água é transformado no elemento ar, com as qualidades úmida e quente.
6. Conseqüentemente, transmutação é definitivamente implícita no ensino deste símbolo.
7. Ele é o ensinamento mais antigo da ciência física e foi rastreado para os Egípcios, já em 5000 A.C.
8. Isso mostra que Platão e Aristóteles (que haviam sido creditados com a autoria deste ensino) derivaram suas doutrinas ou partes delas dos egípcios.

(Rosicrucian Digest, May 1952,p. 175).

. CAPÍTULO VI:

Os filósofos Atenienses.

Sócrates: (i) Sua Vida (ii) Doutrinas (iii) Resumo de conclusões.

(i) VIDA DE SOCRATES

(a) Data e local de nascimento.

Sócrates nasceu em Atenas, no ano de 469 A.C. Ele foi o filho de Sofronisco, um escultor, e Fanarete, uma parteira. Muito pouco se sabe sobre seus primeiros anos; mas nos é dito que ele foi criado na profissão de seu pai, e que ele chamou a si mesmo de não apenas um aluno de Prodicus e Aspasia, (afirmação que sugere que ele poderia ter aprendido com eles, música, geometria e ginástica): mas também um filósofo autodidata, de acordo com Xenofonte no Simpósio. Até a idade de 40 anos, sua vida parece ser um completo vazio: a primeira menção sendo feita a ele, quando ele serviu como um soldado comum nos cercos de Potidaea e Delium entre (432-429) a.C..

(Julgamento e Morte de Sócrates: F.J. Church: p 15 da Introdução.).

[Trial and Death of Socrates: F.J. Church: p. 15 of Introduction].

,

(b) Sua situação econômica e personalidade.

Sócrates não aceitava pagamento para o que ele ensinava, e ele tornou-se tão pobre, que sua esposa Xantipa tornou-se muito insatisfeita com as condições domésticas.

Ele acreditava que ele possuía (Daimonion Ti) um algo divino, ou seja, uma voz divina que aconselhava e guiava-o nas grandes crises de sua vida. (Hist. da Filos. de Turner, p. 78-79; e Apologia de Platão). [Turner's Hist. of Phil. p. 78–79; and Plato's Apology]

(c) Sua Condenação e morte em 399 A.C.

Após os discursos habituais dos acusadores: (Mileto, Anito e Lycon); Sócrates seguiu com sua defesa, na conclusão da qual, os juízes votaram 281 a 220, e Sócrates foi condenado à morte.

Como uma palavra de despedida, ele dirigiu-se tanto para ambos aqueles que votaram contra ele e aqueles que votaram em seu favor. No caso dos primeiros, ele repreendeu-os, prevendo que o mal cairia sobre eles, em consequência de seu crime em condená-lo.

No caso dos últimos, ele não só os consolou com a garantia de que nenhum mal poderia vir a um homem bom seja na vida ou na morte; mas também expressou a eles a sua idéia sobre a imortalidade. “A morte é senão um sono eterno e sem sonhos, onde não há nenhuma sensação em nada, ou é uma viagem para outro, e um mundo melhor, onde estão os famosos homens de antigamente”. Qualquer que seja a alternativa verdadeira, a morte não é um mal, mas um bem. Sua morte é querida pelos deuses, e ele é o conteúdo. (Apologia de Platão capítulos 25-28). [Plato’s Apology Chapters 25–28].

Sua morte foi adiada por um cerimonial religioso do estado, e ele permaneceu na prisão por 30 dias. Somos informados de que durante este tempo, ele foi visitado por seus amigos, que consistiam do círculo interno, e também sua esposa Xantipa; que esta foi a ocasião de seu discurso sobre a imortalidade da alma; que ele poderia ter escapado da morte, se quisesse; porque seus amigos o visitaram antes do raiar do dia e se ofereceram para libertá-lo; mas que ele recusou a oferta. Assim Sócrates bebeu a cicuta e morreu. (Fédon Platão;) (Xenofonte Memorabilia IV, 8,2). [Plato Phaedo ;] (Xenophon Memorabilia IV, 8, 2).]

,

(d) O relato de Críton:

Críton, na noite antes da morte de Sócrates, enquanto ele estava na prisão, em nome da companhia de visitantes, fez um apelo final para ele para que eles pudessem garantir a sua fuga, e falou o seguinte: –

“O, meu Socrates, Rogo-vos, pela última vez para me ouvir e salvar a si mesmo. Porque para mim a sua morte será mais que um único desastre: Não apenas eu perderei um amigo como o qual eu nunca encontrarei novamente, mas muitas pessoas, que não conhecem você e eu bem, vão pensar que eu poderia ter salvado você, se eu estivesse disposto a gastar dinheiro, mas que eu negligencieei em fazê-lo. e que personagem poderia ser mais vergonhoso do que o personagem de cuidar mais de dinheiro do que de seus amigos? O mundo nunca vai acreditar que estávamos ansiosos para te salvar, mas que você mesmo se recusou a fugir.

“Diga-me isto Sócrates. Certamente você não está ansioso sobre mim e seus outros amigos, e com medo, com medo de que, se você escapar, os informantes devam dizer que nós roubamos você, e nos trazer problemas, e envolver-nos em um grande negócio de despesa, ou talvez na perda de todos os nossos bens, e que possa ser, trazer alguma outra punição sobre nós além? Se você tem qualquer receio deste tipo, rejeite-o.”

“Pois é claro nós somos obrigados a correr esses riscos, e ainda maiores riscos do que estes se necessário, para salvar você. Então, eu te suplico, não recuse-se a ouvir-me.”

Em seguida, Sócrates respondeu: “Eu estou ansioso sobre isso, Críton, e sobre muito além”, e Críton continuou o apelo: –

“Então não tenho medo quanto a isso. Há homens que, por soma não muito grande, estão prontos para trazer você para fora da prisão em segurança, e então, você sabe, esses informantes são comprados barato, e não haverá necessidade de gastar muito em cima deles.”

“Minha fortuna está à sua disposição, e eu acho que é suficiente, e se você tiver qualquer sentimento sobre como fazer uso do meu dinheiro, há estranhos em Atenas, a quem você conhece, prontos para usar o deles, e um deles, Simmias de Tebas, que realmente trouxe o suficiente para o propósito. e Cebes e muitos outros, estão prontos também.”

“E, por isso, repito, não retroceda em salvar-se, por esse motivo. E não deixe que o que você disse no tribunal (que, se você fosse para o exílio, você não saberia o que fazer com você mesmo), fique em seu caminho: pois há muitos lugares para você ir, onde você será bem-vindo”

“Se você optar por ir a Tessália, eu tenho amigos lá que farão muito de você, e abrigar você de qualquer aborrecimento do povo da Tessália.” “Considere então, Sócrates, ou melhor, o tempo para a consideração é passado, temos que resolver, e só há um plano possível. Tudo deve ser feito esta noite. Se nos atrasar-mos por mais tempo, estamos perdidos...”

“O, Sócrates, eu te imploro para não recusar-se a ouvir-me.” (Críton Platão C. 3-5). [Plato’s Crito C. 3–5.].

(e) O Relato de Fédon da cena final, pouco antes da morte de Sócrates.

Em resposta a outra pergunta de Echecrates, Fédon respondeu:

Eu vou tentar dizer-lhe toda a história: –

“Nos dias anteriores, eu e os outros tínhamos sempre nos encontrado de manhã no tribunal, onde o julgamento foi realizado, o qual era perto da prisão; E depois nós íamos a Sócrates”

“Costumávamos esperar todas as manhãs até a prisão ser aberta, conversando; pois ela não era aberta cedo. Quando era aberta, nós costumávamos ir até Sócrates, e geralmente nós passávamos o dia inteiro com ele. Mas naquela manhã nos encontramos mais cedo do que de costume, pois na noite anterior nós tínhamos aprendido, ao deixar a prisão, que o navio tinha chegado de Delos. Então combinamos de estar no lugar de costume o mais cedo possível. Quando chegamos à prisão, o porteiro, que geralmente nos deixar entrar veio até nós e nos mandou esperar um pouco, e não ir em até que ele mesmo nos convocasse; pois os ‘Onze’ [the ‘Eleven’] estavam liberando Sócrates de seus grilhões e dando-lhe instruções para a sua morte.

“Em um momento não muito grande ele voltou e mandou-nos entrar. Então fomos e encontramos Sócrates logo após ser liberado. Quando Xantipa nos viu, ela lamentou em voz alta, e chorou a seu modo de mulher: ‘Esta é a última vez: Sócrates, que você vai falar com seus amigos, ou eles com você’

E Sócrates olhou para Críton e disse, ‘Críton, deixe-a ser levada para casa’. Assim, alguns dos servos de Críton levaram-na para longe; chorando amargamente e batendo seus seios.

E era por volta do por do sol, e o servo dos Onze após comandar a despedida de Sócrates, deu-lhe as instruções de como tomar o veneno, e, em seguida, entregou a ele.

Sócrates tomou o copo e bebeu o veneno alegremente, e então caminhou até que suas pernas ficaram pesadas. E quando ele tinha deitado, ele fez o seu último pedido a Críton, com as seguintes palavras:

Eu devo um galo a Asclépio, não se esqueça de pagá-lo.

Por esta altura o veneno entrou em vigor e ele faleceu. ”

(Platão Fédon C. 3 e 65). [Plato Phaedo C. 3 and 65.]

(ii) AS DOCTRINAS DE SÓCRATES

A doutrina do Nous, ou seja, mente ou uma causa inteligente, a fim de dar conta para Deus e a Criação. Ele é creditado com a premissa teleológica: tudo o que existe para um propósito útil é o trabalho de uma inteligência.

(Xenofonte Memorabilia I, 4, 2; História da Filosofia de Wm. Turner p. 82). [Xenophon Memorabilia I, 4, 2; Wm. Turner’s Hist. of Phil. p. 82]

A doutrina do Supremo Bem: –

O Supremo bem, ou seja, o summum bonum é equiparado tanto com a felicidade como o conhecimento. Este, porém, não é meramente eutuchia o qual depende de condições externas e acidentes da fortuna; mas é (eupraxia), um bem-estar, que é condicionado por uma boa ação. Esta é uma realização em que o homem se torna divino através da auto negação de necessidades externas e do cultivo da mente: a felicidade não vem através das coisas perecíveis do mundo externo, mas por meio das coisas que perduram, que estão dentro de nós.

(Xenofonte Memorabilia I, 5, 4; História da Filosofia de Wm. Turner p. 83). [Xenophon Memorabilia I, 5, 4; Wm. Turner's Hist. of Phil. p. 83].

iii. As doutrinas de opostos e harmonia:

(a) Par e Ímpar são os elementos de números. Um deles é definitivo, mas o outro é ilimitado e a unidade é o produto de ambos pares e ímpares. Por isso, o universo é constituído de opostos: o finito e o infinito, o masculino e o feminino; o ímpar e o par; a esquerda e direita.

(b) A harmonia é a união dos opostos.

(Fédon de Platão C. 15; Hist. da Filos. de Wm. Turner, p.41, 47). (Hist. da Filosofia de Zeller. p. 61).

As doutrinas sobre a alma:

(a) A imortalidade da alma

(b) A transmigração da alma

(c) A Salvação da Alma: –

O objetivo da filosofia é a salvação da alma, pela qual se alimenta da verdade congenial a sua natureza divina, e assim escapa da roda de re-nascimento, e, finalmente, atinge a consumação da união com Deus.

(Hist. da Filosofia de Zeller. p 50-56; Hist. da Filos. de Roger p. 29 e 60; Hist. da Filos. de Wm. Turner, p. 41 e 48).

(d) O corpo é o túmulo da Alma

(e) As aspirações da alma: –

Há um domínio de realidade verdadeira, que está acima do mundo dos sentidos. Para isto a alma aspira.

A doutrina do auto-conhecimento: Conhece a ti mesmo (seauton gnothi).

O auto-conhecimento é a base do verdadeiro conhecimento.

Os Mistérios requeriam, como primeiro passo, o domínio das paixões, o que abriu espaço para a ocupação de poderes ilimitados. Assim, como uma segunda etapa, o Neófito era obrigado a procurar dentro de si mesmo pelos novos poderes que tinham tomado posse dele. Os Egípcios, por conseguinte, escreveram em seus templos: “Homem, conhece-te a ti mesmo”.

(Hist. da Filosofia de Zeller. p. 105; Filosofia do Fogo de S. Clymer, p. 203). [Zeller’s Hist. of Phil. p. 105; S. Clymer’s Fire Philosophy p. 203.]

Astrologia e Geologia:

Havia uma suspeita de que Sócrates também estave envolvido no estudo da Astrologia e Geologia, e que ele ensinou esses assuntos, pois em sua defesa perante os juízes Atenienses, ele afirmou que o mais formidáveis dos seus acusadores tentavam persuadi-lo com mentiras, que um Sócrates, um homem sábio, estava especulando sobre os céus e sobre as coisas debaixo da terra, e que ele era capaz de fazer o pior parecer a melhor razão.

(Apologia de Platão C. 2).

Essa suspeita é reforçada pela acusação movida contra Sócrates, e que diz o seguinte: –
“Mileto, filho de Mileto, de deme Pitthis, em seu juramento, traz a seguinte acusação contra Sócrates, filho de Sofronisco, de deme Alopece.”

“Sócrates comete um crime por não acreditar nos deuses da cidade, e por introduzir novas divindades.

Ele também comete um crime por corromper a juventude. Penalidade, a morte.”

(Apologia de Platão C. 24, C. 18 e 19).

Há Ainda uma terceira fonte da qual surgiu a suspeita de que Sócrates estava envolvido também em Astrologia e Geologia. Esta foi a caricatura de Sócrates, publicada por Aristófanes em sua comédia: as Nuvens, como se segue: –

“Sócrates é um recluso miserável, que fala muita bobagem absurda e divertida sobre a Física, e declara que Zeus está destronado, que Rotação [Rotation] reina em seu lugar, e que as novas divindades são Ar, que detém a terra suspensa, Éter, as Nuvens e Língua.”

“Ele professa a possuir o poder de Belial, o que lhe permite fazer o pior parecer a melhor razão, e seus ensinamentos fazem as crianças bater em seus pais.”

(Nuvens de Aristófanes, 828 e 380; vida e Julgamento de Sócrates; F.J. Church: Introdução p 18.).

(iii) Resumo de conclusões.

Vida e Personalidade de Sócrates.

Há duas circunstâncias na vida de Sócrates, que exigem a nossa atenção: (a) ele, é dito, ter sido completamente desconhecido até a idade de 40 e (b) ter vivido uma vida de pobreza.

Estas circunstâncias apontam para sigilo em treinamento, e pobreza, como as condições de sua vida; e, como tal, eles coincidem com os requisitos do Sistema de Mistério do Egito, e suas escolas secretas, seja na terra do Egito ou no exterior, que exigia os votos de sigilo e de pobreza de todos os neófitos e iniciados. Todos os aspirantes dos Mistérios tinham de receber treinamento e preparação secreta, e Sócrates não foi exceção. Somente Ele, dos três filósofos Atenienses, merece a denominação de um verdadeiro Mestre Maçom.

Platão foi um grande covarde e Aristóteles foi maior ainda.

Na execução de Sócrates, Platão fugiu para Megara para a loja de Euclides e Aristóteles, quando indiciado, fugiu em exílio para Calchis.

(Clemente de Alexandria: Stromata Livro 5. C. 7 e 9;

Plutarco em “Ísis e Osíris” Sec, 9-11; Apologia de Platão C. 8; 17; Fédon C. 10; 13; 32; 63).

As Doutrinas: –

(i) A doutrina do Nous ou uma causa inteligente.

Com referência a esta doutrina, descobrimos que ela também é creditada a Anaxágoras, que, se diz, ter vivido entre 500 e 430 A.C. e que, portanto, antecedeu Sócrates (469-399 A.C.) em expô-la

(Hist. da Filos. de Wm. Turner, p. 63; p. 82).

Em segundo lugar, uma análise mais aprofundada mostra que a doutrina do Nous também é uma inferência direta da doutrina da Cognição, como creditada a Demócrito (460-360 A.C.), Quem é creditado como afirmando que os átomos de fogo são distribuídos através do universo, e que a mente é composta por átomos de fogo. Por isso, pode-se inferir (a) que a mente preenche ou é distribuída através do universo e

(b) uma vez que somente semelhante pode produzir semelhante, então a mente do Universo deve ter sido produzida por uma mente que é sua fonte.

(Hist. da Filos. de Wm. Turner, p.68; Hist. da Filosofia de Zeller. p. 80)

Em terceiro lugar, esta doutrina do Nous, é uma doutrina que se originou a partir dos Antigos Mistérios do Egito, onde o Deus Osíris era representado em todos os templos Egípcios pelo símbolo de um Olho Aberto. Este símbolo indicava não só visão que transcende o tempo e o espaço, mas também a onisciência de Deus, como a Grande Mente que criou e que dirige o Universo. Este símbolo é carregado como uma decoração em todas as lojas Maçônicas modernas e tem o mesmo significado.

(Mistérios Antigos, C. H. Vail, p. 189). [Ancient Mysteries: C. H. Vail p. 189]

(ii) A doutrina do Supremo Bem: –

Esta doutrina do Supremo Bem ou Summum Bonum é também uma doutrina muito antiga, que nos leva de volta aos Mistérios Egípcios.

Conforme declarado nos livros sobre filosofia Grega e por Sócrates, é apenas em parte, e, conseqüentemente, uma noção equivocada da doutrina original resultou. Dizer que o bem supremo é a felicidade, que a felicidade é o bem-estar, que o bem-estar é o conhecimento, e que o conhecimento é virtude, é a mesma coisa que dizer que o Supremo Bem é virtude.

(Memorabilia I 4,5 de Xenofonte; Hist. da Filos. de Wm. Turner. P. 81-83).

Nos Mistérios Egípcios, no entanto, o conceito do Bem Supremo é expresso como o propósito da virtude, e isto é a salvação da alma, libertando-a dos dez grilhões corporais.

Este processo de libertação é um processo de purificação, tanto da mente quanto do corpo: o primeiro pelo estudo da filosofia e da ciência, e o segundo pelas disciplinas ascéticas corporais. Este treinamento era continuado desde o batismo de água, e posteriormente era seguido pelo batismo de fogo, quando o candidato tinha feito o progresso necessário. Este processo transformava o homem e fazia dele uma semelhança de deus, e o tornava apto para união com Deus.

O conceito do Bem Supremo, que originalmente veio dos Mistérios Egípcios é a mais antiga teoria da salvação, e Sócrates deve ter derivado esta doutrina a partir dessa fonte, ou indiretamente dos Pitagóricos.

(Fédon de Platão C.31; 33-34; Mistérios Antigos C. H. Vail p. 24-25; Filosofia do Fogo, R.S. Clymer p. 19;74;80) [Plato's Phaedo C. 31; 33-34; Ancient Mysteries, C. H. Vail p. 24-25; Fire Philosophy, R. S. Clymer p. 19; 74; 80.]

(iii) As seguintes doutrinas são geralmente admitidas como tendo sido derivadas dos Pitagóricos:

(a) Transmigração da Alma

(b) A imortalidade da alma

(c) O túmulo da alma é o corpo.

(d) As doutrinas de opostos e harmonia.

Desde que as doutrinas (a), (b), (c) e (d) originaram a partir dos Pitagóricos, e uma vez que os Pitagóricos as derivaram a partir dos Egípcios, então sua origem Egípcia, direta ou indiretamente torna-se evidente.

(História da Filosofia de Roger p. 29 e 60;... História da Filosofia de Wm. Turner p. 41 e 48; Fédon, de Platão).

(iv) Astrologia e Geologia:

De (a) a acusação (b) sua defesa perante os juízes Atenienses e (c) a caricatura de Aristófanes nas Nuvens, descobrimos que Sócrates era suspeito de ser um estudante da natureza, e de introduzir novas divindades em Atenas.

Mais uma vez, deve ser referido, que no âmbito do Sistema de Mistério do Egito, o estudo da natureza era um requisito, e uma vez que os Atenienses processaram e condenaram Sócrates à morte, por se engajar neste estudo e difusão do conhecimento, eles devem ter considerado as novas idéias como estrangeiras ou de origem Egípcia.

(Apologia de Platão C. 24-28; Mistérios Antigos, C.H. Vail, p. 24-25.).

(v) A doutrina do auto-conhecimento:

A doutrina do auto-conhecimento, por séculos atribuída a Sócrates é agora definitivamente conhecida por ter se originado a partir dos Templos Egípcios, na parte externa do qual as palavras “Homem, conhece-te a ti mesmo” eram escritos.

É evidente que Sócrates não ensinou nada de novo, porque suas doutrinas são ecléticas contendo elementos de Anaxágoras, Demócrito, Heráclito, Parmênides e Pitágoras, e, finalmente, foram rastreadas para os ensinamentos do Sistema de Mistério Egípcio.

(Filosofia do Fogo, S.R. Clymer p. 203). [Fire Philosophy, S. R. Clymer p. 203].

vi) A importância das conversas de despedida de Sócrates com seus alunos e amigos na prisão:

Ao examinar o que ocorreu durante as conversas de despedida de Sócrates com seus alunos e amigos, pelo menos, cinco pontos devem ser observados: –

(a) O tema das conversas

(b) A determinação de seus amigos para contrabandeá-lo para fora.

(c) Sua recusa em aceitar a libertação

(d) Seu pedido ao morrer, que foi dirigido a Críton, a quem ele pediu para pagar uma dívida importante para ele

(e) O valor dessas conversas, em sua forma atual na literatura.

Agora surge a pergunta: qual é o significado e a importância destes cinco pontos? As respostas e conclusões são as seguintes: –

(a) Como o assunto das conversas tratou da imortalidade e da salvação da alma, nós, ao mesmo tempo reconhecemos o fato de que este era o tema central dos Mistérios Antigos e, conseqüentemente, que Sócrates estava familiarizado com as doutrinas.

Além disso, quando lemos o Fédon e as doutrinas, tanto dos Opostos quanto da Recordação a qual ele tinha avançado na prova da imortalidade, nós estamos convencidos de que ele deve ter recebido a sua formação a partir do Sistema de Mistério do Egito, em conexão com as quais haviam Hierofantes e professores qualificados.

(b) Em segundo lugar, ao lidar com o comportamento de seus amigos, em sua determinação para contrabandear-lo para fora, estamos a lidar com a sua tentativa de prestar ajuda a um irmão em perigo.

Esta era a vida que os Iniciados eram esperados para viver, pois a fraternidade era outro grande princípio sobre o qual, os Mistérios Egípcios colocavam ênfase. Evidentemente, Sócrates era um “Irmão Iniciado” dos Mistérios Egípcios, uma vez que estes compreendiam uma fraternidade universal.

(c) Em terceiro lugar, ao lidar com a recusa de Sócrates em aceitar a liberação, mais uma vez estamos a lidar com um tipo de comportamento, que o põe a parte como um avançado Iniciado dos Antigos Mistérios do Egito. Nos caminhos para a mestria e a vitória, o Sistema de Mistério considerava altruísmo ou sacrifício como um estágio avançado de realização, que devia ser realizado antes que o poder ilimitado pudesse ser concedido ao candidato. É verdade que Anaxágoras fugiu por sua vida e, na mesma maneira, Platão e Aristóteles; mas isto só serve para mostrar que Sócrates tinha atingido um grau mais elevado nos Mistérios do que todos eles. Este treinamento necessário e o centro de treinamento era o Egito.

(d) Em quarto lugar, com referência último pedido de Sócrates, dirigido a Críton, em que ele pediu-lhe para pagar uma determinada dívida, nós, mais uma vez encontramos outro dos grandes ideais essenciais para a vida de um Iniciado. Isto no ensinamento dos Mistérios abraça o exercício de uma virtude cardeal, ou seja, justiça; uma prática que o candidato deve adotar, a fim de que seu senso de valor também possa também se desenvolver.

Aqui, novamente, a ação de Sócrates revela que ele era um Irmão Iniciado, com um alto senso de justiça e honestidade, já que ele não queria morrer sem quitar todas as suas obrigações. Certamente, o último pedido de Sócrates revela-o como um membro leal do Sistema de Mistério do Egito.

(e) Em quinto lugar e, finalmente, qual valor podemos nós atribuir à literatura que trata das conversas de despedida de Sócrates com seus amigos e alunos? Desde que essa literatura abraça um homem cujas crenças e práticas coincidem com aquelas dos Iniciados dos Antigos Mistérios do Egito, então nós podemos considerar o estudo do da Memorabilia de Xenofonte, Apologia de Platão, Fédon, Eutífron, Críton e Timeu como espécimes valiosos da literatura dos Mistérios, ou Mundo Maçônico

(Mistérios Antigos; C.H. Vail C. 24-25; também C. 32).(O Fédon de Platão; O Timeu de Platão). (Filosofia do Fogo de R.S. Clymer C. 44; 67;75). [Ancient Mysteries; C. H. Vail C. 24–25; also C. 32;The Phaedo of Plato; The Timaeus of Plato] [R. S. Clymer; Fire Philosophy C. 44; 49; 67; 75].

2. Platão: (i) Infância (ii) Viagens (iii) Escritos Disputados

(iv) Suas Doutrinas (v) Resumo de Conclusões.

(i) O início de sua vida:

Platão, se diz, ter nascido em Atenas em 427 A.C., e que o nome de seu pai era Aristo, e o nome de sua mãe era Perictione, que era parente de Sólon.

Pouco se sabe sobre sua infância e formação: mas há uma suposição de que, por seus pais serem ricos, ele deve ter tido tais oportunidades educacionais que estavam disponíveis para um jovem rico. Ele, é dito, ter estudado as doutrinas de Heráclito sob Crátilo, e de ter sido um aluno de Sócrates por oito anos. Também é dito que ele era um soldado.

(História da Filosofia por Roger p. 76; História da Filosofia por Wm. Turner p. 93; História da Filosofia Wm. Durant)

[Roger's Student Hist. of Philosophy p. 76) (Wm. Turner's Hist. of Philosophy p. 93) (Will. Durant's Story of Phil.)

(ii) (a) Suas Viagens:

Ele tinha 28 anos, quando Sócrates morreu (ou seja, 399 A.C.), e juntamente com os outros alunos de Sócrates, ele fugiu de Atenas para Euclides em Megara por Segurança. Ele manteve distância de Atenas por 12 anos, período durante o qual, diz-se também que, além de visitar Euclides, ele viajou (a) para o sul da Itália, onde conheceu o remanescente dos pitagóricos, (b) para Siracusa, na Sicília, onde, através de Dion, ele conheceu Dionísio, de quem ele se tornou um Tutor: que posteriormente o levou a ser vendido como escravo, e (c) para o Egito.

(História da Filosofia de Fuller) (Roger's Student's Hist. of Philosophy) (Wm. Turner's Hist. of Phil. P. 94) (Diogenes Laertius Bk. III, p. 277).

(ii) (b) Sua Academia

Platão, é dito, retornou para Atenas em 387 A.C. quando um homem de meia idade, de 40 anos, e abriu uma academia em um ginásio na periferia oeste de Atenas sobre a qual presidiu por 20 anos. Ele, é dito, ter ensinado os seguintes temas

(a) Ciência Política (b) Estadismo [statesmanship]

(c) Matemática (d) a dialética, e diz-se que o currículo foi baseado nos princípios educacionais defendidos na República.

(Fuller's Hist. of Philosophy: Plato's Life) (B. D. Alexander's Hist. of Philosophy p. 68) (Roger's Students Hist. of Philosophy p. 72) (Wm. Turner's Hist. of Philosophy p. 122123).

(iii) Seus Escritos são disputados e postos em dúvida por estudiosos modernos.

Há 36 diálogos e uma série de cartas, que Platão é suposto ter escrito: mas que são disputadas e postas em dúvida por estudiosos modernos.

(a) Grote afirma que Platão escreveu apenas os diálogos que levam seu nome.

(b) Schaarsmidt afirma que apenas nove dos 36 diálogos são genuínos enquanto

(c) Aristóteles considerou os diálogos platônicos como em número de nove, ou seja, as disposições legislativas, Timeu, Fédon, Banquete, Fedro, Georgias, Theaetetus, Filebo e a República, os quais ele achava serem genuínos.

(d) Dos restantes 27 diálogos alguns estudiosos afirmam que os diálogos da juventude devem ser incluídos com os genuínos, e estes são a Apologia, Críton, Enthydemus, Laches, Lysis e Protágoras, e

(e) Dos 21 diálogos restantes estudiosos sugerem que os que não foram escritos por Platão devem ter sido escritos por seus alunos

(Hist. da Filosofia de B.D. Alexander, p. 68).

(iv) AS DOUTRINAS DE PLATÃO

As doutrinas atribuídas a Platão estão espalhadas por uma vasta área da literatura: sendo encontradas aos poucos, durante o que são chamados de diálogos; mas particularmente em conexão com

(I) a teoria das idéias e sua aplicação aos fenômenos naturais, que inclui as doutrinas

(a) o real e o irreal

(b) o Nous (mente) e

(c) Criação.

(II) as doutrinas éticas a respeito de

(A) a bem mais elevado

(B) definição de virtude e

(C) as virtudes cardeais.

(III) a doutrina do Estado Ideal cujos atributos são comparados com os atributos da alma e da justiça. Seguindo este fim, eles são os seguintes:

(I) A Teoria das Ideias

Definição de Idéias. Isto pode ser expresso no seguinte silogismo:

A idéia (mantendo sua unidade, imutabilidade e perfeição) é o elemento da realidade em uma coisa. A idéia é o conceito pelo qual uma coisa é conhecida. Portanto, o conceito pelo qual uma coisa é conhecida é o elemento da realidade de uma coisa

(To on).

Segue-se, também, que, desde que o conceito ou idéia de uma coisa é real, então a coisa concreta em si é irreal.

(Timeu 51) (Fedro 247).

A aplicação da teoria das Idéias a fenômenos naturais. Tendo em vista a definição de Idéia, três doutrinas têm resultado: –

(a) A doutrina do real e irreal.

As coisas que vemos ao nosso redor são os fenômenos [phenomena] da natureza, eles pertencem ao reino da terra, eles são apenas cópias (Eidola) de seus protótipos (paradeigmata), as idéias e Númeno [noumena], que habitam no reino celestial. As idéias são reais e perfeitas, mas os fenômenos são irrealis e imperfeitos; e é a função da filosofia ativar a mente para superar a contemplação das cópias visíveis de idéias, e avançar para um conhecimento das próprias idéias.

(O Fédro 250) [The Phaedrus 250].

Há, porém, algo comum entre eles, porque os fenômenos participam da Idea (metechei). Esta participação é uma imitação (mimesis), mas é tão imperfeita que os fenômenos naturais estão muito aquém das Idéias.

(Parmênides 132 D) (Metafísica de Aristóteles I, 6; 987b, 9).

(b) A doutrina do Nous ou Alma do Mundo.

Esta ensina que o universo são animais vivos e que são dotados com as almas mais perfeitas e inteligentes; que se Deus tivesse feito o mundo tão perfeito quanto à natureza da matéria permitisse, ele deve ter dotado-a de uma alma perfeita. Esta alma atua como mediador entre as Idéias e os fenômenos [phenomena] naturais, e é a causa da vida, movimento, ordem e conhecimento do universo.

(Timeu, 30, 35).

(c) A doutrina de um Demiurgo na Criação (Cosmologia)

No mito da criação encontrada no Timeu, encontramos a doutrina sobre a Criação, como ela é atribuída a autoria de Platão, como segue: –

Fora do caos, o qual era governado por necessidade, Deus o Demiurgo ou Criador, fez a ordem, por formar os fenômenos da matéria de acordo com os protótipos eternos (isto é, as Idéias) em tão perfeita maneira, como a imperfeição da matéria permitisse. Ele, em seguida, criou os Deuses, e ordenou-lhes para moldar o corpo do homem, enquanto Ele próprio, fez a alma do homem, a partir do mesmo material que o da alma do mundo.

A alma do homem é um princípio auto-movente [self-moving] e é responsável pela vida, movimento [motion] e consciência no corpo.

(Mito da criação no Timeu; Hist. da Filos. de Wm Turner, p. 109 -110.).

(II) As doutrinas éticas

As doutrinas éticas que têm sido atribuídas a Platão são

(A) aquela do bem maior, ou seja, o Summum Bonum

(B) a conotação de virtude e

(C) a redução das virtudes para quatro e o lugar da sabedoria entre elas (a) como algo subjetivo, e como uma experiência terrena, o bem maior é a felicidade: mas como uma realização objetiva, é a Idéia do bem, e, conseqüentemente, identificado com Deus.

Portanto, o propósito da vida do homem é a liberdade dos grilhões do corpo, nos quais a alma é confinada, e a prática da virtude e da sabedoria, torna-o como um Deus, mesmo enquanto na terra.

(B) e (C) A virtude é a ordem, a saúde e a harmonia da alma.

Há muitas virtudes, mas a maior é a sabedoria. Todas as virtudes podem ser reduzidas para as quatro virtudes cardeais: sabedoria, fortaleza, temperança e justiça.

(Simpósio 204E); (Theaetetus 176A); (Fédon 64 sqq.) (A República IV, 441, 443).

(III) O Estado Ideal (A República)

A doutrina atribuída a Platão no campo da educação cívica é a doutrina do Estado Ideal cujos atributos são comparados com os atributos da alma e da justiça.

Em um estado, a virtude deve ser o objetivo principal, e, a menos que os filósofos se tornem governantes, ou governantes sejam formados através de estudantes de filosofia, não haverá problemas incessantes para estados e a humanidade em geral. O estado Ideal é modelado sobre a alma individual, e assim como a alma tem três partes, assim também deve o Estado tem três partes: as regentes, os guerreiros, e os trabalhadores.

(República VI, 490 sqq. ; V, 478; III, 415).

Similarmente, assim como a harmonia da alma depende da subordinação adequada de suas partes, assim também o estado depende da subordinação adequada de suas partes, a fim de desfrutar de paz.

Aqui Platão apresenta a alegoria do cocheiro e os cavalos alados, a fim de mostrar que virtude é para a alma como a justiça é para o estado: -Um Cavalo é de origem nobre: enquanto o outro é desprezível; e, conseqüentemente, eles não podem concordar. Como o cavalo nobre se esforça para montar até as regiões celestiais que são adequadas à sua natureza: assim o outro tenta arrastá-lo para baixo. Da mesma forma em lidar com a alma, é a subordinação adequada de suas partes, que permite que o nobre no homem atingir a sua excelência; assim também em lidar com o Estado, é a justiça, ou a subordinação adequada das diferentes classes, que o torna um estado Ideal.

(Roger's Students History of Philosophy p. 83.); (República de Platão).

(v) SUMÁRIO DE CONCLUSÕES.

As doutrinas de Platão são ecléticos apontam para origem Egípcia.

1. A doutrina do real e irreal para representar doutrina encontrada na comparação entre os fenômenos naturais e as Idéias, é apenas um exemplo da aplicação da doutrina dos opostos. Aqui as coisas deste mundo têm seus tipos correspondentes no reino celestial; aqui as Idéias correspondem ao Ser, enquanto os fenômenos naturais correspondem ao não-Ser. Mas a doutrina dos opostos pode ser rastreada de volta não só a Sócrates, Demócrito, Parmênides e os Pitagóricos, mas ainda de volta à sua fonte original, ou seja, o Sistema de Mistério Egípcio, onde o princípio dos opostos foi representado não só por pares de Deuses masculinos e femininos, como Osíris e Ísis, mas também por pares de pilares na frente de todos os templos egípcios.

(Memphite Theology in Kingship and the Gods, by Frankfort, C. 3, p. 25–26 and 35). (Herodotus I, 6–26) (Ancient Egypt by John Kendrick, Bk. I, p. 339). (Egyptian Religion by Frankfort, p. 64, 73, 88). (Zeller's Hist. of Phil. p. 61).(The Phaedo C. 15, 16, 49).

II. A doutrina do Nous ou Alma do Mundo é um princípio de magia Egípcia:

Platão é creditado com a expressão dessa doutrina sob a forma de um símile, no qual ele compara o mundo a um animal vivo, que é composto de Almas. Um ser perfeito e responsável pela vida, movimento e conhecimento do animal ou universo.

Essa doutrina pode ser rastreada, não só para

(a) Demócrito que baseou seu ensinamento sobre os átomos de fogo da alma, e da cognição sobre o princípio mágico dos Egípcios: “que as qualidades de um animal são distribuídas ao longo de suas partes “. (Golden Bough by Frazer) (Hist. of Phil., B. D. Alexander, p. 40). (Wm. Turner, Hist. of Phil., p. 68),

mas também para (b) Anaxágoras, que, se diz, ter avançado o Nous (mente) como responsável por criar ordem a partir do caos, e que é onipotente e onisciente.

(History of Philosophy, Wm. Turner, p. 63).

A doutrina do Nous como uma questão de fato, teve origem a partir de (c) o Sistema de Mistério do Egito, no âmbito do qual, o Deus Osíris era representado em todos os templos Egípcios, pelo símbolo de um Olho Aberto, referido em outro lugar.

Este símbolo indicava não só visão que transcende o espaço e o tempo, mas também onisciência, como a Grande Mente que criou e que ainda dirige o universo. Este símbolo também faz parte da decoração de todas as lojas Maçônicas do mundo moderno e remonta à adoração de Osíris ou Sol dos Egípcios a mais de 5000 A.C.. Essa mesma noção também foi representada pelos Egípcios por um Deus com olhos sobre Ele todo e era conhecido como o “Olho Que Tudo Vê”.

(Zeller’s Hist. of Phil., p. 809). (The Ancient Mysteries, C. H. Vail, p. 189) (Max Muller: Egyptian Mythology).

III. A doutrina do Demiurgo na Criação.

Essa doutrina, que é atribuída para autoria de Platão, não foi originada, por qualquer meio, de Platão. Ela não apenas era uma doutrina corrente na época de Platão, mas era bem conhecida entre as Antigas nações do Oriente e ensinada por eles há muitos séculos antes do seu tempo (427-347 A.C.).

A história nos diz que os Persas ensinaram esta doutrina mais de seis séculos A.C. através de seu líder Zoroastro. A história também nos diz que Pitágoras (500 A.C.), ensinou a mesma doutrina expressa em termos de Mônadas. O universo consiste de duas unidades, ou seja, (a) a Unidade da qual a série de números ou seres é derivada, sendo absoluta Unidade, que é a fonte de tudo, ou seja, a Mônada das Mônadas ou o Deus dos Deuses e (b) o Um, ou seja, o primeiro de uma série de números ou seres derivados. Ela se opõe à, e é limitada pela pluralidade e, portanto, é unidade relativa, ou seja, uma Mônada criada ou Deus (um Demiurgo), conseqüentemente, a oposição entre o um e os muitos é a fonte de todo o resto. Além disso, a história do mesmo modo nos diz que a fonte original da doutrina de um Demiurgo na criação foi o Egito, que remonta a história da criação do Egito de 4000 A.C., a qual pode ser encontrada no relato dado pela Teologia Menfita: uma inscrição em uma pedra, agora guardado no Museu Britânico. Ela contém as visões teológicas e cosmológicas dos Egípcios que datam do início da história Egípcia, quando as primeiras dinastias tinham feito sua nova capital em Memphis, a cidade do Deus Ptah, ou seja, cerca de 4000 A.C., ou mesmo antes.

A cosmologia egípcia deve ser apresentado em três partes; cada parte sendo complementar para as outras, e apresentando uma filosofia completa pela sua combinação.

A Parte (I) lida com os deuses do caos,

a parte (II) lida com os deuses da ordem e disposição na criação,

e a parte (III) lida com o Primaz dos deuses, através de cujo Logos a criação foi realizada.

Na parte (I) a pré-criação ou o caos é representado por

(i) Ptah, o Primaz dos Deuses, emergindo das águas primitivas Nun na forma de um Monte, Tatenen, ou seja, A Terra Ressuscitada

(ii) Atum, ou seja, Atom, o Deus Sol, imediatamente se juntando à Ptah, emergindo também das águas caóticas de Nun, e sentando-se em cima dele (o Monte).

(iii) Uma descrição das outras qualidades dentro do caos segue:- Há quatro pares de Deuses masculinos e femininos na forma de sapos e serpentes. Seus nomes são:

(a) Nun e Naunet, o oceano primevo e matéria primordial;

(b) Huh e Hauhet, o Ilimitável e o Infinito,

(c) Kuk e Kauket, Escuridão e Obscuridade e

(d) Amon e Amaunet, o Oculto e o Escondido.

(Memphite Theology in Ancient Egyptian Religion by Frankfort, p. 10, p. 21; Frankfort's Intellectual Adventure of Man, p. 10, 21, 52).

Na parte (II) os Deuses da ordem e arranjo são representados da seguinte forma: –

Os mesmos primeiros pares de Deuses da pré-criação estão juntos presente, ou seja, Ptah, o Monte primordial, que é o pensamento e a palavra de todos os Deuses, juntamente com Atum, que repousa sobre Ptah.

Atum, ou seja, Atom, tendo absorvido o pensamento e o poder criativo de Ptah, em seguida, prossegue com a obra da Criação. Ele nomes quatro pares de partes de seu próprio corpo, que se tornam Deuses, e, desta forma, oito Deuses são criados, que juntamente com ele mesmo tornam-se nove Deuses em uma família ou Divindade [Godhead], chamada de Enéade.

N.B.

Magia é a chave para a interpretação das antigas religiões e filosofia.

(a) A parte (III) fala dos poderes específicos de Ptah, que Atum absorve, mas não nos diz como Ele os absorve.

(b) A parte (I) nos diz como, pois descreve o movimento de Atum, como emergindo das águas primitivas, e sentando-se em cima de Ptah (a terra ressuscitada ou colina). No entanto, não

nos dá a razão para o movimento de Atum: um comportamento que pode ser entendido, apenas quando aplicamos para a sua interpretação, a chave de princípios mágicos.

(c) O Princípio Mágico

Agora, o que é o princípio mágico envolvido no comportamento de Atum? É o seguinte: –

“As qualidades ou atributos de entidades, humana ou divina, estão distribuídas ao longo de suas várias partes, e o contato com essas entidades, libera essas qualidades.”

(d) É agora claro que, ao fazer contato com Ptah, Atum recebeu imediatamente os atributos de pensamento e expressão criadores e onipotência de Ptah e tornou-se o instrumento e o Logos e o Demiurgo, por meio do qual a tarefa de criação foi realizada e concluída.

(Dr. Frazer’s Golden Bough).

(e) É também claro que, de acordo com a Teologia Menfita, as doutrinas de um Demiurgo e Deuses criados originaram a partir da religião e Sistema de Mistério Egípcios, e não a partir de Platão, que viveu de 427 a 347 A.C..

(Ancient Egyptian Religion: Memphite Theology by Frankfort, p. 20 and 23).

(Intellectual Adventure of Ancient Man, by Frankfort, p. 21, and 51–60).

(The Egyptian Book of the Dead, c. 17).

(The Golden Bough, by Dr. Frazer—on Magic).

(The Mediterranean World, by Sandford, p. 182).

(History of Philosophy, by Weber, p. 21–22).

(The Cure of the woman who touched the hem of Christ's garment: Mark, chapter 5, verses 25–34).

(The cure of several people who held the kerchiefs of St. Paul: Acts, chapter 19, verse 12).

N.B.

A Teologia Menfita será tratada em um capítulo separado para mostrar a origem da filosofia Grega.

As doutrinas de (A) o bem maior (B) a virtude e

(C) as virtudes cardeais.

N.B.

Esta é realmente a mais antiga teoria da salvação e se originou a partir dos Mistérios Egípcios, mas não de Platão.

(A) O objetivo principal dos Mistérios Egípcios era a salvação da alma humana. Os egípcios acreditavam que o corpo humano fosse uma prisão, onde a alma está presa por dez grilhões.

Esta condição não apenas manteve o homem separado de Deus, mas o fez sujeito à roda renascimento ou re-encarnação.

Para escapar dos efeitos de sua condição, duas exigências tinham que ser cumpridas pelo Neófito: –

(i) Ele devia manter os Dez Mandamentos ensinados pelos Mistérios, por tal disciplina, ele ganharia a conquista sobre os grilhões da alma, e libertá-la, de modo a tornar possível o seu desenvolvimento, e

(ii) ele agora sendo bem qualificado e devidamente preparado, deve passar por uma série de iniciações, a fim de desenvolver a sua alma a partir do estágio humano para aquele de um Deus. Tal transformação era conhecida como salvação.

Ela colocava o Neófito em harmonia com a natureza, homem e Deus. Ela o deificava, ou seja, o tornava semelhante a Deus;

e esta realização era conhecida como o bem mais elevado.

De acordo com esta teoria da salvação, o homem é esperado para operar a sua própria salvação, sem um mediador entre ele e seu Deus.

(B) Platão define virtude como a ordem ou a disciplina da alma. Este significado nós aceitamos, uma vez que concorda com o fim dos dez mandamentos dos Mistérios.

As doutrinas das dez virtudes e os dez grilhões são tão antigas quanto a própria história Egípcia. Cada mandamento ou disciplina representava um princípio de virtude, e a função de cada virtude era remover um grilhão. Assim, uma vida de virtude foi antecedente e preparatória para aquelas novas experiências, ou seja, as iniciações que levavam à gradual perfeição e a divindade do Neófito.

(C) Platão também é creditado por ter reduzido todas as virtudes para quatro virtudes cardiais, e com a atribuição do lugar mais alto entre elas para a sabedoria, da seguinte forma: – sabedoria, fortaleza, temperança e justiça.

Também somos informados através da história da filosofia, de que Sócrates, o alegado professor de Platão, ensinou que a sabedoria era o equivalente de toda a virtude. Essa divergência de opinião entre aluno e professor é significativa, uma vez que aponta para o fato de que os dois simplesmente especulavam sobre um sistema de Ética que era corrente no mundo antigo, e o qual nenhum deles tinha produzido.

Este sistema de Ética como já foi mencionado pertencia ao Sistema de mistério do Egito, o qual exigia aos Neófitos em preparação para a iniciação, para manter os seguintes dez mandamentos, subjacente os quais estavam os dez princípios da virtude: –

O Neófito deve (I) controlar seus pensamentos (II) controlar suas ações (III) ter devoção de propósito (IV) ter fé na capacidade de seu mestre para ensinar-lhe a verdade (V) ter fé em si

mesmo para assimilar a verdade (VI) ter fé em si mesmo para empunhar a verdade (VII) ser livre de ressentimento sob a experiência da perseguição (VIII) ser livre de ressentimento sob a experiência da injustiça, (IX) cultivar a capacidade de distinguir entre o certo e o errado e (X) cultivar a capacidade de distinguir entre o real e o irreal (ele deve ter um senso de valores).

Se nós agora compararmos a ordem no esquema acima, com a ordem em que as virtudes cardeais são ditas serem organizadas, imediatamente veremos que o primeiro lugar que ocupa a sabedoria entre as virtudes foi-lhe dado pelos Mistérios Egípcios, e não por Platão. Conseqüentemente, em (I) e (II) a partir do controle dos pensamentos e ações, derivamos a virtude da sabedoria; em (VI) da liberdade de ressentimento sob perseguição, derivamos a virtude da fortaleza; em (IX) e (X) a partir de uma capacidade de distinguir entre o certo e o errado, e entre o real e o irreal, derivamos as virtudes da justiça e temperança.

(Plato's Republic, c. IV, 44, and 443).

(Ancient Mysteries by C. H. Vail, p. 25 also 109–112).

(Wm. Turner's History of Philosophy, p. 115).

(Zeller's History of Philosophy, p. 155–157).

V. (A) A doutrina do Estado Ideal.

Em relação à autoria e origem desta doutrina, há duas conclusões: Primeiro, Platão não foi o autor da República e, segundo, a alegoria do cocheiro e cavalos alados, não é um produto de Platão, mas é derivado do Livro Egípcio dos Mortos, no Drama do Julgamento.

Em relação à primeira conclusão só é necessário reafirmar o que já foi dito em relação com os escritos de Platão, e isso é que eles são disputados não só por tais estudiosos modernos como Grote e Schaarsmidt, mas também por historiadores antigos: Diógenes Laertius, Aristoxenus e Favorinus (80-150 D.C.), que declaram que o assunto da República foi encontrado nas controvérsias escritas por Protágoras (481-411 A.C.), no tempo da morte do qual, Platão era apenas um garoto.

Além disso, a autoria de Platão repousa apenas sobre as opiniões de Aristóteles e Teofrasto, ambos cujos objetivos eram a compilação de uma filosofia Grega com material Egípcio.

(Diogenes Laertius, p. 311 and 327; Aristotle Metaphysics Bk. I).

(Zeller's History of Philosophy; Introduction, p. 8 and 13; Wm. Turner's History of Philosophy, p. 95).

Em relação à segunda conclusão, deve-se salientar que a alegoria do “Cocheiro e os cavalos alados” é uma descrição da qualidade e do destino da alma como ela aparece na ordem da justiça, no Drama do Julgamento do Livro Egípcio dos Mortos. Neste drama, o Grande Chefe de Justiça e Presidente do Mundo Invisível, Pethempamenthes, ou seja, Osíris está sentado em um trono, e é atendido pelas deusas Isis e Néphthys, enquanto 42 juízes assistentes estão sentados ao redor.

Perto de Osíris há quatro gênios [genii] de Amenta [Amenthe], o Mundo Invisível, representados como vasos pequenos, chamados Canopi, no qual as diferentes vísceras, simbolizando as qualidades morais do indivíduo, são mantidas embalsamadas. Os intestinos têm uma ligação muito importante com as qualidades morais do indivíduo, uma vez que eles são responsabilizados por qualquer pecado que a pessoa comete. No extremo oposto, o falecido é introduzido por Hórus, enquanto que no centro está a Balança de Justiça, que foi erguida por Anúbis. Em um dos seus lados, aparece um vaso em forma de coração contendo as qualidades morais do falecido, enquanto, do outro lado, há uma figura da Deusa da Verdade [Ma'at]. Toth, o escriba, segurando um rolo de papiro, fica perto e faz um registro da pesagem. Depois que isso for concluído, Hórus recebe o registro de Toth e avança para Osiris para dar a conhecer os resultados. Osiris escuta e no final do relatório, pronuncia sentença de recompensa ou punição.

Nesse meio tempo, monstros terríveis espreitam ao redor da cena para destruir a alma, se o veredicto é contra ela.

Observemos que

(1) o movimento da balança no Drama do Julgamento corresponde com o movimento para cima e para baixo dos cavalos alados da alegoria

(2) as qualidades opostas pesadas na balança correspondem com as qualidades opostas possuídas pelos cavalos nobres e ignóbeis da alegoria

(3) a idéia de justiça simbolizada pela balança do Drama do Julgamento, corresponde com a idéia de justiça expressa na alegoria.

(4) Os cavalos alados correspondem com os monstros do drama julgamento.

(B) A Autoria da República.

De acordo com Diógenes Laertius livro III e páginas 311 e 327, é afirmado por ambos Aristoxenus e Favorinus, que quase a totalidade do assunto da República de Platão foi encontrada nas Controvérsias, escrito por Protágoras. Além disso, de acordo com a História da Filosofia dos Estudantes de Roger, p. 78, afirma-se que, apesar de Platão pode ter esboçado pesadamente sobre as reminiscências de Sócrates, cujas aulas freqüentou: ainda assim, o assunto da República é um sistema de filosofia mais cuidadosamente fundamentado, que pode ser facilmente atribuído a Sócrates. “Que todo o volume é um argumento cumulativo no qual existem opiniões sutilmente entrelaçadas sobre quase todos os assuntos de importância filosófica.

É óbvio que a erudição moderna duvida que Platão tirou o assunto da República de Sócrates, e está inclinada a atribuir a autoria para o próprio Platão. Se, no entanto, levarmos em consideração o fato de que o assunto da República estava em circulação muito antes do tempo de Platão: pois Protágoras é suposto ter vivido de 481- 411 A.C. e Platão, a partir de 427 -347 A.C., A razão proíbe a atribuição da autoria para Platão.

Mas a questão importante permanece: De que fonte Protágoras tirou as idéias da República que circularam nas Controvérsias?

Livros de texto sobre a filosofia Grega nos dizem que Protágoras foi um aluno de Demócrito; mas quando voltamos para os escritos de Demócrito somos incapazes de descobrir qualquer conexão entre eles e o (a) sistema de ensino e o (b) o governo paternal que são defendidos na República.

Este fato força-nos à conclusão de que o assunto da República de Platão não foi nem produzido por Platão, nem qualquer filósofo Grego.

(C) A Autoria do Timeu.

De acordo também com Diógenes Laertius Livro VIII p. 399-401, quando Platão visitou Dionísio na Sicília, ele pagou Philolaus, um Pitagórico, 40 Minae Alexandrinos de prata, por um livro, a partir do qual ele copiou todo o conteúdo do Timeu.

Nestas circunstâncias, é evidente que Platão não escreveu nem a República nem o Timeu, cujo assunto identifica-os com o propósito dos Mistérios do Egito.

(Roger's Students Hist. of Philosophy p. 76; 78; and 104).

(Zeller's Hist. of Philosophy: Introduction p. 13 and 103).

(Wm. Turner's Hist. of Philosophy p. 79 and 95).

(Plato; Apology, Crito, and Phaedo).

(Xenophon: Memorabilia; Strabo; Ancient Mysteries by C. H. Vail).

(Clement: Stromata Bk. V. C. 7 and 9).

A Carruagem não era um padrão de cultura dos gregos, na época de Platão, nem era usado por eles na guerra: –

A Cultura e as tradições Gregas não proveram Platão com a idéia da carruagem e corcéis alados, pois nenhum lugar em sua breve história militar, (ou seja, até o tempo de Platão) encontramos o uso de tal máquina de guerra pelos Gregos.

A única nação vizinha que se especializou na fabricação de carruagens e da criação de cavalos foram os Egípcios. Quando José foi governador no Egito, o cavalo e carruagem de guerra estavam em uso; e quando os israelitas fugiram do país, Faraó os perseguiu até o Mar Vermelho em carros. Mesmo Homero e Diodoro, que visitaram o Egito, testemunham que eles viram uma grande multidão de carros de guerra e vários estábulos ao longo das margens do rio Nilo, a partir de Memphis para Tebas.

E desde que o Drama do Julgamento no Livro Egípcio dos Mortos revela toda a filosofia contida na alegoria, Platão não pode ser creditado como o seu autor.

O seguinte esboço da história militar dos gregos mostra que o carro não foi utilizado por eles, nem foi o seu padrão de cultura: –

guerras externas ou guerras com os persas.

(a) A revolta Jônica contra o domínio persa, 499-494 A.C. Isso culminou em uma batalha naval em Lade, onde a frota Jônica foi derrotada.

(b) A batalha de Marathon, 490 A.C.

Durante o verão de 490 A.C., os Gregos encontraram os persas na baía de Marathon, e após uma breve luta com arcos e flechas, ambos os beligerantes se retiraram para se preparar para combates mais decisivos.

(c) A batalha das Termópilas, 480 A.C.

Dez anos depois de Marathon, os Persas e os Gregos se reuniram novamente para resolver as suas queixas. Os Persas ancorados no Golfo do Pagasae, enquanto os gregos ancorados ao largo do Cabo Artimesium. Uma batalha seguiu e Termópilas foi capturada pelos Persas.

(d) A batalha de Salamina, 479 A.C.

Ambos os Persas e os Gregos se encontraram novamente em Salamina, em 479 A.C., e uma batalha naval seguiu, com perda considerável de navios em ambos os lados. Ambos os beligerantes se retiraram, sem qualquer decisão.

(e) a Confederação de Delos e suas guerras com os persas, 478-448 A.C.

O objetivo da confederação era defesa contra a agressão Persa, e duas batalhas navais foram travadas: uma no rio Eurymedon em 467 A.C., quando os Gregos ganharam uma pequena vitória, e outra no Chipre, em 449 A.C., quando a ilha foi capturada pelos Persas.

N.B.

Carros não foram utilizados em qualquer desses combates.

Guerras internas, ou seja, as guerras do Peloponeso, 460-445 A.C., e 431-421 A.C. respectivamente.

Estas guerras foram travadas entre os diferentes estados Gregos, e seus principais combates foram marítimos.

Em 432 A.C. Atenas bloqueou Potidaea e Megara foi excluída dos mercados Gregos. Em 431 A.C. Tebas atacou Platéia, e enquanto um exército do Peloponeso ocupou Attica, uma frota Ateniense invadiu Peloponeso.

Péricles conduziu a evacuação de Attica, os oligarcas em Corcyra foram massacrados, e depois da tomada de Amphipolis; Nicias pediu por paz 422 A.C.

N.B.

É evidente que a cultura e a tradição Grega não supriu Platão com a idéia do cocheiro e cavalos alados, em nenhum lugar em sua breve história militar, (ou seja, até o tempo de Platão) encontramos o uso de uma máquina de guerra pelos Gregos como uma carruagem. A única nação vizinha que se especializou na fabricação de carros e criação de cavalos foram os Egípcios, como já mencionado.

E desde que o Drama do Julgamento no Livro Egípcio dos Mortos retrata a alegoria do cocheiro e cavalos alados, o crédito para a sua autoria não pode ser dado a Platão, mas para os Egípcios.

(Sandford: Mediterranean World, c. 12, p. 197; 202; 203; 205; c. 13, p. 220–221).

(Genesis, c. 45, 27; c. 47, 17; Deut. c. 17, 16).

(I Kings, c. 10, 28).

(Homer Il. i, 381; Diodorus; Roger's Hist. of Phil., p. 8384).

(John Kendrick: Ancient Egypt, Vol. I, p. 166).

(The Egyptian Book of the Dead).

Aristóteles: (i) (a) Início da vida e Formação e (b) Sua Própria Lista de Livros (c) Outras listas de Livros (ii) Doutrinas

(iii) Resumo das conclusões: A. Suas doutrinas B. (i) a Biblioteca de Alexandria B. (ii) Fonte verdadeira de seu Incomum Número de Livros C. As discrepâncias e dúvidas na sua vida.

(i) (a) Nascimento e primeiros anos de vida e formação.

De acordo com os livros sobre a história da filosofia Grega, Aristóteles nasceu em 384 A.C. em Stagira, uma cidade na Trácia. Seu pai, Neomachus se diz ter sido um médico de Amintas, Rei da Macedônia. Nada é mencionado nos livros sobre a sua formação inicial, apenas que ele se tornou um órfão e com a idade de 19 ele foi para Atenas, onde passou 20 anos como aluno de Platão.

Nós também somos informados de que, após a morte de Platão, seu sobrinho, tornou-se o mestre de sua escola, e que Aristóteles partiu imediatamente para Mísia, onde ele conheceu e se casou com a sobrinha de Hermeias.

Da mesma forma, após a morte de Amintas da Macedônia, seu filho Phillip tendo-se tornado rei, apontou Aristóteles como tutor de seu filho Alexandre um menino de 13 anos (que viria a ser chamado o Grande, em consequência de sua conquista do Egito).

Após o assassinato de Phillip em 336 A.C. Alexandre se tornou rei, e somos informados de que ele imediatamente planejou uma campanha asiática e incluiu o Egito, durante o qual tempo,

Aristóteles, diz-se, que retornou a Atenas e fundou uma escola em um ginásio chamada o Liceu. Nós somos ainda informados de que Aristóteles conduziu esta escola por apenas 12 anos, que Alexandre o Grande adiantou para ele os fundos para comprar um grande número de livros, que seus alunos foram chamados Peripatéticos, e que, devido a uma acusação de impiedade, instaurada contra ele por um sacerdote chamado Eurymedon, ele fugiu de Atenas para Cálcis na Eubéia, onde permaneceu em exílio até sua morte, em 322 A.C.

(Roger's Student's History of Phil. p. 104).

(Zeller's History of Philosophy, p. 171–172).

(Fuller's History of Philosophy, Aristotle's Life).

(B. D. Alexander's Hist. of Phil. p. 91–92).

(Diogenes Laertius Bk. V. p. 449).

(b) Sua própria lista de livros.

Aristóteles é creditado com a classificação de seus próprios escritos como segue: –

(i) O Teorético, cujo objeto é a verdade, e que incluiu

(a) Matemática (b) Física e (c) Teologia.

(ii) O Prático, cujo objeto é a utilidade, e que incluiu

(a) Ética (b) Economia e (c) Política.

(iii) O Produtivo ou poético cujo objeto é o belo, e que incluiu (a) Poesia (b) Arte e (c) Retórica.

N.B.

Nem Lógica nem Metafísica estava nesta lista. (História da Filosofia, B. D. Alexander, p. 92).
[History of Philosophy, B. D. Alexander, p. 92].

(c) Outras listas de livros.

Existem duas listas de livros que chegaram até aos tempos modernos a partir de fontes Alexandrinas e árabes.

(i) A lista mais antiga, derivada do Alexandrino Hermippus

(200 A.C.), quem estimou os livros de Aristóteles em 400, os quais, de acordo com a sugestão de Zeller, deve ter sido na Biblioteca Alexandrina, no momento da compilação da lista, uma vez que as obras que são agora consideradas de Aristóteles não são encontradas na lista.

(ii) A posterior, derivada de fontes árabes, foi compilada por Ptolemy, do primeiro ou segundo século D.C. Esta lista menciona a maioria das obras da coleção moderna, e tem um total de mil livros.

(Zeller's History of Philosophy, p. 172–173; B. D. Alexander's History of Philosophy, p. 92–93).

(ii) DOUTRINAS DE ARISTÓTELES

Metafísica: ou os Princípios do Ser, no reino Metafísico.¹ Aristóteles define a metafísica como a ciência do Ser enquanto Ser. [Being as Being].

Ele nomeia os atributos do Ser como

(a) realidade (entelecheia), isto é, perfeição e

(b) potencialidade, ou seja, a capacidade de perfeição. (dynamis).

Ele afirma que todos os seres criados são compostos de ato e potência. [actuality and potentiality].

Estes dois princípios estão presentes e estão misturados em todos os seres criados, exceto um, cujo ser é a realidade, e incluem a composição de (a) matéria e forma (b) substância e acidente (c) alma e suas faculdades (d) intelecto ativo e passivo.

Princípios do Ser no reino físico.

Existem quatro princípios do ser no mundo físico que são chamados Causas: –

(1) Matéria (hyle) a causa material, é a potencialidade ou a capacidade de existência (prole hyle). É aquela de que o ser é feito.

(2) Forma ou Essência (morphe), ou seja, a causa formal é o que dá realidade à existência. É aquela para que uma coisa é feita. Quando a matéria está unida com a forma o resultado é organizado ou realizado ser que veio a existência nos processos da natureza (synolon, ousia prote).

(3) Causa final, é aquela para a qual tudo existe. Tudo tem um propósito e esse propósito é a causa final. A causa final sempre implica inteligência: mas isso nem sempre é verdade no caso da causa eficiente.

Conseqüentemente, no reino da natureza, cada ser vivo ou organismo é o efeito complexo de quatro causas: –

(1) A substância de que é feito (ou seja, causa material).

(2) O tipo ou idéia, segundo o qual o embrião tende a desenvolver (ou seja, causa formal).

(3) O ato de criação ou geração (ou seja, causa eficiente).

(4) O Propósito ou fim para o qual o organismo é criado (isto é, causa final). Em outras palavras, matéria, tipo, criação e finalidade são os quatro princípios que estão na base de todas as coisas existentes.

(B. D. Alexander's History of Philosophy, p. 97–100; Aristotle, Meta. I, 3; Wm. Turner's History

of Philosophy, p. 136140. Alfred Weber's Hist. of Phil., p. 80–84).

III. Doutrinas sobre a existência de Deus.

(1) Embora o movimento seja eterno, não pode haver uma série indefinida de motores e o movido, portanto, deve ser Um, o primeiro da série o qual é impassível (proton kinoun akineton), ou seja, o Motor Imóvel. [The Unmoved Mover]

(2) O real é antecedente ao potencial pois embora último na aparência, é realmente o primeiro na natureza. Portanto, antes de toda matéria e da composição do real e potencial, pura realidade ou puro ato [pure actuality] deve ter existido. Portanto realidade é a causa de todas as coisas que existem e uma vez que é pura realidade, sua vida é essencialmente livre de todas as condições materiais. É o pensamento do pensamento, o espírito absoluto, que habita em paz eterna e auto-satisfação, quem conhece a si mesmo e a verdade absoluta, e não precisa nem da ação nem da virtude.

(3) Deus é um só, pois a matéria é o princípio da pluralidade, e a Primeira Inteligência é livre de condições materiais. Sua vida é pensamento contemplativo: nem providência, nem vontade são comparáveis com o repouso eterno em que Ele habita. Deus não está preocupado com o mundo.

A doutrina da origem do mundo.O mundo é eterno, porque matéria, movimento e tempo são eternos.

A doutrina sobre a Natureza.A natureza é tudo o que tem o princípio de movimento e repouso. É espontânea e auto determinada por dentro. A natureza não faz nada em vão, mas de acordo com a lei definitiva. Ele está sempre se esforçando para o melhor de acordo com um plano de desenvolvimento, que é obstruído apenas pela matéria. O esforço da natureza é através do menos perfeito para o mais perfeito.

A doutrina sobre o Universo.O mundo é em forma de globo, circular e mais perfeita forma. O céu, que é composto de éter, está em contato imediato com a Causa Primeira. As estrelas, que são eternas vêm em seguida, na ordem, a bola-Terra está no meio, e é o mais distante do primeiro motor, e menor participante da divindade.(Eth. Wic 10, 8; 1178b, 20) (Op. cit. 10: 8, 9; 1179).

(Wm. Turner's History of Philosophy, p. 141–143; B D. Alexander, History of Phil. p. 102–103;

Zeller's History of Philosophy, p. 221; Roger's History of Philosophy, p. 109).

(Aristotle's Physics II, I, 192b 14) (De Caelo, I, 4, 271a, 33).

(De Part. An. IV, 2, 677a 15)

(Aristotle's Physics II, 8, 199).

(B. D. Alexander's Hist. of Phil. p. 104).

(De Generatione Animalium, IV, 4, 770b, 9).

VII. A doutrina da alma.

A alma não é meramente uma harmonia do corpo ou a mistura dos opostos. Não é nem os quatro elementos nem seus compostos, pois transcende todas as condições materiais.

A alma e o corpo não são duas coisas distintas, mas uma só em dois aspectos diferentes, ou seja, apenas como a forma está relacionada à matéria.

A alma é o poder que um corpo vivo possui, e é o fim para o qual existe o corpo, ou seja, a causa final da sua existência.

Enquanto a alma que é o princípio radical da vida, é uma só, mas tem várias faculdades. Essas faculdades são:-

(1) Sensível (2) Racional (3) Nutritiva (4) Apetitiva

(5) Locomotiva.

Destes, o sensível e o racional são os mais importantes: Sensação sendo a faculdade por meio da qual as formas de coisas sensíveis [sen'sible] são recebidas, assim como impressão é feita como por um selo; e conhecimento inteligente sendo a faculdade por meio da qual conhecimento intelectual é adquirido.

Ela é a sede das idéias apenas, não as cria, uma vez que o conhecimento vem pelos sentidos.

(B. D. Alexander's History of Philosophy, p. 105–106).

(Wm. Turner's History of Philosophy, p. 147–153).

(Zeller's History of Philosophy, p 201–204).

(iii) RESUMO DAS CONCLUSÕES.

Suas doutrinas.

A doutrina do Ser (To on).

Ao declarar os atributos do ser como (a) a realidade ou o princípio determinante, e (b) potencialidade ou o princípio indeterminado: Aristóteles tentou explicar a realidade em termos do princípio de opostos.

Mas esse princípio foi utilizado não só pelos Pitagóricos, por Parmênides e Demócrito de forma semelhante, mas também por Sócrates em sua tentativa de provar a imortalidade da alma, e por Platão que viu a realidade como o conceito de coisas como distinta das coisas em si: como o Númeno [noumena] como distinto de fenômeno [phenomena], e como o real, distinto do irreal.

Mas o princípio de opostos originou-se do Sistema de mistério Egípcio, cujos deuses eram do sexo masculino e feminino, e cujos templos levavam na frente dois pilares como símbolos do princípio dos opostos. É óbvio que Aristóteles não foi o autor dessa doutrina, mas os Egípcios.

(Aristotle's Metaphysics I, 5, 985b, 24; Aristotle's Metaphysics I, 5, 98b, 31).

(Aristotle's Metaphysics I, 6, 987b, 9; Wm. Turner's Hist. of Phil., p. 41; 47; 48).

(Plato's Phaedo, c. 15; c. 16 and c. 49; Parmenides 132D). (Memphite Theology, King-ship and

the Gods, by Frankfort, c. 3, p. 25, 26, 35).

(Egyptian Religion by Frankfort, p. 64, 73, 88).

A existência de Deus.

(a) O conceito teleológico não só foi abraçado por Sócrates, Platão e Aristóteles, mas também pelos povos da mais remota antiguidade. Nos contos encontrados no primeiro capítulo de Gênesis e na Teologia Menfita, encontrados nos capítulos 20 e 23 de Antiga religião Egípcia [Ancient Egyptian Religion] de Frankfort, a criação procede do caos para a ordem, por passos graduais e definitivos, mostrando projeto e propósito na natureza, e sugerindo que deve ser o trabalho de uma Inteligência divina. As datas dessas fontes nos levam longe na antiguidade, muitos séculos antes da época de Aristóteles, entre 2000 e 5000 A.C.

Também nos é dito que, além de o conceito teleológico, Aristóteles introduziu o conceito do "Motor Imóvel" [Unmoved Mover], a fim de provar a existência de Deus. Mas o "Motor Imóvel" não é outro senão o Atum da Teologia Menfita dos Egípcios, o Demiurgo, por cujo comando (logos) quatro pares de deuses foram criados a partir de diferentes partes de seu corpo e que conseqüentemente se moveram para fora dele. Este ato de criação ocorreu enquanto Atum permaneceu impassível; como ele abraçou Ptah. Assim, a família de Nove Deuses foi criada, e foi nomeada a Enéade [Ennead].

É bastante claro que o conceito de "Motor Imóvel" [Unmoved Mover] é derivado da Teológica Egípcia ou Sistema de Mistério, e não a partir de Aristóteles, como o mundo moderno tem sido levado a acreditar.

N.B.

Incidentalmente, mas não menos importante, pode ser mencionado aqui que nesta história dos Deuses criados por Atum o Deus Sol em uma família de nove, ou seja, a Enéade, temos a fonte original de duas importantes hipóteses científicas dos tempos modernos: –

(1) Há nove planetas principais e

(2) O Sol é o pai dos outros planetas (esta última sendo apoiada pela Hipótese Nebular).
Lembremo-nos também que

(a) o culto dos planetas começou no Egito e

(b) os templos Egípcios foram os primeiros observatórios da história.

(c) Na tentativa de provar a existência de Deus ou a Primeira Causa por referência à realidade e potência, Aristóteles simplesmente seguiu o costume tradicional dos Antigos, que usavam o princípio dos opostos, a fim de explicar as funções da natureza.

(d) Platão o usou, através da teoria das Idéias, para explicar o real e o irreal nos fenômenos da natureza.

(e) Sócrates usou-o, a fim de estabelecer a realidade da imortalidade, mostrando que a morte de uma forma de vida das coisas existentes, é apenas o começo de uma outra forma de vida destas coisas. Em outras palavras a vida é perpétua, ela só muda sua forma em seu curso de progresso.

Demócrito aplicou o princípio dos contrários em sua interpretação de uma fase particular da realidade. Não podemos, portanto, considerar o uso de Aristóteles dos termos atualidade e potencialidade no problema da existência de Deus como um novo método de interpretação.

Além disso, a análise de Aristóteles sobre as doutrinas de todos os filósofos anteriores, incluindo Platão, juntamente com a sua exposição de seus erros e inconsistências, mostra que ele tinha se tornado confiante não só do fato de que ele estava de posse de um novo e correto conhecimento que antes não tinha sido disponibilizado para os Gregos, mas também que ele poderia, então, falar com grande autoridade. Aqui eu devo dizer que estou convencido de que Aristóteles representa uma lacuna de cultura de 5.000 anos ou mais entre a sua inovação e o

nível Grego de civilização; porque é impossível escapar à convicção de que ele obteve sua educação e livros de uma nação fora da Grécia, os Egípcios que estavam muito à frente da cultura dos Gregos de sua época.

(Memphite Theology in Kingship & The Gods by Frankfort c. 3. p. 25, 26, 35).

(Herodotus I, 6–26) (Egyptian Religion by Frankfort p. 64, 73, 88).

(Plato's Phaedo c. 15, 16, 49) (Zeller's History of Philosophy p. 61).

(Aristotle's Eth., Nic. 10, 8; 1178b, 20) (Op. cit. 10: 8, 9; 1179).

(Zeller's History of Philosophy p. 221) (Roger's History of Philosophy p. 109). (William Turner's History of Philosophy p. 141–143). (B. D. Alexander's History of Philosophy, p. 102, 103). (B D. Alexander's History of Philosophy p. 92, 93; Roger's Student History of Philosophy p. 104). (William Turner's History of Philosophy p. 126–127, 135). (Zeller's History of Philosophy p. 171–173) (Plutarch's Alexander)

(Aristotle's Metaphysics)

(William Turner's History of Philosophy, p. 128 footnote also Noct. Mt. 20: 5).

(Strabo).

A doutrina da origem do mundo.

De acordo com a doutrina que tem sido atribuída a Aristóteles: “porque matéria, movimento e tempo são eternos, portanto, o mundo é também eterno”, ele claramente aceita e repete uma doutrina que também tem sido atribuída a Demócrito (400 A.C.), cuja máxima, todos nós estamos bastante familiarizados com: ex nihilo nihil fit (nada vem do nada) e, conseqüentemente, a matéria ou o mundo deve sempre ter existido.

Mas a antiguidade da doutrina da natureza eterna da matéria, remete-nos para a história da criação da Teologia Menfita dos Egípcios, na qual o Caos é representado pelo Oceano Primevo Nun, do qual surgiu a Colina Primordial Ta-tjenen. Nestas circunstâncias, não podemos dar crédito a Aristóteles pela autoria desta doutrina.

Além da falsa autoria que tem sido atribuída a Aristóteles, ele se contradiz em sua física VIII 1. 25; quando ele fala também do mundo como causado. Uma coisa não pode ser eterna e infinita, e, ao mesmo tempo finita.

(Memphite Theology in Egyptian Religion by Frankfort p. 20).

(Intellectual Adventure of Man by Frankfort p. 10, 21, 52).

A doutrina dos atributos da natureza.

Aristóteles define natureza como aquilo que possui o princípio do movimento e descanso e também acrescenta que o movimento é um esforço para mover-se do menos perfeito ao mais perfeito por uma lei definitiva: supostamente o que nós chamaríamos hoje de evolução.

Ao examinarmos esta definição, vemos que Aristóteles apenas aplicou o princípio dos opostos para explicar um dos modos pelo qual a natureza revelou-se assim como ele fez em sua tentativa de explicar o Ser nos termos duplos de atualidade e potencialidade.

Mas a mudança e movimento, permanência e descanso, não eram absolutamente novos problemas na época de Aristóteles; uma vez que eles parecem ter sido investigados não só por Parmênides, Zeno e Melissus, mas também por Demócrito, que destacou a noção de permanência em seu famoso dictum: ex nihillo nihil fit (do nada, nada vem) implicando, assim, que a natureza é permanente e eterna.

Da mesma forma, a sua referência ao movimento da natureza do menos perfeito ao mais perfeito, não era de modo algum uma nova descoberta de um princípio da natureza.

O relato da criação encontrado no primeiro capítulo do Gênesis fala do desenvolvimento gradual da vida, em que o Demiurgo ou Logos estava envolvido no trabalho durante seis

etapas e descansou na sétima. Da mesma forma, o relato da criação dos Egípcios encontrado na Teologia Menfita, também fala do movimento da natureza do Caos à ordem.

Estes relatos antecederam, por muitos milhares de anos, o tempo de Aristóteles pois o primeiro é de cerca de 2000 A.C. enquanto o último cerca de 4000 A.C., e desde que o princípio dos opostos já foi demonstrado ter sido originado dos Egípcios, assim como aquele do desenvolvimento gradual da vida, é evidente que esta doutrina sobre os atributos da natureza não se originou a partir de Aristóteles.

(Zeller's History of Philosophy, p. 60–65;) (William Turner's History of Philosophy p. 44–52).

(Genesis c. 1).

(Roger's History of Philosophy p. 28–32).

(Intellectual Adventure of Man by Frankfort, p. 21, 51–60).

(Ancient Egyptian Religion by Frankfort, p. 20, 23).

A Alma. De acordo com Aristóteles a alma possui os seguintes atributos (1) Identidade com o corpo, como a forma com a matéria (2) A potência que um corpo vivo possui, isto é, o princípio radical de vida, manifestando-se nos seguintes atributos: – (a) sensível (b) racional (c) nutritivo (d) apetitivo (e) locomotivo. Esta descrição da alma por Aristóteles, parece variar um pouco das idéias mais familiares e correntes detidas pelos Atomistas, por um lado, e Sócrates, Platão e os Pitagóricos, por outro; pois enquanto os primeiros acreditavam que a alma é material e é composta de átomos de fogo; os últimos consideravam-na como uma harmonia do corpo e uma mistura de opostos. (William Turner's History of Philosophy, p. 42, 67–68).

(Plato Phaedo, c. 15) (Zeller's History of Philosophy, p. 61).

(De Respiratione, 4, 30, 47a).

Naturalmente somos agora obrigados a fazer a pergunta: Será que esta doutrina da alma originou de Aristóteles? É claro que ele não a obteve de seu mestre Platão, nem dos Pitagóricos e Atomistas; mas de alguma outra fonte fora da Grécia.

Quando voltamos nossa atenção para a história antiga, nós felizmente descobrimos que existem duas dessas fontes fora da Grécia (1) A história da criação no primeiro capítulo de Gênesis e (2) O Livro Egípcio dos Mortos, que não só contém atributos da alma, idênticos aos mencionados por Aristóteles, mas muito mais em um elaborado sistema de filosofia em que a natureza humana é explicada como uma unidade de nove partes inseparáveis que consistem de diferentes corpos e almas interdependentes uns sobre os outros, o corpo físico sendo um deles.

(O Livro Egípcio dos Mortos por Sir E.A. Budge. Introdução, p. 29-64). [The Egyptian Book of the Dead by Sir E. A. Budge. Introduction, p. 29–64]

Na história do Gênesis, afirma-se que Deus fez o homem para fora da matéria (isto é, do pó da terra), e soprou em suas narinas, o fôlego da vida, e “o homem passou a ser alma vivente”. Aqui nós temos uma clara afirmação da identidade de “corpo e alma”, tirados de um documento (Gênesis), que antecede Aristóteles por muitos séculos.

No Livro Egípcio dos Mortos, nós também encontramos que a alma humana é composta pelas seguintes nove partes inseparáveis: –

(1) O Ka, que é uma personalidade abstrata do homem a quem pertence possuindo a forma e os atributos de um homem com poder de locomoção, onipresença e capacidade de receber nutrição como um homem. Ele é equivalente a (Eidolon), isto é, imagem.

(2) O khat, ou seja, a personalidade concreta, o corpo físico, que é mortal.

(3) O Ba, ou seja, a alma-corção, que habita no Ka e, por vezes, ao lado dele, a fim de fornecê-lo com ar e alimento. Ele tem o poder de metamorfose e muda sua forma à vontade.

(4) O Ab, ou seja, o coração, a vida animal no homem, e é racional, espiritual e ético. Ele está associado com o Ba (corção-alma) e no Drama do Julgamento Egípcio sofre exame na presença de Osíris, o grande Juiz do Mundo Invisível.

(5) O Kaibit, ou seja, sombra. Ele está associado com o Ba (coração-alma) de quem, como o Ka, ele recebe sua nutrição. Ele tem o poder de locomoção e onipresença.

(6) O Khu, ou seja, alma espiritual, que é imortal. Ele também está intimamente associado com o Ba (coração-alma), e é um Ser Etéreo.

(7) O Sahu, ou seja, corpo espiritual, em que o Khu ou alma espiritual habita. Nele todos os atributos mentais e espirituais do corpo natural estão unidos aos novos poderes de sua própria natureza.

(8) O Sekhem, ou seja, poder ou a personificação espiritual da força vital em um homem. Sua morada está nos céus com espíritos ou Khus.

(9) O Ren, ou seja, o nome ou o atributo essencial para a preservação de um Ser. Os Egípcios acreditavam que na ausência de um nome, um indivíduo deixou de existir.

N.B.

Deve-se notar que, de acordo com o conceito Egípcio

(1) A alma tem nove partes, cuja unidade é tão completa, que até o Ren, ou seja, o nome, é um atributo essencial, pois sem ele, não pode existir.

(2) O Ba (ou coração- alma), está conectado com o Ka, Kaibit e Ab (personalidade abstrata ou Sombra e a vida animal), por um lado, e também com Khu e Sekhem (alma espiritual e personificação espiritual da força vital), por outro lado, como o poder de nutrição.

(3) A Sahu é um corpo espiritual, que é usado por ambos Khu e Sekhem.

(4) O khat, ou seja, o corpo físico, é essencial para a alma enquanto se manifestando no plano físico.

(5) A alma tem os seguintes atributos adicionais: –

(a) onipresença

(b) metamorfose

(c) locomoção

(d) nutritivo

(e) mortalidade (no caso de um khat)

(f) imortalidade

(g) racionalidade

(h) espiritualidade

(i) moralidade

(j) etéreo

(k) sombria

(6) É claro, portanto, de tal comparação como esta, que a doutrina Aristotélica da alma é idêntica e coincide com apenas uma parcela muito pequena da filosofia Egípcia da alma, a qual, portanto, está em relação a ela como um todo para a sua parte. Conseqüentemente, devemos concluir que Aristóteles obteve sua doutrina da alma do Livro Egípcio dos Mortos, direta ou indiretamente.

B (i) A Biblioteca de Alexandria foi a verdadeira fonte do grande número de livros de Aristóteles:

É de se esperar que a biblioteca de Alexandria fosse imediatamente saqueada e pilhada por Alexandre e seu partido, sem dúvida composto de Aristóteles e outros, que não apenas levaram consigo grandes quantidades de livros científicos, mas também freqüentemente voltaram a Alexandria com a finalidade de investigação. Assim como estes livros foram capturados no Egito pelo exército de Alexandre e caíram nas mãos de Aristóteles, por isso após a morte de Aristóteles, esses mesmos livros estavam destinados a ser capturados por um Exército Romano e levados a Roma de acordo com a seguinte história tirada das histórias de Estrabão e Plutarco: –

Os livros de Aristóteles caíram nas mãos de Teofrasto que o sucedeu como chefe de sua escola. Com a morte de Teofrasto, eles foram legados a Neleus de Scepsis. Após a morte de Neleus, os livros estavam escondidos em um porão, onde permaneceram por quase dois séculos.

Quando Atenas foi capturada pelos romanos em 84 A.C., os livros foram capturados por Sulla e levados a Roma, onde Tyrannio, um gramático garantiu cópias e permitiu a Andronicus de Rhodes publicá-los.

(Strabo; Plutarch; Wm. Turner's Hist. of Phil., p. 128 footnote).

(Noct., Mt, 20; 5)

O caráter fragmentário dos escritos de Aristóteles e sua falta de unidade revelam o fato de que, ele próprio, fez anotações às pressas de livros ao fazer sua pesquisa na grande biblioteca Egípcia. O antigo método de ensino era oral; não por palestra e tomando nota.

Aqui eu devo repetir que estou convencido de que Aristóteles representa uma lacuna de cultura de 5.000 anos entre a sua inovação e o nível Grego de civilização; porque é impossível escapar à convicção de que ele obteve sua educação e livros de uma nação fora da Grécia, que estava muito à frente da cultura dos Gregos de seu tempo, e que foram os Egípcios.

(B. D. Alexander's History of Philosophy, p. 92 and 93).

(Roger's Student History of Philosophy, p. 104).

(Alfred Weber's History of Philosophy, p. 77 and 78).

(Wm. Turner's History of Philosophy, p. 126, 127, 135).

(Zeller's History of Philosophy, p. 171–173).

(Plutarch's Alexander, c. 8).

(Aristotle's Metaphysics) (Wm. Turner's History of Phil., p. 128 footnote also Noct., Mt., 20; 5).

(Strabo).

Os chamados livros de Aristóteles lidam com conhecimento científico, que não estava em circulação entre os Gregos, e, conseqüentemente, era impossível, como já foi dito, para ele ter comprado-os de outros então chamados filósofos Gregos.

É com a finalidade de dissimular a verdadeira origem de seus livros e da sua educação, que a história conta as muito estranhas histórias sobre Aristóteles (a) que passou 20 anos, como um aluno de Platão, que sabemos era incompetente para ensiná-lo; e (b) que Alexandre, o Grande, também lhe deu dinheiro para comprar o grande número de livros aos quais o seu nome foi anexado; mas ao mesmo tempo, não nos dizer quando, onde e de quem Aristóteles comprou os livros.

Além disso, como já foi salientado, a revisão de Aristóteles sobre as doutrinas de todos os filósofos anteriores, incluindo Platão, juntamente com a sua exposição de seus erros e inconsistências, mostra que ele tinha se tornado confiante não só do fato de que ele estava de posse de conhecimento correto, um que antes não tinha sido disponibilizado para os Gregos; mas também que ele poderia, então, falar com grande autoridade.

B (ii) A falta de uniformidade entre as listas de livros aponta para autoria duvidosa.

1. Há pelo menos três listas de livros. Uma lista é dito ser a própria classificação de Aristóteles de seus escritos, e, naturalmente, deve ser datada no período de sua própria vida 384-322 A.C. Nesta lista Aristóteles disse ao mundo que ele escreveu textos sobre (a) Matemática, Física e Teologia, (b) Ética, Economia e Política e (c) Poesia, Arte e Retórica.

Agora, a fim de escrever esses textos é preciso ter recebido sua educação e formação nas disciplinas sobre as quais estão escritos. Somos informados na história da filosofia Grega, que Sócrates ensinou Platão e que Platão ensinou Aristóteles. Mas não há nenhuma evidência de que Sócrates já ensinava matemática ou economia ou política.

Conseqüentemente, foi impossível para ele ensinar Platão estes assuntos, e também impossível para Platão ensinar para Aristóteles estes temas, no âmbito do Sistema de Mistério Egípcio que era graduado, e o qual exigia a prova de eficiência antes da promoção.

Nós somos portanto, incapazes de aceitar a alegação de Aristóteles ter sido o autor desses livros.

2. Duas listas são derivadas de fontes diferentes e as duas juntas diferem largamente em

(a) número (b) assunto e (c) data.

A lista de Hermippus o Alexandrino (200 A.C.) contém 400 livros.

A lista compilada por Ptolemus, entre o primeiro e segundo séculos D.C. contém 1.000 livros. O próprio fato de que não há uniformidade nas listas aponta para uma autoria duvidosa. Além disso, se Aristóteles em 200 A.C. possuía apenas 400 livros, por que milagre eles aumentaram para 1000, no Segundo século D.C.? Ou foi falsificação?

C. As discrepâncias e dúvidas em sua vida.

(i) Ele desperdiça 20 anos como um aluno de Platão: –

É dito que ele foi para Platão com a idade de 19 anos e passou 20 anos com ele como aluno. Mas isso é duvidoso e irracional. Duvidoso, pois Platão é considerado como um filósofo, enquanto Aristóteles como um cientista, o qual foi creditado com todo o conhecimento científico do mundo antigo, e é impossível para um mestre ensinar para um aluno aquilo que ele mesmo não sabe.

É também irracional esperar que um homem que foi creditado com o conhecimento de Aristóteles, desperdiçar 20 dos melhores anos de sua vida, sob um mestre que era incompetente para ensiná-lo.

(BD Alexander, Hist de Phil, p 92;... De Roger Student História da Filosofia, p 104)..

(ii) A verdade de como ele conseguiu um grande número de livros é deturpada: –

Ele, é dito, ter recebido ajuda financeira de Alexandre, o Grande, e foi capaz de comprar um grande número de livros, a fim de avançar seus estudos.

(Zeller's Hist. of Phil., p. 171; Wm. Turner's History of Phil. p. 127).

Mas isso soa mais como uma fábula do que a verdade, pois até a época de Aristóteles, a educação Grega foi representada pelos Sofistas que ensinavam Retórica e dialética; enquanto o estudo da ciência elementar foi confinado a alguns filósofos desconhecidos. Este era o padrão de educação Grega, pois os Sofistas eram os únicos professores autorizados.

No entanto, Aristóteles é creditado com a produção de mil livros diferentes que lidam com todos os ramos do conhecimento científico da antiguidade. Certamente ele não poderia os ter obtido dos Gregos, pois esse vasto corpo de conhecimento, que leva o seu nome e que foi apresentado como novo, poderia realmente ter sido a posse comum tradicional de todos os

que eram membros das escolas Gregas de filosofia, pois eles poderiam ter sido as únicas pessoas dentro da Grécia autorizadas a possuir tais livros; pois o conhecimento era protegido como segredo.

Sob estas circunstâncias, é evidente que o vasto corpo de conhecimento científico atribuído a Aristóteles, não estava nem na posse dos Gregos de seu tempo, nem havia qualquer um na Grécia competente para lhe ensinar Ciência e, muito menos, em tão grande escala.

(iii) Ele obteve os livros por saquear a Biblioteca de Alexandria: –

A questão deve agora ser feita: Como é que Aristóteles, um único indivíduo, veio a possuir um tal grande número de trabalhos científicos, um corpo de conhecimento o qual o Mundo Antigo levou cinco mil anos ou mais para acumular? É evidente que a fama de Aristóteles como um estudioso foi grosseiramente exagerada: pois tal realização teria sido uma impossibilidade física e mental. Durante todo o avanço intelectual do homem, o mundo tem testemunhado a muitos gênios; mas aqueles sempre foram especialistas em áreas específicas, e não especialistas em todos os ramos da ciência.

E o mundo moderno não é exceção, pois os nossos grandes homens de ciência não são especialistas em todos os ramos da ciência, mas apenas em um em particular. Esta parece ser a maneira da natureza.

Por uma questão de fato, as muitas discrepâncias e dúvidas na vida e atividades de Aristóteles nos levam à única solução razoável para o problema que, em vez dos contos (a) que Alexandre, o Grande deu-lhe dinheiro para comprar livros (b) que ele passou 20 anos de sua vida como um aluno de Platão e (c) que ele deixou o Palácio de Alexandre por Atenas, quando Alexandre começou a sua invasão do Egito, ele, ao contrário, deve ter passado uma grande parte desses 20 anos sob a tutela dos sacerdotes Egípcios, e também deve ter acompanhado Alexandre na invasão Egípcia, o que lhe deu a oportunidade, não apenas para levar da Biblioteca de Alexandria, o grande número de livros que agora são referidos como sendo dele, mas também para copiar notas a partir de um grande número de volumes. Na verdade, a erudição moderna tem mostrado que os escritos de Aristóteles suportam todas as marcas de notas rapidamente copiadas, o que, naturalmente, sugere que o próprio Aristóteles copiou estas notas a partir dos livros da Biblioteca de Alexandria. O relato histórico da vida de Aristóteles é inacreditável.

(iv) Era o costume dos exércitos antigos capturar livros como butim de guerra valioso: –

Quando um exército vitorioso toma posse de um país, é habitual para as companhias especiais buscar e apreender butim de guerra, ou seja, servir-se de tudo o que é considerado valioso. Os Gregos, entre todas as nações vizinhas, eram os mais ansiosos para obter os segredos valiosos dos Egípcios, nas Ciências Antigas, e parece que a maior oportunidade veio até eles para realizar o desejo, quando Alexandre o Grande invadiu o Egito. Como afirmado em outra parte, os antigos exércitos invasores saquearam bibliotecas, por causa do grande valor atribuído aos livros; e templos também foram saqueados, não só pelos livros, mas também pelo ouro e prata, a partir dos quais os deuses e vasos cerimoniais eram feitos.

.

...

Legado Roubado – George G. M. James

Pg. 92 – 96

Capítulo VII –

O Currículo do Sistema de Mistério Egípcio

De Diodoro, Heródoto e Clemente de Alexandria, aprendemos que havia seis Ordens de Sacerdotes Egípcios, e que cada Ordem tinha de dominar um determinado número dos livros de Hermes. Clemente descreveu uma procissão dos Sacerdotes, chamando-os pela sua Ordem, e indicando as suas qualificações, como segue:

Primeiro vem o Cantor Odus, tendo um instrumento de música. Ele tem que saber de cor dois dos livros de Hermes; um contendo os hinos dos Deuses, e o outro, a atribuição da vida do rei.

Em seguida vem o Horoscopus, levando na mão um Horologium ou relógio de sol, e um ramo de palmeira; os símbolos da Astronomia. Ele tem que saber quatro dos livros de Hermes, que tratam de Astronomia.

Em seguida vem o Hierogrammat, com penas na cabeça, e um livro na mão, e uma caixa retangular com materiais de escrita, ou seja, a tinta da escrita e a palheta. Ele tem de saber os hieróglifos, cosmografia, geografia, astronomia, a topografia do Egito, os utensílios e medidas sagrados, o mobiliário do templo e as terras.

Em seguida, vem os Stolistas [Stolistes], levando o côvado da justiça, e os vasos de libação. Ele tem que saber os livros de Hermes que lidam com o abate de animais.

Em seguida, vem os Profetas [Prophetes] transportando o vaso de água, seguido por aqueles que carregam os pães.

O Profeta [Prophetes] é o presidente do templo e tem que conhecer os dez livros que são chamados hieráticos, e contêm as leis e doutrinas relativas aos Deuses (teologia secreta) e toda a educação dos Sacerdotes. Os livros de Hermes são 42 em número e são absolutamente necessários. 36 deles têm de ser conhecidos pelas Ordens que precedem, e contêm toda a filosofia dos egípcios.

Os restantes seis livros devem ser conhecidos pela Ordem dos Pastophori. Estes são livros de médicos e lidam com fisiologia, doenças do sexo masculino e feminino, anatomia, medicamentos e instrumentos.

Os livros de Hermes eram bem conhecidos no mundo antigo e foram conhecidos por Clemente de Alexandria, que viveu no início do terceiro século d.C.

Além da educação contida nos 42 livros de Hermes, os Sacerdotes adquiriram conhecimentos consideráveis a partir da seleção e análise de vítimas sacrificiais, e a estrita pureza corporal que seu ofício sacerdotal impunha.

Além da Hierogrammat e Horoscopus, que eram hábeis em teologia e hieróglifos, um Sacerdote era também um juiz e um intérprete da lei. Isso levava a um tribunal seletivo, que fez do Sacerdote Egípcio o guardião de todos os tipos de literatura. Também nos é dito que a Ciência da Estatística foi cultivada com a maior perfeição entre os Sacerdotes Egípcios.

...

(Diodoro I, 80; Clemente de Alexandria; Stromata 6, 4, p. 756; Antigo Egito, Livro I de John Kendrick, p. 378-379; Livro II, 85-87; Eliano, Var. Hist. 14, 34; Clemente de Alexandria; Stromata 6, 4, p. 758; Antigo Egito, Livro I de John Kendrick, p. 31-33).

[Diodorus I, 80; Clement of Alexandria; Stromata 6, 4, p. 756; John Kendrick's Ancient Egypt Bk. I, p. 378–379; Bk. II, 85–87; Aelian, Var. Hist. 14,34; Clement of Alexandria: Stromata 6, 4, p. 758; John Kendrick's Ancient Egypt Bk. II p. 31–33).]

...

2. A Educação dos Sacerdotes egípcios em –

A. As sete artes liberais.

B. Sistemas Secretos de Línguas e Simbolismo Matemático.

C. Magia.

A. A educação dos Sacerdotes egípcios nas Sete Artes Liberais.

Como já foi apontado, em conexão com Platão e as Virtudes Cardeais, os Mistérios Egípcios foram o centro da cultura organizada, e a reconhecida fonte de educação no mundo antigo.

Neófitos eram classificados de acordo com sua eficiência moral e competência intelectual, e tinham que submeter-se a muitos anos de testes e provas, a fim de que a sua elegibilidade para o avanço pudesse ser determinada. Sua educação incluía as Sete Artes Liberais, e as virtudes. As virtudes não eram meras abstrações ou sentimentos éticos; mas valores positivos e a virilidade da alma. Além disso, os Sacerdotes entravam em um curso de especialização.

B. A educação dos sacerdotes egípcios consistia também na especialização em sistemas secretos de linguagem e simbologia matemática. (i) Ao que parece, havia duas formas de escrita em uso entre os egípcios: (a) O demótico, que se acredita ter sido introduzida pelo Faraó Psammitichus, para fins comerciais; e (b) Os hieróglifos, de que havia duas formas, ou seja, os hieróglifos propriamente ditos, e a hierática uma forma linear, sendo que ambos eram usados apenas pelos Sacerdotes, a fim de ocultar o significado secreto e místico de suas doutrinas.

(Clemente de Alexandria: Stromata Livro V. c 4 p 657;

Plutarco, De Iside et Osiride Livro II, p 374;

Egito Antigo Livro I de John Kendrick, p 84; 119, 336, e 245).

[Clement of Alexandria: Stromata Bk. V. c. 4 p. 657; Plutarch, De Iside et Osiride Bk. II, p. 374; John Kendrick; Ancient Egypt, Bk. II, p. 84; 119, 336, and 245].

(ii) Também somos informados de que o Sistema de Mistério do Egito empregava modos de língua falada que podiam ser entendidos, apenas pelos iniciados.

Estes consistiam não só de mitos e parábolas; mas também de uma linguagem secreta chamada Senzar.

(Mistérios Antigos: C. H. Vail, p. 23). [Ancient Mysteries: C. H. Vail, p. 23].

(iii) Entendemos também, que os Egípcios anexavam valores numéricos tanto para letras de palavras quanto para figuras geométricas, com a mesma intenção quanto ao seu uso de hieróglifos, ou seja, para esconder seus ensinamentos. Considera-se ainda que o simbolismo numérico e geométrico Egípcio estavam contidos nos 42 livros de Hermes, cujo sistema foi o mais velho e mais elaborado repositório de simbolismo matemático. Aqui, novamente somos lembrados da fonte da filosofia do número de Pitágoras.

(Ancient Mysteries: CH Vail, p 22-23; Clemente de Alexandria.: Stromata Livro V, c 7 e 9).

C. A educação dos sacerdotes egípcios consistia também na especialização em magia. Segundo Heródoto, os Sacerdotes Egípcios possuíam poderes super-naturais, pois eles tinham sido treinados na filosofia esotérica dos Mistérios Maiores, e eram especialistas em Magia. Eles tinham o poder de controlar as mentes dos homens (hipnose), o poder de prever o futuro (profecia) e o poder sobre a natureza, (ou seja, o poder dos Deuses), dando comandos no nome da Divindade e realizando grandes feitos. Heródoto diz-nos também que os oráculos mais célebres do mundo antigo se localizavam no Egito: Hércules em Canopis; Apolo em Apollinopolis Magna; Minerva em Sais; Diana em Bubastis; Marte em Papremis; e Júpiter em Tebas e amonium; e que os oráculos Gregos eram imitações egípcias.

Aqui pode ser bom mencionar que os Sacerdotes Egípcios foram os primeiros verdadeiros Sacerdotes da história, que exerceram controle sobre as leis da natureza. Aqui também pode ser bom mencionar que o Livro Egípcio dos Mortos é um livro de fórmulas e instruções mágicas, destinado a dirigir o destino da alma que partiu. Era o Livro de Oração do Sistema de Mistério do Egito, e o Sacerdote Egípcio recebeu treinamento em condições post-mortem e os métodos de sua verificação.

Também deve ser notado que Magia era a religião ou método científico primitivo aplicado.

(O Livro Egípcio dos Mortos; Heródoto Livro II 109, 177; De Sandford Mundo Mediterrâneo, p 27;. 507; Definição da Magia, Golden Bough de Frazer).

.

...

Legado Roubado – George G. M. James

Pg. 97 – 104

CAPÍTULO VIII –

A Teologia Menfita é a Base de todas as Doutrinas Importantes na Filosofia Grega.

...

...

CAPÍTULO VIII:

A Teologia Menfita é a Base de todas as Doutrinas Importantes na Filosofia Grega.

História e descrição:

A Teologia Menfita é uma inscrição em uma pedra, agora guardada no Museu Britânico. Ela contém os pontos de vista teológicos, cosmológicos e filosóficos dos Egípcios. Isso Já foi referido em meu tratamento das doutrinas de Platão; mas deve ser repetido aqui para mostrar toda a sua importância como a base de todo o campo da filosofia Grega. Ela é datada de 700 a.C., e leva o nome de um Faraó Egípcio que afirmou que ele havia copiado uma inscrição de seus ancestrais. Esta afirmação é verificada por meio da linguagem e arranjo típico do texto e, portanto, atribui a data original da Teologia Menfita para um período muito precoce da história Egípcia, ou seja, o tempo em que as primeiras dinastias tinham feito sua nova capital

em Memphis: a cidade do Deus Ptah, ou seja, entre 4000 e 3500 a.C. (Aventura Intelectual do Homem por Frankfort, p. 55)

[Intellectual Adventure of Man by Frankfort, p. 55].

O Texto:

Este consiste de três partes suplementares, cada uma das quais será tratada separadamente: ambos no que se refere a seus ensinamentos e a identidade na filosofia Grega.

A Parte I apresenta os Deuses do Caos. A Parte II apresenta os Deuses da Ordem e arranjo na criação; e a Parte III apresenta o Primaz dos Deuses, ou o Deus dos Deuses, através de cujo (Logos) a criação foi completada.

Na Parte I, pré-criação ou o caos é representado da seguinte forma: –

Texto da Parte I: O Primaz dos Deuses, Ptah, concebeu em seu coração, tudo o que existe e por Sua Pronúncia, Elocução ou Expressão criou todos eles.

Ele é o primeiro a emergir das águas primordiais de Nun, na forma de um Monte Primevo. Seguindo de perto o Monte, o Deus Atom também emerge das águas e senta-se sobre Ptah (o Monte). Então restam nas águas quatro pares de deuses masculinos e femininos

(o Ogdóade, ou unidade de Oito-Deuses), tendo os seguintes nomes: -(1) Nun e Naunet, ou seja, as águas Primordiais e o oposto céu.

(2) Huh e Hauhet, ou seja, o infinito e o seu oposto:

(3) Kuk e Kauket, ou seja, a escuridão e o seu oposto; e

(4) Amun, ou seja, (Amon) e Amaunet, ou seja, o oculto e o seu oposto.

(Religião Egípcia por Frankfort, p 20; 23. Aventura Intelectual do Homem por Frankfort, p. 21).
[Egyptian Religion by Frankfort, p. 20; 23. Intellectual Adventure of Man by Frankfort, p.21].

B. A Filosofia da Parte I:

(1) Ptah tem os seguintes atributos:

(a) O Primaz dos deuses, isto é, o Deus dos deuses

(b) O Logos. Pensamento e expressão vocal criativo e poder

(Religião egípcia por Frankfort, p. 23). [Egyptian Religion by Frankfort, p. 23].

(c) O Deus da Ordem e forma

(d) O Divino Artífice e Oleiro

(Filosofia do Fogo por Swinburne Clymer; Jamblichus; Antigo Egito por John Kendrick, Livro I, p. 318; 339). [Fire Philosophy by Swinburne Clymer; Jamblichus; Ancient Egypt by John Kendrick, Bk. I, p. 318; 339]

Deve-se notar que, enquanto o Deus Sol Atom senta-se sobre Ptah, o Monte Primevo, Ele completa a obra da criação. Mas a Teologia Menfita remonta a 4000 a.C., quando, acredita-se, os Gregos eram desconhecidos

(Aventura Intelectual do Homem por Frankfort, p. 5; 53; 55. O Livro dos Mortos, p. 17). [Frankfort's Intellectual Adventure of Man, p. 5; 53; 55. The Book of the Dead, p. 17].

Este arranjo na Teologia Menfita só pode significar que os ingredientes do Caos Primevo continham dez princípios: quatro pares de princípios opostos, juntamente com outros dois deuses: Ptah representando Mente, Pensamento e Expressão criativa; enquanto Atom junta-se

a Ptah e atua como Demiurgo e executa a obra da criação. De tal arranjo no cosmos nós estamos em posição de inferir as seguintes filosofias: –

(a) A água é a fonte de todas as coisas.

(b) A Criação foi realizada pela unidade de dois princípios criativos: Ptah e Atom, ou seja, a unidade da Mente (nous) com Logos (pronúncia criativa).

(c) Atom foi o Demiurgo ou Deus Intermediário na criação. Ele também era Deus Sol ou Deus Fogo.

(d) Princípios Opostos controlam a vida do universo.

(e) Os elementos na criação foram Fogo (Atom), Água (Nun), Terra (Ptah ou Ta-tjenen) e Ar.

A Parte I da Teologia Menfita é a fonte correta dessas filosofias, mas estranhamente os Gregos têm reivindicado-as como sua produção, embora sem qualquer direito.

Filósofos Gregos individuais a quem porções da filosofia da Teologia Menfita têm sido atribuídas:

Dessas doutrinas, “a Água como fonte de todas as coisas” foi atribuída a Tales

(Zeller: História da Filosofia, p. 38.). [Zeller: Hist. of Phil. p. 38]

a do “Infinito ou Ilimitado”, foi atribuída a Anaximandro

(Zeller: História da Filosofia, p. 40.). [Zeller: Hist. of Phil. p. 40]

enquanto que a do “Ar como a base da vida”, foi atribuída a Anaxímenes

Zeller: História da Filosofia, p. 42.). [Zeller: Hist. of Phil. p. 42]

Além disso, a doutrina “que o fogo subjaz na vida do universo”, foi atribuída não só a Pitágoras, que falou das funções dos Fogos central

e periféricos; mas também a Heráclito que falou da transmutação do Fogo para os outros elementos, e sua transmutação de volta para o Fogo. Também Demócrito que falou de Átomos de Fogo, como preenchendo o espaço como a mente ou alma do mundo; e Platão, que falou de uma alma do mundo, a qual é composta de Átomos de Fogo.

(História da Filosofia de William Turner. p. 42; 5; Zeller: História da Filosofia, p. 53; 149; Timeu de Platão, 30A; História da Filosofia de B. D. Alexander.,p. 40). [Wm. Turner’s Hist. of Phil. p. 42; 5; Zeller’s Hist. of Phil. p. 53; 149; Plato’s Timaeus, 30A; B. D. Alexander’s Hist. of Phil., p. 40]

Da mesma forma a doutrina de Opostos tem sido atribuída não só a Pitágoras, que falou dos elementos da unidade como pares e ímpares; mas também a (a) Heráclito que falou sobre “a unidade de opostos em guerra”; (b) Parmênides, que falou da distinção entre o Ser e o Não-Ser; (c) Sócrates, que falou sobre coisas como sendo geradas a partir de seus opostos; e (d) Platão, que falou de Idéias e Númeno [Noumena] como real e perfeito; mas fenômeno [phenoumena] como irreal e imperfeito.

(O Fedro de Platão 250; Parmênides 132D; Aristóteles Metafísica I, 6; 987b, 9; Platão Fédon 70E; Hist. da Filos. de Zeller. P. 51; 61, 68;

O Timeu, p 28) [The Phaedrus of Plato 250; Parmenides 132D; Aristotle Metaphysics I, 6; 987b, 9; Plato Phaedo 70E; Zeller’s Hist. of Phil. p. 51; 61, 68; The Timaeus, p. 28]

Além disso, as doutrinas sobre o Nous (ou Mente) ou uma Agência Inteligente como responsável pela criação, foi atribuída não só a Anaxágoras, mas também a Sócrates, que falou sobre a existência de coisas úteis como o trabalho de uma Inteligência: Para Platão, que falou de uma Alma do Mundo ou Mente, como a causa da vida e do conhecimento no universo e a Demócrito, que anexou um significado semelhante.

(Hist. da Filos. de Zeller. p. 80; p. 85; História da Filosofia de William Turner. p. 82; 109 p.) [Zeller’s Hist. of Phil. p. 80; p. 85; Wm. Turner’s Hist. of Phil. p. 82; p. 109]

A doutrina do Logos foi atribuída a Heráclito que falou do Fogo como o Logos ou princípio criativo na natureza; enquanto a doutrina do Demiurgo, ou um Deus intermediário que criou o mundo, foi atribuída a Platão

(História da Filosofia de William Turner. p. 55, p. 108). [Wm. Turner's Hist. of Phil. p. 55, p. 108].

O Texto da Parte II

Os Deuses da Ordem e arranjo no cosmos são representados por nove Deuses, em uma Divindade [Godhead] chamada a Enéade. [Ennead]. Aqui Atum (Atom), a fonte do Ogdóade, é também retido como a fonte dos Deuses da Ordem e arranjo. Atum (Atom) nomeia quatro pares de partes do seu próprio corpo e, assim, cria oito Deuses, que juntos com ele se tornam nove. Estes oito deuses são Deuses criados, as primeiras criaturas deste mundo; e Atum (Atom), o Deus Criador, o

Demiurgo, de quem Platão falou. Os Deuses os quais Atum (Atom) projetou de seu corpo foram

(i) Shu (Ar)

(ii) Tefnut (Umidade)

(iii) Geb (Terra) e

(iv) Nut (Céu);

os quais, se diz, terem dado à luz a quatro outros Deuses:

(v) Osíris (o Deus da onipotência e onisciência)

(vi) Isis (esposa de Osíris; Princípio Feminino)

(vii) Seth (o oposto de bom)

(viii) Néftis (Princípio Feminino no Mundo Invisível).

(Plutarco: Isis et Osiris, 355A; 364c; 371B; Frankfurt, Aventura Intelectual do homem antigo, p.66-67).

A Filosofia da Parte II.

Ao lermos o texto da Parte II, descobrimos que o Deus Sol Atum (Atom), que estava presente no Caos, também esteve presente no desenvolvimento do arranjo ordenado no cosmos. Nesta fase, Atum (Atom) assume o papel de criador de todos os Deuses, exceto Ptah, o Deus dos Deuses. Em seguida, ele procede para completar esse tipo especial de criação da seguinte maneira:

Ele comanda Oito Deuses para procederem de seu próprio corpo de acordo com os nomes daquelas oito partes.

O resultado desta criação presenteia-nos com o que tem sido chamado de

(a) a “Enéade” ou a unidade de “nove Deuses em uma Divindade” [“nine Gods in One Godhead”]

(b) a doutrina do Demiurgo como na Parte I,

(c) a doutrina dos Deuses criados e

(d) a doutrina do Motor Imóvel [Unmoved Mover]; também

(e) a doutrina dos opostos e

(f) Onipotência e Onisciência.

Destas doutrinas, a do “Enéade” será tratada em outro lugar, e uma vez que a doutrina do Demiurgo já foi tratada, juntamente com (c) os Deuses criados, vou agora discutir a doutrina do Motor Imóvel [Unmoved Mover], como baseado sobre o mesmo ato de criação.

De acordo com a Teologia Menfita dos Egípcios, Atum criou Oito Deuses os quais procederam de oito partes de seu próprio corpo.

Ele estava sentado sobre Ptah, o Monte, e estava imóvel.

Neste ato de criação Atum (Atom) tornou-se o Motor Imóvel.

Apesar de a Teologia Menfita ser a fonte direta destas doutrinas, ainda assim, a Platão foi dado o crédito para a doutrina dos Deuses criados; enquanto Aristóteles recebeu crédito por aquela do “Motor Imóvel” [“Unmoved Mover”]. Certamente, o mundo nunca foi tão enganado.

Aqui ele deve ficar bastante claro, que a doutrina de um Demiurgo na criação inclui duas outras doutrinas:

aquela sobre os Deuses criados e aquela sobre o Motor Imóvel.

Era a função do Demiurgo criar o universo; e ao fazê-lo, seu primeiro ato foi a criação dos Deuses, que conseqüentemente se tornaram as primeiras criaturas.

Mas a maneira pela qual o Demiurgo criou os Deuses foi o processo de projetá-los de seu próprio corpo.

Este método de criação faz claramente o Demiurgo o Motor Imóvel.

No entanto, a história da filosofia Grega atribuiu a autoria das doutrinas do Demiurgo e os Deuses criados a Platão, e a autoria da doutrina do Movedor Imóvel [Unmoved Mover] a Aristóteles.

Mas esta chamada doutrina Platônica é uma, constituída por três partes inseparáveis

(a) o Demiurgo

(b) a função do Demiurgo e

(c) o método da função: uma unidade que contradiz a autoria de Aristóteles daquilo que é realmente apenas uma inferência a partir da suposta doutrina original de Platão.

(O Mito da Criação em OTimeu de Platão; Wm. Turner; Hist. da Filos., p. 109-110; Hist. da Filos. de Zeller, p.192; Wm. Turner; Hist. da Filos., p. 142) [The Myth of Creation in Plato Timaeus; Wm. Turner; Hist. of Phil., p. 109–110; Zeller’s Hist. of Phil. p. 192; Wm. Turner’s Hist. of Phil. p. 142].

A doutrina dos opostos já foi discutida, no entanto, na Parte I da Teologia Menfita. Um dos pares de Deuses criados, Osíris e Ísis foi usado para representar os princípios feminino e masculino da natureza. Além disso, Osíris tinha outras qualidades ligadas a Ele, o que pode ser entendido a partir dos seguintes derivativos

(a) osh significando Muitos, e

(b) iri significando Fazer [to do] e também

(c) significando um Olho.

Conseqüentemente, Osíris passou a significar não só ‘muitos olhos’ [‘many Eyed’] ou Onisciente, mas também Onipotente ou Todo-Poderoso.

Aqui, novamente, como em todos os casos já mencionados, apesar do fato de a Teologia Menfita ser a fonte da filosofia Grega, ainda as doutrinas sobre “uma Causa Inteligente”, um Nous como responsável pela vida e conduta do mundo, tem sido atribuídas a Anaxágoras, Sócrates e também Platão, cuja Alma do Mundo, consistia de átomos de fogo, como a Alma do Mundo de Demócrito.

(O Timeu de Platão 30, 35. Memorabilia I, Xenofonte 4, 2; Hist. da Filos. de Wm. Turner, p. 63).

O texto da Parte III

Nesta terceira parte da Teologia Menfita, o Primaz dos Deuses é representado como Ptah:

Pensamento, Logos e Poder Criativo, que são exercidos sobre todas as criaturas. Ele transmite poder e espírito a todos os Deuses, e controla a vida de todas as coisas, animais e os homens através de Seu pensamento e comandos. Em outras palavras, é nele que todas as coisas vivem movem e têm seu ser eterno.

A Filosofia da Parte III

Da Parte III podemos inferir as seguintes doutrinas: –

(a) Todas as coisas foram criadas pelo pensamento e comando de Ptah, o Deus dos Deuses.

(b) Por meio do pensamento e comando de Ptah, todos nós vivemos, nos movemos e temos nosso ser eterno.

(c) Ptah é o Criador e Preservador como já foi apontado em outros lugares; Os Poderes de Ptah foram transmitidos por meios mágicos para Atum que realizou a obra de criação.

(Aventura Intelectual do Homem por Frankfort, p. 52-60)

[Intellectual Adventures of Man by Frankfort, p. 52-60].

A Teologia Menfita é a fonte do conhecimento científico moderno.

A. O Enéade e a Hipótese Nebular. B. A identidade entre o Deus Sol Atom, e do átomo da ciência. A. O Enéade e a Hipótese Nebular coincidem.

Assim como Teologia Menfita é a fonte da filosofia Grega ou da ciência primitiva, assim também ela é a base da crença científica moderna.

Os Deuses da Ordem e arranjo no cosmos são representados por nove Deuses na Divindade [nine Gods in the Godhead], a chamada Enéade. Atum, (Atom), o Deus Sol, ou seja, Deus Fogo, cria oito outros Deuses, nomeando quatro pares de partes do seu próprio corpo, do qual eles saíram. Aqui os nomes dos deuses criados foram dados como Shu e Tefnut (Ar e Umidade), Geb e Nut (Terra e Céu); e outros dois pares de opostos: Osíris e Ísis; e Seth e Néftis, os quais é suposto serem as primeiras criaturas deste mundo

(Aventura Intelectual do Homem, de Frankfort, p.54)

[Frankfort's Intellectual Adventures of Man, p. 54].

Agora, se nós compararmos esta cosmologia egípcia com a Hipótese Nebular de Laplace, iríamos encontrar semelhanças muito marcantes nos dois contextos. De acordo com a Hipótese Nebular nosso atual sistema solar foi uma vez uma nebulosa gasosa em fusão. Esta nebulosa rodava a uma velocidade enorme, e como a massa esfriou-se, ela também contraiu-se e desenvolveu maior velocidade. O resultado foi um abaulamento no equador e uma quebra gradual de anéis gasosos, que se formaram em planetas. Estes planetas, por sua vez jogaram fora anéis gasosos, que se formaram em corpos menores, até que, finalmente, o sol foi deixado como o restante da original Nebulosa pai. A partir deste contexto, é evidente que a original nebulosa pai era fogo ou o Sol, e que jogando fora partes de si mesmo, criou alguns planetas, que por sua vez jogaram fora partes de si e criaram outros. De acordo com o contexto da Teologia Menfita, o Deus criador era o Deus Sol ou Deus Fogo Atum (Atom), que nomeou quatro pares de partes de seu próprio corpo, de onde Deuses vieram adiante.

Mas Atum (Atom), juntamente com os Oito Deuses Criados compuseram a Enéade ou Divindade de nove [Godhead of nine]: uma semelhança muito marcante com a ciência moderna que ensina que há nove planetas maiores. Podemos agora resumir essas semelhanças: –

(a) O Deus criador em ambas as cosmologias Egípcia e Moderna é o Sol ou Fogo.

(b) O Deus criador em ambas as cosmologias criou Deuses de partes de si mesmo.

(c) O número de Deuses são nove e correspondem com os nove planetas principais. Estas semelhanças tornam evidente que Laplace obteve sua hipótese da Teologia Menfita ou outras fontes Egípcias.

É claro que a Teologia Menfita, de acordo com Frankfort em sua Aventura Intelectual do Homem Antigo, p. 54 não menciona a criação de planetas. No entanto, uma vez que era o método do Egípcio esconder a verdade através da utilização de mitos, parábolas princípios mágicos (método científico primitivo), filosofia de números e hieróglifos, podemos facilmente ver quais métodos poderiam estar envolvidos antes que pudéssemos chegar a uma melhor tradução da Teologia Menfita

De qualquer forma, toda a configuração da Teologia Menfita é astronômica, e o que poderia ser mais natural, do que esperar uma interpretação astronômica? Parece bem dentro da razão, considerar a Enéade como o sistema heliocêntrico da história. Atom o Deus Sol, criando outros oito Deuses ou planetas de seu próprio corpo, como o Movedor Imóvel [Unmoved Mover] de um ensino que tem sido falsamente atribuído a Aristóteles.

B. A identidade entre o Deus Sol Egípcio Atum (Atom) e o átomo da Ciência Moderna:

Há duas coisas que eu desejo ressaltar em conexão com a relação entre o Atum (Atom) o Deus Sol Egípcio e o átomo da ciência moderna. Essas coisas são

(i) a semelhança de atributos e

(ii) a semelhança de nomes.

(i) O Deus Egípcio Atum (Atom) significa auto-criado; tudo e de nada; uma combinação dos princípios positivos e negativos: – tudo-inclusividade e vazio; um Demiurgo, possuindo poderes criativos; o Sol Criador.

(p.53, A Aventura Intelectual do Homem Antigo; de Frankfort; p 182, Realeza e os Deuses de Frankfort). [p.53, Frankfort's Intellectual Adventure of Ancient Man; p. 182, Frankfort's Kingship and the Gods]

Atum (Atom) também significa “o tudo e o ainda não Ser”;

(p. 168, Realeza dos Deuses de Frankfort). [p. 168 Frankfort's Kingship of the Gods]

Como um Deus Atum (Atom) representa os princípio dos opostos.

O átomo, como o substrato da matéria, de acordo com a filosofia Grega, é definido por Demócrito como “movimento do que é” (To on) dentro de “aquilo que não é” (To mé on). Ele Representa, portanto, o princípio dos opostos, e mostra a identidade entre o Deus Sol Egípcio e o substrato da matéria.

Além disso, o átomo é definido como “o cheio e vazio; ser e não-ser

(História da Filosofia de Zeller, p. 38). [Zeller’s Hist. of Phil., p. 38].

e estas definições coincidem com o tudo e nada, e a “toda-inclusividade” e vazio do Deus Sol Egípcio.

(ii) A semelhança de nomes compartilhados pelo Deus Sol Egípcio e o átomo da ciência:

Agora, com referência à semelhança destes dois nomes, a primeira coisa que devemos ter em mente é o fato de que ambos possuem atributos idênticos, como já foi mencionado no ponto (i); e, conseqüentemente, nós somos obrigados a concluir que o átomo da ciência é o nome idêntico do Deus Sol Egípcio: o mais antigo dos Deuses, exceto Ptah, que estava presente com Atom na criação.

A segunda coisa que devemos ter em mente é o fato de que o nome do Deus Atom (às vezes soletrado Atum) pertence à cosmologia da Teologia Menfita, cuja data remonta a 4000 a.C. quando os Gregos não eram sequer conhecidos. Conseqüentemente nós somos obrigados a concluir que os Gregos obtiveram ambos tanto o nome original quanto os atributos do Deus Sol Atom dos Egípcios.

Além disso, os Gregos não estavam familiarizados com a língua Egípcia, durante o período da então-chamada filosofia Grega, que data do século VI a.C. e, como conseqüência, transliterou palavras Egípcias para o Grego sem levar em conta seus derivados Coptas. As seguintes histórias homéricas verificam a prática dos Gregos na transliteração de palavras Egípcias e o plágio de suas lendas.

(a) De acordo com Homero, Proteus era uma Divindade Marítima alimentando suas focas na costa do Egito. Ele era dotado com o dom da profecia a qual era exercida somente sob compulsão.

Proteus, porém, foi um Faraó Egípcio que sucedeu ao trono com a morte de Pheron, o filho de Sesostris. Proteus também era adorado em Memphis. Os gregos não só transliteraram o nome deste Rei Egípcio, mas também plagiaram na lenda. (Heródoto II, 112).

b) Da mesma forma a história de Io, a Princesa Argiva, que foi transformada em uma novilha, e depois de longas andanças, chegou ao Egito, onde ela deu à luz a um Deus, e onde, ela mesma, foi adorada como a deusa Isis, aponta claramente para a introdução do culto de Ísis ou Athor, com o símbolo da novilha, em um breve período em Argos. Aqui deve-se salientar que Io é o nome copta para Lua, e a mesma palavra foi preservada como o dialeto de Argos, sem

qualquer afinidade com qualquer raiz Grega. Foi um hábito dos Gregos Helenizarem palavras Egípcias transliterando-as e adicionando-as ao vocabulário Grego.

(c) Esta prática de pegar emprestadas palavras de nações vizinhas continuou até os tempos do Novo Testamento. Em Atos dos Apóstolos do Novo Testamento Grego, capítulo 13 e versículo 1, a palavra Níger (ou seja, o homem negro) no nome de Simeão o Negro é uma palavra Romana ou Latina (niger, nigra, nigrum), que significa preto. Simeão, é claro, era um professor Egípcio ligado à Igreja em Roma.

O átomo da ciência é realmente o nome do Deus Sol Egípcio que chegou até os tempos modernos, através da então-chamada filosofia Grega, e carrega atributos idênticos, com o Deus Sol.

(Diodoro I, 29; Antigo Egito de John Kendrick, vol II 5-52; Eust ad Dionys: Perieg: V).

N.B.

Deve ser lembrado que o que nós erroneamente chamamos de filosofia Grega, foi o início da ciência ou a investigação da natureza; e, conseqüentemente, não podemos separar ciência moderna da filosofia Grega.

III. A Teologia Menfita Abre Grandes Possibilidades para Pesquisa científica moderna.

1. Conceito grego do Atom; errônea.

Os Gregos derivaram o significado do átomo de

(i) (alfa), isto é, um prefixo negativo significando não; e

(ii) (temnein), ou seja, o presente infinitivo ativo de (temno) cortar.

Os dois derivativos juntos significando “o que não pode ser cortado”. Durante séculos, o mundo tem sido enganado por este equívoco dos Gregos: um fato que, sem dúvida, tem impedido o progresso da pesquisa atômica pelos estudiosos Ocidentais, que tem acreditado na então-chamada origem Grega da filosofia ou ciência primitiva.

Hoje, no entanto, a concepção Grega do átomo não é mais sustentável, uma vez que a ciência moderna tem dividido com sucesso o átomo.

1. Grandes segredos científicos na Teologia Menfita, ainda a ser descobertos.

Eu acredito que chegou o momento, no qual o homem será capaz de destrancar a maioria dos segredos da natureza até então escondidos e desconhecidos. Eu tenho mostrado que a Hipótese Nebular dos tempos modernos coincide com os ensinamentos da Teologia Menfita, na qual o Deus Sol Atom é dito ter criado outros oito Deuses, os quais, juntamente com o próprio, constituem a Enéade dos Egípcios, que corresponde aos nove principais planetas do ensino científico moderno.

Sabemos também que para fora do Caos Cósmico surgiu das águas primordiais um par de deuses ou seja, o Monte Primevo e Atom o Deus Sol, e que através do contato de Atom com o

Monte, Ele recebeu poder para criar os outros oito planetas principais. Isto parece implicar que

(i) A energia atômica se origina a partir da água e da terra, desde que água H₂O, e urânio, um ingrediente indispensável na energia atômica, é encontrada nas entranhas da terra. Note que ambos Atom e o Monte saíram das Águas primordiais.

(ii) Quatro pares de Deuses, representando princípios positivos e negativos ainda permanecem na água, na forma de sapos e cobras machos e fêmeas, e constituem quatro quintos dos segredos da criação, que o homem tem ainda de sondar.

(iii) Pesquisa científica bem sucedida nos princípios e segredos da natureza encontra-se no estudo da Teologia Menfita, cuja simbologia requer a chave de princípios mágicos para sua interpretação.

Com esta abordagem os nossos homens de ciência devem ser capazes de destrancar as portas dos segredos da natureza e tornarem-se os zeladores do conhecimento ilimitado.

Este é o legado do Continente Africano para as nações do mundo.

Ela lançou as bases culturais do progresso moderno e, portanto, ela e seu povo merecem a honra e louvor que durante séculos foram falsamente dados aos Gregos. E da mesma forma, é o propósito deste livro fazer desta revelação, o início de uma reforma universal nas relações raciais, o que eu acredito seria o início da solução do problema da instabilidade universal.

CAPÍTULO IX

Reforma Social através da Nova Filosofia de Redenção Africana.

Agora que tem sido demonstrado que a filosofia e as artes e ciências foram legados à civilização pelo povo do Norte de África e não pelo povo da Grécia; o pêndulo do louvor e honra é conveniente à mudança do povo da Grécia para os povos do continente Africano, que são os herdeiros legítimos de tal louvor e honra.

Isso vai significar uma tremenda mudança na opinião pública mundial, e atitude, para todos os povos e raças que aceitam a nova filosofia de redenção Africana, ou seja, a verdade de que os Gregos não foram os autores da Filosofia Grega; mas as pessoas do Norte de África; mudaria sua opinião de uma de desrespeito para uma de respeito pelas pessoas Pretas em todo o mundo e tratá-las adequadamente.

Isso também vai significar uma mudança mais importante na mentalidade das pessoas Pretas: uma mudança de um complexo de inferioridade, para a realização e consciência de sua igualdade com todos os outros grandes povos do mundo, que construíram grandes civilizações. Com esta mudança na mentalidade do povo Preto e Branco, grandes mudanças também são esperadas em suas respectivas atitudes em relação ao outro, e na sociedade como um todo.

No drama da Filosofia Grega existem três atores, que têm desempenhado partes distintas, a saber, Alexandre o Grande, que por um ato de agressão invadiu o Egito em 333 a.C., saqueando e pilhando a Biblioteca Real de Alexandria e junto com seus companheiros levaram um espólio de livros científicos, filosóficos e religiosos.

O Egito foi então roubado e anexado como parte do império de Alexandre; mas o plano de invasão incluiu muito mais do que a mera expansão territorial; pois ele preparou o caminho e o tornou possível para a captura da cultura do Continente Africano.

Isto nos conduz ao segundo ator, que é a Escola de Aristóteles cujos alunos se mudaram de Atenas para o Egito e converteram a biblioteca real, primeiro em um centro de pesquisa, posteriormente em uma Universidade e em terceiro lugar compilaram aquele vasto corpo de conhecimento científico que eles tinham adquirido com a pesquisa, juntamente com as instruções orais que estudantes Gregos receberam dos Sacerdotes Egípcios, para o que eles chamaram de história da Filosofia Grega.

Desta forma, os Gregos roubaram o legado do Continente Africano e chamou-lhe seu próprio. E como já foi apontado, o resultado dessa desonestidade tem sido a criação de uma opinião mundial errônea; de que o continente Africano não fez nenhuma contribuição para a civilização, porque seu povo é atrasado e pobre em inteligência e cultura.

Esta opinião errônea sobre as pessoas Pretas os tem prejudicado seriamente através dos séculos até os tempos modernos em que parece ter chegado a um clímax na história das relações humanas.

E agora chegamos ao terceiro ator, e que é Roma Antiga, que através dos decretos de seus imperadores Teodósio no quarto século d.C. e Justiniano, no sexto século d.C. aboliu os Mistérios do Continente Africano; que é o antigo sistema de cultura do mundo.

As mais elevadas doutrinas metafísicas daqueles Mistérios não podiam ser compreendidas; os poderes espirituais dos sacerdotes eram insuperáveis; a magia dos ritos e cerimônias preenchia as pessoas com admiração; O Egito era a terra santa do mundo antigo e os Mistérios eram a única, antiga e santa religião Católica, cujo poder era supremo. Este sublime sistema de cultura das pessoas Pretas enchia Roma com inveja, e conseqüentemente ela legalizou o cristianismo, o qual ela esteve perseguindo por longos cinco séculos, e o estabeleceram como uma religião de estado e como uma rival dos Mistérios, sua própria mãe.

Este é o motivo porque os Mistérios foram desprezados; este é o motivo porque outras religiões antigas dos povos Pretos são desprezadas; porque eles são todos descendentes dos Mistérios Africanos, os quais nunca foram claramente entendidos pelos europeus, e conseqüentemente, provocaram seu prejuízo e condenação. De acordo com o plano de imperadores Teodósio e Justiniano para exterminar e para sempre suprimir o sistema de cultura do continente Africano, a igreja cristã estabeleceu a sua empresa missionária para lutar contra o que chamou de paganismo.

Conseqüentemente missionários e educadores tem ido para o campo missionário com um complexo de superioridade, nascido da deseducação e desrespeito: um preconceito que tornou impossível para eles realizar as bênçãos que o empreendimento missionário poderia ter realizado. Por esta razão, o empreendimento missionário tem sido responsável por uma lesão positiva contra os povos Africanos, que consiste na caricatura perpétua da cultura Africana na literatura e exibições que provocam riso e desrespeito. Isso, então, é apenas um breve resumo dos papéis desempenhados pelas pessoas do drama da Filosofia Grega e os efeitos resultantes sobre o povo Preto. Este drama pode ser chamado de Causa Causarum da situação social dos povos de ascendência Africana, porque ele fez as raças Branca e Preta não apenas vítimas comuns de uma falsa tradição racial sobre o Continente Africano, mas também parceiros na solução do problema da reforma racial.

Eu acredito que uma reforma deste tipo é possível, se as melhores mentes de ambos os grupos raciais cooperarem na sua realização. Ambos os grupos foram vítimas comuns de deseducação decorrentes de uma falsa tradição sobre o Continente Africano e ela os levou a desenvolver atitudes de acordo com sua crença comum: os Brancos, um complexo de superioridade; e os Pretos, o correspondente complexo de inferioridade; e, se quisermos realizar uma reforma

em relações raciais é óbvio que ambos os grupos raciais devem combinar seus esforços no abandono e destruição daquela mentalidade a qual tem mergulhado o povo Preto em sua situação social.

Isto, eu sugiro, deve ser feito por disseminação mundial da verdade, através de um sistema de reeducação, a fim de estimular e encorajar uma mudança na atitude de raças em relação à outra ao combinar seus esforços, ambas as raças devem, não apenas pregar e ensinar a verdade que o sistema de Mistério do Continente Africano deu ao mundo filosofia e religião, e as artes e ciências, mas eles devem fazer com que todos os falsos elogios aos Gregos sejam removidos dos livros didáticos de nossas escolas e faculdades, porque esta é a prática que tem vendado os olhos do mundo, e que lançou as bases para as deploráveis relações raciais do mundo moderno.

(a) O nome de Pitágoras, por exemplo, deve ser excluído de nossos livros didáticos matemáticos: em Geometria, onde o teorema do quadrado da hipotenusa de um triângulo em ângulo reto é chamado de teorema de Pitágoras, porque isso não é verdade.

(b) Devemos apontar para o mundo a fraude em anexar a Sócrates a autoria do preceito 'homem, conhece-te a ti mesmo'; e em anexar a autoria das quatro virtudes cardeais à Platão; desde que Sócrates obteve o preceito de auto-conhecimento dos templos Egípcios, onde ele era usado como uma inscrição; e Platão reduziu as dez virtudes do sistema de Mistério Norte Africano para quatro

(c) também devemos provar ao mundo que as doutrinas dos então-chamados filósofos Gregos originaram do antigo Sistema de Mistério do Norte da África.

Esta prova foi estabelecida nos capítulos cinco ao oito de 'Legado Roubado' ['Stolen Legacy'] e, a fim de realizar a nossa cruzada mundial nós devemos recomendar 'Legado Roubado' ['Stolen Legacy'] para adoção e estudo nas escolas e faculdades de ambos os grupos raciais e em nossas fraternidades, irmandades e grupos inter-raciais, a fim de que jovens e velhos da nossa geração atual possam todos conhecer a verdade e ser capazes de passá-la para as gerações futuras.

Isto, eu acredito que seria um método muito útil pelo qual este processo de re-educação se tornaria universal e eficaz na criação de uma reforma racial muito necessária. As pessoas Brancas de 'nossa era moderna não podem ser considerados como inteiramente responsáveis por condições sociais que são o resultado de falsa tradição racial. É isto o que faz das relações

raciais um desafio para as melhores mentes de ambos os grupos raciais para combinar os seus esforços na sua solução.

Mas as nossas perturbadas relações raciais também têm outra causa. Isso eu diria que é ao mesmo tempo complementar e intensivo; pois a falsa tradição sobre o atraso do Continente Africano, criada por Alexandre o Grande e a Escola de Aristóteles tem sido dramatizada por literatura e exposições missionárias, como a vontade de Imperadores Romanos e como uma fonte de risos e desrespeito.

Não há dúvida de que essa política criou amargura e insatisfação nas mentes dos nativos, os quais foram obrigados a questionar a sinceridade dos missionários. Ao mesmo tempo a empresa missionária ganha a simpatia e o apoio de um mundo deseducado, a fim de levar adiante o seu programa.

O que nós podemos fazer para erradicar este segundo e mais sutil mal: a dramatização de uma falsa tradição, de modo a fazê-la aparecer como verdade?

Eu Sugiro que, desde que o missionário dramatiza falsa tradição porque ele próprio também acredita nela, devemos unir os nossos esforços, em primeiro lugar, em reeducá-lo para que ele possa conhecer a verdade e mudar o seu complexo de superioridade que é responsável pela sua política equivocada.

Sua re-educação não deve consistir apenas de um estudo aprofundado das idéias e argumentos contidos no meu livro “Legado Roubado” [“Stolen Legacy”]; mas ele também deve receber formação especializada no domínio da língua, costumes e ideais de Africanos, a fim de fazê-lo cultivar uma atitude de respeito pela cultura do Continente Africano, aparentemente o mais antigo espécime a ter sido desenvolvido pela humanidade; porque esse continente é o local de nascimento e o berço dos Antigos Mistérios.

Com um mundo iluminado como a verdade real sobre o lugar do Continente Africano na história da civilização, a falsa tradição e crença devem deixar de ser eficazes, desrespeito e preconceito devem tender a desaparecer, e as relações raciais devem tender a ser normal e pacífica.

Isso nos leva ao último problema, o problema da redenção Africana. Os objetivos do ‘Legado Roubado’ [‘Stolen Legacy’] não são apenas para estimular uma reforma nas relações raciais e pesquisa científica; mas também para cultivar o orgulho no próprio povo Preto e para

oferecer-lhes uma Nova Filosofia de Redenção Africana como o Modus Operandi de alcançar reforma racial.

Esta Nova Filosofia de Redenção consiste de uma simples proposição da seguinte forma:

“Os Gregos não foram os autores da filosofia Grega, mas o povo Preto da África do Norte, os Egípcios.”

Agora, a fim de explicar o valor desta proposição, três perguntas devem ser feitas e respondidas.

(a) Como uma proposição simples, qual é a sua significância?

Sua importância reside no fato de que ela é uma declaração de uma verdade importante, que é a exposição da desonestidade Grega.

(b) Por que essa proposição é chamada uma filosofia?

Uma filosofia é uma crença aceita, e esta proposição é uma filosofia porque é oferecida como uma crença, digna de aceitação.

(c) O que é uma filosofia de redenção?

Uma filosofia de redenção não é meramente uma crença aceita; mas uma crença que é também vivida, a fim de aproveitar os benefícios do seu ensino.

Esta proposição vai se tornar uma filosofia de redenção para todo o povo Preto, quando eles aceitarem-na como uma crença e viverem de acordo com ela. Isto nos leva a uma pergunta final, e esta é como viver de acordo com essa filosofia de redenção? Em outras palavras, como devem as pessoas Pretas trabalhar a sua própria salvação?

Desde o início os meus leitores e colegas de trabalho na solução de um problema comum, devem ser lembrados de que a nossa filosofia de redenção é um processo psicológico, envolvendo uma mudança de crença ou mentalidade a ser seguida por uma correspondente mudança no comportamento.

Ela realmente significa uma emancipação mental, em que o povo Preto será libertado da cadeia da falsidade tradicional, a qual durante séculos os tem encarcerado na prisão do complexo de inferioridade e humilhação e insulto mundial.

Esta emancipação mental ou redenção, deve-se lembrar, tem duas funções. Ela é geral, quando, por um lado, o fenômeno das nossas prejudiciais relações raciais é considerado como um problema geral necessitando de uma emancipação geral de ambas as raças a fim de efetuar uma solução. Neste sentido geral emancipação transcende os limites e fronteiras de raça, e, portanto, inclui o mundo inteiro, Brancos e Pretos, uma vez que nós todos somos vítimas da mesma cadeia de falsidade tradicional, que tem encarcerado o mundo moderno.

Por outro lado, emancipação ou redenção é específica, quando nos referimos aos efeitos do fenômeno das prejudiciais relações raciais sobre o povo Preto. Ela é liberdade de tais condições que constituem a função específica de emancipação ou redenção.

Nós divagamos um pouco a fim de explicar os termos filosofia e filosofia de redenção, acreditando ser necessário antes de prosseguir para responder à próxima questão: como viver de acordo com esta nova filosofia de Redenção? Como ela deve ser trabalhada?

Sendo libertados do complexo de inferioridade por sua Nova Filosofia de Redenção, que é destinada a destruir a cadeia de falsa tradição a qual os tem encarcerado, o povo Preto deve encarar e interpretar o mundo de acordo com sua nova visão e filosofia.

Ao longo dos séculos até os nossos tempos modernos, condições mundiais foram influenciadas por dois fenômenos que afetaram as relações humanas.

(i) A doação de falsos louvores aos Gregos: um costume que parece ser uma política educacional conduzida por instituições de ensino. Isto levou à falsa adoração de Sócrates, Platão e Aristóteles, como deuses intelectuais em todas as principais universidades do mundo, e em apoio a este culto intelectual, essas instituições também organizaram o que é conhecido

como fraternidades e irmandades letradas Gregas, como os símbolos da superioridade do intelecto e cultura Grega.

(ii) O segundo fenômeno é a empresa missionária em que a cultura do povo Preto tem sido caricaturada na literatura e exposições, em tais espécimes como provocar desrespeito e riso.

Não esqueçamos jamais que os Imperadores Romanos Teodósio e Justiniano foram responsáveis pela abolição dos Mistérios Egípcios que é o sistema de cultura do povo Preto, e também pelo estabelecimento do cristianismo para a sua supressão perpétua.

Da mesma forma, nunca vamos esquecer enquanto estamos revendo este pedaço de história que os Gregos chamaram Egípcios Hoi Aiguptoi * – o que significava pessoas Pretas. [* Nota do tradutor: Hoi Aiguptoi, de onde veio o nome ‘Egito/Egípcios’ em supressão ao original ‘KeMeT/Kemitas’ – .]

Em viver-se a sua Nova Filosofia de Redenção, o povo Preto vai ter que ser uma oposição contra estes dois conjuntos de condições.

Em primeiro lugar o povo Preto deve adotar uma atitude negativa em relação a este tipo de fenômeno, porque eles se tornaram plenamente conscientes de que esses fenômenos são o resultado de uma falsa tradição, e, portanto, também participam da natureza da mentira e falsidade.

Nesta atitude negativa o povo Preto do mundo deve evitar a falsa tradição e deve ensinar a verdade, que é a sua Nova Filosofia de Redenção. Isso deve ser feito em casa para as crianças; nas faculdades e escolas para os alunos; dos púlpitos e plataformas para o público; e nas fraternidades e irmandades de jovens homens e mulheres.

Esta Nova Filosofia de Redenção, sendo uma revelação da verdade na história da civilização do povo Preto, deve tornar-se uma parte necessária de sua educação, e deve ser ensinada para as gerações e séculos vindouros; a fim de enchê-los com inspiração e orgulho e libertá-los da servidão mental.

Em segundo lugar, nesta atitude negativa, o povo Preto deve demonstrar a sua descrença na falsa adoração do intelecto Grego. Isto deve ser feito nas seguintes três formas: –

(i) Eles devem interromper a prática de citar Sócrates, Platão e Aristóteles em seus discursos como modelos intelectuais; porque nós sabemos que sua filosofia foi roubada

(ii) Eles devem renunciar à adesão de todas fraternidades e irmandades letradas Gregas e

(iii) Eles devem abolir todas as fraternidades e irmandades letradas Gregas de todas as faculdades de cor, porque elas têm sido uma fonte de promoção de complexo de inferioridade e de educar as pessoas Pretas contra si mesmas.

Chegamos agora à oposição do segundo conjunto de fenômenos, as atividades missionárias em literatura e exposições difamatórias que provocam risos e desrespeito sobre o povo Preto.

Assim como no primeiro conjunto de fenômenos, é assim que, no segundo, o povo Preto deve adotar uma atitude negativa em sua tentativa de viver de acordo com a sua filosofia de redenção.

Obviamente, eles são perfeitamente conscientes de que as atividades dos missionários são o resultado de sua própria má educação por meio de uma falsa tradição sobre o povo Preto; mas desde que o seu problema é também um de emancipação de certos males sociais, o povo Preto sente que eles têm direito a uma mudança na política Missionária.

Por estas razões, eu sugiro que a atitude negativa do povo Preto deve consistir em primeiro lugar de um boicote da literatura e exposições missionárias e, em segundo lugar, de um protesto perpétuo contra estas formas de política missionária, até que uma mudança seja provocada.

Pois enquanto a empresa missionária manter a sua política de militância contra a cultura Africana, o povo Preto será desconsiderado. Isso é o mínimo que o povo Preto tem direito a: tratamento respeitoso, porque eles são os representantes da civilização mais antiga do mundo, a partir da qual todas as outras culturas tomaram emprestado.

Eu tenho freqüentemente visto nas revistas paroquiais de algumas igrejas européias, fotos da seguinte descrição: –

-Um Chefe Africano, vestido com um novo chapéu de seda, uma camisa longa, mas sem calças, um casaco e pés descalços; provavelmente para proporcionar diversão para os paroquianos e para excitar a sua pena. Isto é o que o povo Preto deve protestar contra e é assim que eles devem viver de acordo com a sua filosofia de redenção e trabalhá-la.

Em conclusão, lembremo-nos de que a posição infeliz da igreja moderna em ser associada com o drama da filosofia Grega é desculpável; porque sua função missionária foi devido aos mandatos errôneas e decretos de Príncipes e Imperadores seculares, que governaram a igreja, quando ela era apenas um departamento de Estado. Este pouco de história eclesiástica deve ser bem conhecido para os primeiros ramos da igreja Cristã e, conseqüentemente, eles são os únicos a quem a nossa era iluminada espera para iniciar uma mudança na política missionária, que iria libertá-los do erro e da superstição das relações humanas.

Esta liderança dos vários ramos do Catolicismo deve ser seguida pelo Protestantismo, de modo toda a Igreja de Cristo na terra deve estar unida nesta reforma racial, e levar para o campo missionário um evangelho prático de felicidade; que é a felicidade que deve começar enquanto estamos aqui na terra; um evangelho que está interessado no bem-estar geral das pessoas.

Um evangelho que ignora os direitos sociais e econômicos dos nativos e enfatiza apenas a felicidade em um mundo desconhecido é unilateral, enganoso, e contrário aos princípios e práticas Cristãs.

Foi o Cristianismo primitivo que estabeleceu um diaconato para o propósito expresso de resolver os problemas econômicos de seus aderentes; para que eles pudessem começar em sua vida terrena a experimentar o que a felicidade realmente significava.

É evidente que os benefícios da religião se destinam a ser co-extensivo com as necessidades humanas e, a menos que a religião Cristã mude sua política missionária com respeito à cultura do povo Preto, será difícil para eles obter completa emancipação das injúrias sociais criadas pela Roma Antiga.

.

...

Legado Roubado – George G. M. James

Pg. 112 – 121

Apêndice

...

APÊNDICE

O PROPÓSITO deste apêndice é apresentar uma breve análise e resumo dos argumentos, conclusões e inferências que se relacionam com o assunto que já foi tratado. E também espera que ele servirá ao objetivo secundário de simplificação.

ARGUMENTO I. Filosofia Grega era Filosofia Egípcia Roubada.

Porque a história nos diz que

(i) Os Ensinaamentos do Sistema de Mistério Egípcio viajaram do Egito para a ilha de Samos, e de Samos para Cróton e Eleia na Itália, e por último da Itália para Atenas na Grécia, por meio de Pitágoras e os Eleáticos e posteriores filósofos Jônicos. Assim, o Egito era a verdadeira fonte dos Ensinaamentos de Mistérios e, portanto, qualquer reivindicação por tal origem pelos antigos Gregos não somente é errônea, mas deve ter sido baseada em motivos desonestos.

(ii) A história também representa o início da vida e educação dos filósofos Gregos como um espaço em branco e sua cronologia como uma questão de especulação. Conseqüentemente, tem dado ao mundo a opinião de que os filósofos Gregos, com a exceção dos três Atenienses,

podem nunca ter existido e podem nunca ter ensinado as doutrinas atribuídas a eles. Em outras palavras a História Representa os filósofos Pré-Socráticos como questionáveis em existência e sob estas circunstâncias eles não puderam nem produzir filosofia nem clamar a sua autoria, exceto por métodos questionáveis e desonestos.

(iii) A compilação da filosofia Grega parece ter sido a idéia de Aristóteles, mas o trabalho dos alunos de sua escola. O movimento não era autorizado pelo Governo Grego, Que sempre odiou e perseguido a filosofia, Porque ela era Egípcia e estrangeira.

A organização, controle e operação dos Mistérios davam aos Egípcios o direito de propriedade pela filosofia, e, portanto, quaisquer reclamações por parte dos antigos Gregos pela filosofia devem ser consideradas como ilegais e desonestas.

ARGUMENTO II.

A então-chamada filosofia Grega era estranha para os Gregos.

Porque (i) o período da filosofia Grega (de Thales até Aristóteles) foi um período de guerras internas entre as próprias cidades-estado e guerras externas com seu inimigo comum, os Persas. Os Gregos foram vítimas de perpétuos conflitos internos e eterno medo da aniquilação por seu inimigo comum. Eles não tinham nenhum tempo que eles poderiam dedicar ao estudo da natureza, pois isso requeria as riquezas e bens das classes do lazer: mas eles eram muito pobres para se engajar em tal profissão. Esta é uma das razões por que os filósofos Gregos eram tão poucos e por que os Gregos não estavam familiarizados com a filosofia.

(ii) Os Gregos não possuem a habilidade nativa essencial para o desenvolvimento da filosofia. A morte de Aristóteles, o qual havia herdado uma grande quantidade de livros da biblioteca de Alexandria através de sua amizade com Alexandre o Grande, também foi seguida pela morte da filosofia Grega, a qual logo degenerou em um sistema de idéias emprestadas conhecido como ecletismo. Este sistema não continha nada de novo, apesar do grande tesouro de conhecimento que eles tinham obtido através da amizade de Alexandre com Aristóteles e sua conquista do Egito.

(iii) Os Gregos rejeitaram e perseguiram a filosofia, devido ao fato de que ela vinha de uma fonte externa e estrangeira e continha idéias estranhas com as quais eles não estavam familiarizados. Este preconceito levou à política de perseguição. Daí Anaxágoras foi indiciado e escapou da prisão e fugiu para a Jônia em exílio. Sócrates foi executado; Platão fugiu para Megara para o resgate de Euclides; e Aristóteles foi indiciado e fugiu para o exílio. Esta política

dos Gregos não teria sentido, se ela não indicasse que a filosofia era estranha para a mentalidade Grega.

ARGUMENTO III.

A Filosofia Grega foi o fruto do Sistema de Mistério Egípcio.

Porque tem sido encontrada total identidade existindo entre o Sistema de Mistério Egípcio e a filosofia Grega com a única exceção da idade na relação de pai para filho. O Sistema de Mistério Egípcio antecedeu o da Grécia por muitos milhares de anos. A seguir estão as circunstâncias e condições da identidade: –

(i) Total concordância entre a teoria da salvação Egípcia, e a finalidade da filosofia Grega, ou seja, fazer o homem tornar-se semelhante a Deus pela virtude e disciplinas educacionais.

(ii) total concordância das condições de iniciação em ambos os sistemas, ou seja, preparação (em graduais estágios de virtude) antes de cada iniciação.

(iii) Completa concordância em princípios e práticas.

(iv) A História nos diz que os restos do Antigo Grande Templo de Luxor tem sido rastreados para as margens do Rio Nilo, na antiga cidade de Tebas, a uma curta distância de Dendera, agora chamado Alto Egito. Ela também nos diz que este Grande Templo foi construído pelo faraó Amenothis III que o iniciou, e Ramsés II, que o completou. No tempo da filosofia Grega, o Sistema de mistério do Egito era o único tal sistema no mundo antigo, e, portanto, a sua Grande Loja era a única tal Grande Loja em existência. Ela era a sede do governo, tendo organizado o mundo antigo em uma fraternidade universal ou católica com jurisdição sobre todas as lojas menores e escolas onde quer que fossem. E quer o chamemos Os Mistérios ou filosofia Grega ou Maçonaria, o sistema era um e todos os ramos saíram daquele um e estavam subordinados a ele.

(v) A identidade entre os Mistérios Egípcios e filosofia Grega também é estabelecida pelo fato de que quando os Imperadores Romanos Teodósio e Justiniano emitiram seus decretos abolindo os Mistérios Egípcios, o efeito foi o mesmo sobre as escolas filosóficas da Grécia, pois

elas tinham que ser fechadas. Coisas que são afetadas igualmente pela mesma causa são elas próprias iguais.

ARGUMENTO IV.

Os Egípcios educaram os Gregos.

Porque a história suporta os seguintes fatos: –

(i) Os efeitos da conquista Persa sobre o Egito

(a) Remoção das restrições imigracionais contra os Gregos.

(b) Abertura do Egito para pesquisa Grega e

(c) incentivou os alunos da Jônia e outros lugares a visitar o Egito para o propósito de sua educação.

(ii) Os efeitos da conquista de Alexandre o Grande sobre o Egito

(a) Era o costume dos exércitos antigos, quando invadindo países, procurar tesouros em bibliotecas e templos. Assim acredita-se que Alexandre e seus amigos que o acompanhavam saquearam a Biblioteca de Alexandria e outras bibliotecas e ajudaram a si mesmos com livros. Acredita-se também que foi assim que Aristóteles conseguiu a vasta quantidade de livros supostamente atribuídos a sua autoria e como ele adquiriu exagerada fama.

(b) A Biblioteca de Alexandria foi assumida pelos Alunos da escola de Aristóteles e convertida em um centro de pesquisa e Universidade, para a educação dos Gregos que foram obrigados a usar Professores Egípcios, por conta de dificuldades lingüísticas e outras razões.

(c) Para além da pilhagem de bibliotecas e a conversão da Biblioteca de Alexandria em uma Universidade para a sua educação, os Gregos tinham outra maneira de adotar a cultura dos Egípcios. Os Ptolemaicos costumaram recrutar informações úteis dos Sumos Sacerdotes Egípcios, e somos informados de que Ptolomeu I Soter recrutou o Sumo Sacerdote Manetho para escrever uma história da religião e filosofia dos Egípcios e isso foi feito e os volumes se tornaram os principais livros de texto na Universidade de Alexandria.

(iii) Os Egípcios foram os primeiros a civilizar os Gregos

A História nos diz que os Gregos receberam a influência da civilização a partir de três fontes:

colonizadores primeiro do Egito, em segundo lugar colonizadores da Fenícia e em terceiro lugar colonizadores da Trácia. Ela também nos diz que essas colônias foram sob o governo de homens sábios que subjugaram a ferocidade da população ignorante, não apenas por meio de instituições civis, mas também pela forte corrente da religião e do medo dos Deuses. Estes colonizadores foram Cécrope do Egito, Cadmo da Fenícia e Orfeu da Trácia.

ARGUMENTO V.

As doutrinas dos filósofos Gregos são as doutrinas do Sistema de Mistério Egípcio.

A prova desta proposição é realmente um dos principais objetivos deste livro e, conseqüentemente, os capítulos cinco e seis foram dedicados a este propósito. Os ensinamentos Egípcios foram expressos em símbolos de vários tipos e, portanto, sua origem pode ser estabelecida por referência ao símbolo especial em questão. Nestes capítulos, portanto, menção foi feita não apenas dos nomes dos filósofos Gregos e as doutrinas que foram a eles atribuídos; mas também as referências necessárias aos diferentes tipos de simbologia, em prova de sua origem Egípcia. Estas foram dadas no Resumo das Conclusões como segue: –

1. Os primeiros filósofos Jônicos têm sido creditados com as doutrinas de que

(a) todas as coisas se originaram a partir de água

(b) todas as coisas originaram-se do ilimitado ou caos primitivo e

(c) todas as coisas se originaram a partir do ar.

Mas essas doutrinas não poderiam ter sido as dos filósofos Jônicos; uma vez que encontramos as mesmas idéias expressas no primeiro capítulo do Gênesis, onde nos é dito que, no começo o mundo estava em um estado de caos, sem forma e vazio (sem limites); e como o espírito de Deus (ar) mudou-se sobre as águas e os separou-as da terra seca e a terra do céu; e como, passo a passo, as coisas vivas saíram das águas e como, finalmente, através do sopro de vida (ar) o homem veio à existência. Gênesis é o primeiro livro do Pentateuco, cuja data tem sido colocada para o Oitavo Século a.C.: uma época em que os primeiros filósofos Jônicos nem sequer existiam, os quais, portanto, não poderiam ter sido os autores destas doutrinas.

Da mesma forma, a autoria de Gênesis tem sido atribuída a Moisés, quem Philo nos diz, era um sacerdote Egípcio, um Hierogrammat, e instruído em toda a sabedoria dos Egípcios. Mas a era em que Moisés viveu deve ser associada com o Êxodo dos Israelitas, o qual ele conduziu na 21ª dinastia Egípcia: 1100 A.C. no reinado de Bocchoris. Mas a história da criação do Gênesis coincide com a história da criação da Teologia Menfita dos Egípcios, a qual nos leva de volta para entre 4 e 5.000 A.C. Isto significa que as doutrinas dos primeiros Jônicos não surgiram nem em sua época (o Quinto Século A.C.), nem no tempo do Pentateuco (o Oitavo Século A.C.), nem ainda ao tempo de Moisés (o Décimo – Primeiro Século A.C.), mas ao tempo da Teologia Menfita (entre 4 e 5 mil A.C.) e, portanto, definitivamente apontam para origem Egípcia.

2. Os filósofos Eleáticos têm sido nomeados como

(i) Zenophanes, que era um satirista

(ii) Zeno, cujo tratamento do espaço e tempo levou a uma reductio ad absurdum e

(iii) Parmênides, o único que merece atenção. Ele tem sido creditado com as definições de Ser e Não-Ser, que ele expressa como “aquilo que é” e “aquilo que não é”. Em outras palavras, a natureza ou a realidade consiste de duas propriedades, ou seja, um positiva e uma negativa. Mas Parmênides não introduziu nenhuma nova doutrina, quando ele definiu o princípio dos opostos. Este princípio foi utilizado por Pitágoras em sua teoria de números; por Sócrates na sua prova da imortalidade da alma; por Platão em sua Teoria das Ideias e a distinção entre fenômeno e noumeno; e por Aristóteles em sua definição dos atributos do Ser. Em todos esses casos, tem sido demonstrado que a doutrina de opostos se originou a partir do Sistema de Mistério Egípcio, no âmbito do qual os Deuses eram representados como macho e fêmea, e

templos levavam pilares duplos na frente deles para indicar princípios positivos e negativos da natureza.

3. Os posteriores filósofos Jônicos têm sido nomeados como

(i) Heráclito, que ensinou que o mundo foi produzido pelo fogo, através de um processo de transmutação; e que uma vez que todas as coisas se originam a partir de Fogo, então, Fogo é o Logos.

(ii) Anaxágoras, que ensinou que a Mente ou Nous é a fonte da vida no Universo e

(iii) Demócrito, que ensinou que átomos são a base de todas as coisas materiais; que vida e morte são apenas mudanças trazidas pela variação na mistura de átomos, os quais não morrem porque são imortais. Agora, tomando estas doutrinas na ordem em que eles vêm, a sua origem Egípcia tem sido totalmente estabelecida.

(a) A doutrina do Fogo tem sido traçada para os Egípcios, cujo Sistema de Mistério era uma Filosofia de Fogo e os quais adoravam o Deus do Fogo em suas pirâmides. A palavra pirâmide é uma palavra Grega, cujo derivativo pyr significa fogo. Esta doutrina nos leva de volta à era da pirâmide no Egito 33 Séculos A.C., quando, evidentemente, os Gregos eram desconhecidos.

(b) Deve-se notar que a doutrina do Logos tem sido identificada por Heráclito com a doutrina de Fogo. Isto é como deveria ser, porque

(c) na doutrina dos Deuses criados, a qual tem sido atribuída a Platão, Atom o Deus Sol ou Fogo desempenha a função de Demiurgo na criação dos Deuses.

(d) Do mesmo modo, na doutrina do Motor Imóvel [Unmoved Mover] atribuída a Aristóteles, o Deus Fogo Atom, enquanto imóvel e assentado sobre o Monte Primordial, cria os Deuses, ordenando-os a proceder de várias partes do seu próprio corpo. Desta forma, Atom também se tornou o Motor Imóvel [Unmoved Mover]. Isso deixa claro que o Logos de Heráclito é idêntico com o Demiurgo de Platão e o Motor Imóvel de Aristóteles. A função de Atom como Demiurgo e o método de sua criação são encontrados na Teologia Menfita dos Egípcios.

Aqui eu gostaria de sugerir que os estudantes que estão interessados em traçar a influência da filosofia Egípcia sobre o pensamento Cristão, devem ler esta parte do meu livro juntamente com o primeiro capítulo do Evangelho de São João. O problema da permanência e mudança também é traçado na história na criação da Teologia Menfita, na qual a matéria eterna é representada pelo caos, e muda pela formação gradual de ordem.

(e) A doutrina da Mente ou Nous, tem sido atribuída não apenas a Anaxágoras, mas também a Demócrito, que falou dela como sendo composta de átomos de fogo distribuídos por todo o universo; e Sócrates, que foi creditado com a premissa teleológica: que qualquer coisa que existe para um propósito útil é o trabalho de uma Inteligência. Esta doutrina tem sido traçada para o Sistema de Mistério Egípcio, no qual o Deus Osíris era representado por um olho aberto; significando não apenas onisciência, mas também onipotência. Todas as lojas Maçônicas carregam este símbolo com o mesmo significado hoje.

(f) A doutrina do átomo tem sido atribuída a Demócrito, o qual não define, mas descreve suas propriedades. Ele é a base de vida; ele é imortal e não morre; e quando muitos deles são misturados em certos aspectos, o resultado é uma mudança radical. Estas propriedades coincidem com as propriedades do Atom o Deus Sol e o Demiurgo na criação, que criou outros Deuses a partir de várias partes de si mesmo. Ele foi a base da vida e doador da vida. Mas Atom o Deus Sol ocorre na história da criação da Teologia Menfita e mostra a origem Egípcia do átomo.

4. O sistema de Pitágoras parece ter sido tão abrangente que quase todos os filósofos posteriores têm copiado idéias de seus ensinamentos. Interpretando a natureza sob a forma de matemática, Pitágoras é creditado com o ensino das seguintes doutrinas:

(a) As propriedades do Número incluem elementos opostos: pares e ímpares, finito e infinito, e positivo e negativo. Este princípio de opostos foi copiado por e usado nos ensinamentos de Heráclito, Parmênides, Demócrito, Sócrates, Platão e Aristóteles.

(b) A doutrina da Harmonia, definida como a união dos opostos. Esta idéia foi copiada por e usada nos ensinamentos de Heráclito, Sócrates, Platão e Aristóteles.

(c) Fogo (central e periférico) foi ensinado como sendo base da criação. Essa doutrina também foi também usada por e nos ensinamentos de Heráclito, Anaxágoras, Demócrito, Sócrates e Platão.

(d) A imortalidade da alma e O Summum Bonum. Isto foi ensinado por Pitágoras, na forma de uma transmigração da alma. Ela também foi ensinada por Sócrates como o propósito da filosofia através do qual, a alma, alimentando-se da verdade congenial à sua natureza divina, era habilitada para escapar da roda do renascimento e para atingir a consumação final de unidade com Deus. Todas as doutrinas de Pitágoras têm sido mostradas como originadas do Sistema de Mistério Egípcio. O Número possui elementos opostos e o princípio de opostos pertence ao Sistema de Mistério Egípcio no qual ele era representado por Deuses masculinos e femininos. A Harmonia sendo uma mistura de opostos, não precisa de mais referência, e o Fogo, do mesmo modo, nos leva de volta ao Sistema de mistério Egípcio que era uma Filosofia de Fogo e seus Iniciados adoradores do Fogo. Finalmente, o objetivo da filosofia era a salvação da alma. Isto era realizado por meio de métodos de purificação oferecidos pelos Mistérios Egípcios, os quais levantavam o homem do nível mortal para o imortal. Isto era o Summum Bonum, o Maior Bem.

5. Sócrates (A) Sua vida e (B) Suas doutrinas (C) Sua acusação, condenação e morte (D) Suas conversas de despedida.

A. Em sua vida, ele voluntariamente adotou sigilo e pobreza, a fim de que ele poderia evitar a tentação de riquezas e ter a possibilidade de cultivar as virtudes exigidas pelos Mistérios.

Todas as suas doutrinas, da mesma forma, associam-no com os Mistérios Egípcios.(i) Sua doutrina da Mente ou Nous como Inteligência, a qual está na base da criação, foi representada em templos Egípcios, assim como nos templos Maçônicos modernos, pelo “Olho Aberto de Osiris”, indicando onisciência e onipotência.(ii) Sua doutrina de auto-conhecimento: “Homem, conhece a ti mesmo” foi copiada diretamente ou indiretamente, de entre as inscrições que apareciam do lado de fora dos templos de Mistérios no Egito.(iii) Suas doutrinas de opostos e Harmonia foram um testemunho do costume dos Mistérios de demonstrar o princípio de opostos na natureza por pares de Deuses masculinos e femininos e também por pilares duplos na frente de templos.(iv) Suas doutrinas de imortalidade, salvação da alma e Summum Bonum foram um resumo da teoria da salvação, como era ensinada pelos Mistérios. O próprio Sócrates explicou-a. O propósito da filosofia era a salvação da alma por um processo de purificação que levantava o homem do nível mortal e o ressuscitava para o imortal. Isto era uma realização, isto era o Summum Bonum ou Bem Maior.C. Sua acusação, condenação e morte são circunstâncias que também mostram sua associação com os Mistérios. Ele foi acusado pela introdução de Deuses estrangeiros e a corrupção da Juventude Ateniense, e foi condenado e morto. Os Deuses estrangeiros eram os Deuses dos Mistérios e sua submissão ao martírio foi devido a, por um lado, em prejuízo das autoridades Atenienses, enquanto, por outro lado, a sua virtude de coragem, exigida pelos Mistérios.D. Suas conversas de despedida também mostram a sua filiação com a grande Ordem Egípcia. Há dois relatos destas conversas: um por Críton e outro pelo Fédon. Críton descreve o comportamento fraternal de um bando de amigos fiéis e Neófitos que o visitavam diariamente enquanto ele estava na prisão à espera

de sua execução. O objetivo destas visitas era garantir a fuga de um irmão; mas os seus esforços foram em vão, porque ele se recusou a ceder às suas súplicas. Fédon menciona que o tema da outra conversa era a imortalidade da alma, em que Sócrates esforçou-se para dar-lhes algumas provas pela sua aplicação dos princípios de opostos. Também nos é dito que, no final das conversas, e pouco antes de ele beber o veneno, Sócrates pediu a Críton para pagar-lhe uma certa dívida que ele devia. Estas conversas revelam os seguintes fatos: -(a) O amor fraternal dos Neófitos visitantes em sua tentativa de assegurar a fuga de seu irmão Sócrates.(b) Uma aula final foi conduzida por Sócrates sobre a doutrina da imortalidade: a doutrina central dos Mistérios Egípcios e(c) Um pedido final de Sócrates de ter uma dívida paga por ele e(d) Estas conversas constituem os primeiros exemplares de literatura Maçônica. Todos os quatro dos tais fatos apontam para filiação no Sistema de Mistério Egípcio. Este era uma Fraternidade Universal e também requeria o cultivo do amor fraterno. Seu ensinamento central era a imortalidade da alma, e também exigia a todos os Iniciados a praticar as virtudes da justiça e honestidade e, portanto, a pagar suas dívidas.E. Acredita-se que Sócrates não vinculou seus ensinamentos a escritos. Isto foi também em obediência ao sigilo dos Mistérios.

Platão

(A) Sua primeira infância e educação, como no caso de todos os outros filósofos são desconhecidos para a história, a qual o representa como fugindo de Atenas, após a morte de Sócrates e depois de doze anos durante os quais ele visitou Euclides em Megara, os Pitagóricos na Itália, Dionísio na Sicília e o Sistema de Mistério no Egito, ele retornou a Atenas e abriu uma academia, onde ele ensinou durante 20 anos.

(B) Suas doutrinas, as quais estão espalhadas por uma vasta área da literatura consistindo de 36 diálogos são disputadas por estudiosos modernos. Os alunos de Sócrates especialmente Platão são supostos de terem publicado os seus ensinamentos, e não se sabe quanto dessa vasta literatura pertence a Platão e quanto a Sócrates. As doutrinas de Platão foram todas traçadas para origem Egípcia.

(i) A Teoria das Ideias, a qual ele ilustrada por referência aos fenômenos da natureza, é uma distinção entre as Idéias ou noumeno e suas cópias, os fenômenos; e entre o real e o irreal, pela aplicação do princípio dos opostos, o qual foi manifestado pelo Sistema de Mistério Egípcio por Deuses masculinos e femininos e pares de pilares levados na frente de templos Egípcios.

(ii) A doutrina da Mente ou Nous tem sido também atribuída ao “Olho Aberto” usado em templos Egípcios e lojas Maçônicas modernas para simbolizar a onisciência e onipotência do Deus Egípcio Osíris.

(iii) A doutrina do Demiurgo e Deuses criados também tem sido rastreada para Atom, o Deus Sol, na estória da criação da Teologia Menfita dos egípcios.

(iv) A doutrina do Summum Bonum ou Bem Maior tem sido mostrada como sendo idêntica com a teoria da salvação do Sistema de Mistério Egípcio. A salvação da alma era o propósito da filosofia, cujos métodos de purificação levantavam o indivíduo a partir do nível de um mortal e exaltavam-no para o nível de um Deus. Esta meta era o Summum Bonum ou Bem Maior.

(v) A doutrina do Estado Ideal, cujos atributos têm sido comparados com os atributos da alma e da justiça que estão contidos na alegoria do condutor da carruagem e corcéis alados, aponta para origem Egípcia, porque a alegoria tem sido rastreada para o Drama do Julgamento do Livro Egípcio dos Mortos.

(vi) As doutrinas de virtude e sabedoria têm sido mostradas como tendo se originado do Sistema de Mistério Egípcio, o qual requeria dez virtudes, a fim de subjugar os dez impedimentos corporais.

7. Aristóteles

A vida de Aristóteles é uma de discrepâncias e dúvidas.

(i) Embora como outros filósofos, a história não sabe qualquer coisa sobre sua primeira infância e educação, ainda que conte a estranha estória que ele passou 20 anos como um aluno de Platão, que ele nunca foi para o Egito e que Alexandre o Grande deu-lhe o dinheiro para garantir o vasto número de livros que são ligados ao seu nome. Mas a história também nos diz que Platão era um filósofo e que Aristóteles era um cientista e, conseqüentemente, nós somos forçados a fazer a pergunta: por que iria um homem como Aristóteles desperdiçar 20 anos de sua vida com um professor que era incompetente para ensiná-lo? Estas circunstâncias têm levado a suspeita de que Aristóteles deve ter passado a maior parte desses 20 anos em avançando sua educação no Egito e no acompanhamento de Alexandre o Grande em sua invasão do Egito, quando ele obteve a oportunidade de saquear a biblioteca de Alexandria e carregar para fora todos os livros que ele queria. A estória da história não faz muito sentido; mas, infelizmente, lança uma nuvem de trevas sobre a vida de Aristóteles.

(ii) Outra discrepância pode ser encontrada em conexão com três listas de livros ditas como pertencendo a ele, mas que diferem em fonte, em data e em quantidade,

(a) Sua própria lista, que deve receber a data em que ele viveu: o 4º Século A.C.. Esta contém o menor número de livros.

(b) Uma lista de Hermippus de Alexandria dois séculos mais tarde, ou seja, 200 A.C., contendo 400 livros e

(c) Uma lista de fontes Árabes, compilada em Alexandria, três séculos mais tarde, ou seja, do 1º Século D.C., contendo mil livros.

Alguém é forçado a fazer as perguntas: Será que Aristóteles escreveu mil livros em seu tempo de vida? Como pôde a sua pequena lista aumentar após a sua morte para 400, após o decurso de dois séculos, e para mil, após o decurso de cinco séculos?

Estas circunstâncias tornam a autoria de Aristóteles muito duvidosa, pois é incrível que um único indivíduo pudesse escrever mil livros sobre os vários campos da ciência em um único tempo de vida.

2. As doutrinas de Aristóteles foram todas mostradas como tendo se originado do Sistema de Mistério Egípcio

(i) A doutrina do Ser, na esfera metafísica tem sido explicada como a relação entre potência e ato, a qual age de acordo com o princípio de opostos. Os Egípcios foram os primeiros cientistas a descobrir o princípio da dualidade na natureza e, assim, o representaram por Deuses masculinos e femininos e por pares de pilares na frente de seus templos. Esta é a fonte desta doutrina.

(ii) Na prova da existência de Deus, Aristóteles usou duas doutrinas,

(a) A teleologia, mostrando propósito e desígnio na natureza como o trabalho de uma Inteligência e

(b) o Motor Imóvel [the Unmoved Mover].

Ambas as doutrinas foram rastreadas para a história da criação da Teologia Menfita dos Egípcios, onde é demonstrado que a criação moveu-se do caos à ordem e indicou o trabalho de uma inteligência; e também onde Atom o Demiurgo e Logos, enquanto sentando-se imóvel sobre A Colina Primordial, projetou oito Deuses a partir de várias partes de seu corpo e, assim, tornou-se o Motor Imóvel.

(iii) A doutrina da origem do mundo, de acordo com Aristóteles, afirma que o mundo é eterno porque matéria, movimento e tempo são eternos. Esta mesma opinião foi expressa por Demócrito em 400 A.C. no ditado *ex nihillo nihil fit* (a partir do nada, nada vem), indicando que a matéria é permanente e eterna. A mesma opinião foi rastreada para a história da criação da Teologia Menfita dos Egípcios, em que o caos ou matéria primitiva é representado pelo Oceano Primevo Nun, a partir do qual surgiu a Colina Primordial [Primeval Hill]. Estes são supostos de terem sempre existido.

(iv) As doutrinas dos atributos da natureza, de acordo com Aristóteles, afirmam que a natureza consiste de movimento e repouso e que o movimento move-se do menos perfeito para o mais perfeito por uma lei definitiva. Eu Suponho, a lei da evolução. Este ensinamento, porém, não foi originado de Aristóteles, pois o problema da permanência do movimento e repouso e mudança não apenas foram investigadas pelos filósofos Eleáticos e posteriormente pelos Jônicos, mas pelos Egípcios, em cuja história da criação, a Teologia Menfita, a natureza é mostrada como movendo do caos, por passos graduais, para a ordem. Certamente, a doutrina dos atributos da natureza veio dos Egípcios.

(v) A doutrina da alma, de acordo com Aristóteles, afirma que a alma é um princípio radical de vida, que é idêntico com o corpo, e possui cinco atributos, sendo sensível, racional, nutritivo, apetitivo e locomotivo. Outros filósofos tem definido a alma

(a) como material, composta de átomos de fogo

(b) como uma harmonia do corpo através de uma combinação de opostos, e

(c) como o sopro da vida na história da criação do Gênesis.

A verdadeira fonte da doutrina da alma de Aristóteles foi entretanto rastreada para a filosofia da alma encontrada no Livro Egípcio dos Mortos. Lá encontramos a alma explicada como uma unidade de nove almas inseparáveis em uma idêntica, a Enéada, uma Cabeça Divina de Nove

em Um, com órgãos necessários. Nesta filosofia Egípcia, os atributos da alma do corpo físico, foram encontrados como coincidindo com aqueles descritos por Aristóteles, e, portanto, mostram a origem Egípcia da doutrina de Aristóteles, a qual se relaciona com um pequeno fragmento da filosofia Egípcia da alma.

ARGUMENTO VI.

A Educação dos Sacerdotes Egípcios e o Currículo do Sistema de Mistério mostram que o Egito era a fonte de Ensino Superior no mundo antigo, não a Grécia.

A primeira idéia que temos do capítulo sete é o fato de que a Instituição de Ordens Santas [Holy Orders] originou-se a partir do Sistema de Mistério Egípcio, onde Sacerdotes Africanos eram organizados em várias Ordens e treinados de acordo com sua classificação. Isto fez do sacerdócio, os zeladores da aprendizagem até o alvorecer da era moderna e apontou para os Africanos como os primeiros professores em Educação Superior.

A segunda idéia que temos é que as Sete Artes Liberais também se originaram a partir do Sistema de Mistério Egípcio, pois estes assuntos formavam a base da educação dos Sacerdotes, os quais, além disso, tinham de ser versados nos 42 Livros de Hermes e se especializar em Magia, Hieróglifos, linguagem secreta e simbolismo matemático.

A terceira idéia que temos é que o currículo do Sistema de Mistério egípcio era coextensivo com as necessidades da maior civilização do mundo antigo. Seus livros de texto consistiam de:

—

(i) Os 42 Livros de Hermes.

(ii) O uso terapêutico das Sete Artes Liberais, para a cura da alma do homem.

(iii) As Ciências e Artes aplicadas, conforme revelado pelos monumentos, tais como a escultura, a pintura, o desenho, arquitetura, engenharia.

(iv) As Ciências sociais adequadas para mercado e comércio, tais como geografia, economia e de construção naval.

ARGUMENTO VII.

A Teologia Menfita contém a teologia, filosofia e cosmologia dos Egípcios, e é, portanto, uma fonte autorizada de origem doutrinal.

O Capítulo VIII tenta mostrar que a Teologia Menfita dos Egípcios é a fonte da

(i) filosofia Grega, mostrando que as separadas doutrinas de filósofos são partes dos ensinamentos contidos nela e que Ela é também a fonte de

(II) hipóteses científicas modernas, mostrando que

(a) a Hipótese Nebular e

(b) a suposição de que existem nove planetas principais do sistema solar foi originada a partir de Atom, o Deus Sol Egípcio ou Deus Fogo, que foi mostrado ser idêntico com o átomo da ciência moderna.

É por causa desta grande revelação, ou seja, a identidade do Atom o Deus Sol dos Egípcios com o átomo da ciência moderna que eu tenho recomendado a Teologia Menfita como um novo campo de investigação científica, e a magia o método científico dos Mistérios como a chave para a sua interpretação.

Minha segunda razão é o fato de que a Teologia Menfita é a primeira teoria Heliocêntrica do universo, e minha terceira razão é o fato de que a história da filosofia é a história da ciência.

IX. A Nova Filosofia de Redenção Africana

O Capítulo IX lida com a Nova Filosofia da Redenção Africana, cujo objetivo é redenção mental e social, através da conversão do mundo para a Nova Filosofia, que os Povos Pretos da África do Norte deram a filosofia para o mundo, e não os Gregos; e por recusarem-se não somente a adorar o intelecto Grego, porque é um processo de deseducação [miseducation], mas também por recusarem-se a se submeterem mais a política missionária. A Nova Filosofia de Redenção Africana é uma fuga necessária do povo Preto da sua situação social causada por uma tradição falsa sobre eles, a qual tem sido posta em movimento por

(a) Alexandre o Grande

(b) Aristóteles e sua escola e

(c) Imperadores Teodósio e Justiniano, cujos decretos aboliram os Mistérios Egípcios: o Maior Sistema Educacional e Eclesiástico que o mundo já conheceu, e estabeleceram o Cristianismo como seu perpétuo rival.